

**APRENDIZAGENS
DA REDE CABOCLA
DE EDUCADORES (AS)
DO CONTESTADO**

NASCIMENTO & NASCIMENTO
(Org.)

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA

**APRENDIZAGENS DA REDE CABOCLA
EDUCADORES (AS) DO CONTESTADO**

NASCIMENTO & NASCIMENTO

FLORIANÓPOLIS



2025

REITOR

Zízimo Moreira Filho

PRESIDENTA DO CONSELHO EDITORIAL

Julie Cristiane Teixeira Davet

DIRETORA DO CÂMPUS CAÇADOR

Danielle Regina Ullrich

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Ricardo Guz

COORDENADORA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO

Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento

IFSC CÂMPUS CAÇADOR

Av. Fahdo Thomé, 3000, Champagnat, Caçador, SC.

REDE CONTESTADO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

ORGANIZADORES

Eduardo do Nascimento

Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento

REVISÃO TÉCNICA

Eduardo do Nascimento

Rogério Rosa Rodrigues

Victor de Leonardo Figols

Matheus Fernando Silveira

REVISÃO TEXTUAL

Eduardo do Nascimento

David Severo

Fernanda de Fátima Maciel

DIAGRAMAÇÃO

Eduardo do Nascimento

ARTE DA CAPA

Gerson Witte

**CATALOGAÇÃO NA FONTE PELO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA – IFSC**

N244a NASCIMENTO, Eduardo do (Org.)

Aprendizagens da Rede Cabocla de Educadores (as) do Contestado/
Eduardo do Nascimento, Patricia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento,
organizadores, – Florianópolis : IFSC, 2025.

290 p. : il. ; 29 cm

ISBN: 978-65-83787-09-5

1. Educação cabocla. 2. Educação popular - Brasil. 3. Cultura
cabocla. I. Nascimento, Eduardo do, org. II. Nascimento, Patricia Frangelli
Bugallo Lopes do, org. IV. Título.

CDD 370.9816

Elaborada pela bibliotecária Raquel Matys Cardenuto Gugelmin – CRB14/855

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Eduardo do Nascimento & Patricia Frangelli Bugallo Lopes do
Nascimento p. 6-14

O CONTESTADO COMO UM PASSADO QUE NÃO PASSA E A QUESTÃO EDUCACIONAL

Marli Auras p. 15-36

UM DIAGNÓSTICO DA FORMAÇÃO CIDADÃ NAS ESCOLAS DO CONTESTADO

Eduardo do Nascimento & Patricia Frangelli Bugallo Lopes do
Nascimento p. 37-87

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS A PARTIR DE ELEMENTOS DA CULTURA CABOCLA DO CONTESTADO

Eliane do Prado p. 88-120

UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR CAMPONESA NO CONTESTADO

Abimael de Oliveira de Jesus, Tisiane Killian de Paula & Eduardo
do Nascimento p. 121-145

O ACAMPAMENTO CABOCLO E O RESGATE CULTURAL NO CONTESTADO

Leonardo Aparecido de Lima p. 146-158

“SUGIRA SEU NOME AQUI”: CRIAÇÃO DE FILMES ESCOLARES COM CRIANÇAS

Deiviane Ferreira Velho p. 159-178

BERÇÁRIO DE ARAUCÁRIAS: PLANTANDO E COLHENDO SABERES

Thyago Weingartner de Oliveira Ramos p. 179-202

MÚSICA E IDENTIDADE NO CONTESTADO

Eduardo do Nascimento p. 203-235

A TECNOLOGIA DIGITAL NA APRENDIZAGEM E OS MULTIPLICADORES DO CONTESTADO

Fernanda Aparecida Silva Dias p. 236-255

TRADIÇÃO ORAL, ARTE E CULTURA NO CONTESTADO

Gilson Maximo de Oliveira p. 256-273

OS RESULTADOS DA EDUCAÇÃO CABOCLA DO CONTESTADO

Eduardo do Nascimento & Hellen Heine Carlin Barreto Ferreira
p. 274-290

APRESENTAÇÃO

*EDUARDO DO NASCIMENTO & PATRICIA FRANGELLI
BUGALLO LOPES DO NASCIMENTO*

Olá, em nome da Rede Contestado de Educação, Ciência e Tecnologia, saudamos a todas e todos, educadoras e educadores, caboclas e caboclos, contestadoras e contestadores. Este livro é uma produção singular para a Educação no Contestado, pois, se propõe a disponibilizar o primeiro material didático exclusivo sobre o ensino transdisciplinar das temáticas do Contestado, construído por professoras e professores da educação pública. Abarca uma série de experiências escolares com notórios resultados pedagógicos os quais demonstram as características da Educação Cabocla do Contestado.

Antes disso, como forma de situar o leitor, apresentamos uma breve descrição sobre o Movimento do Contestado, sem a pretensão de esmiuçar o conteúdo, o qual pode ser encontrado no livro “A Guerra Santa do Contestado Tintim por Tintim”, dos organizadores Rogério Rosa Rodrigues, Paulo Pinheiro Machado,

Alexandre Assis Tomporoski, Delmir José Valentini e Márcia Janete Espig de 2023, disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2023/07/A-Guerra-Santa-do-Contestado-Tintim-por-Tintim-ebook.pdf>>. Tal obra é uma introdução completa à História da Guerra do Contestado explicando a Guerra, suas origens, desdobramentos e repercussões. Conta com uma cronologia didática e a indicação de bibliografia especializada. Tem uma organização científica atualizada sobre esse importante conflito social, em linguagem acessível e composição diversificada.

Movimento do Contestado

A presença dos povos originários, descendentes Proto-Jê, designados de forma geral como Xoklengs e Kaingangs os quais habitaram predominantemente a região do Contestado, é estimada entre 700 a 1000 anos. Os primeiros ataques aos Xoklengs e Kaingangs na região por colonizadores invasores iniciaram-se ainda no século XVI, por meio de expedições bandeirantes breves e de extrema violência. Somente com a abertura do Caminho de Tropas entre São Paulo e Rio Grande do Sul, a partir da década de 1730, é que se deu a criação de fazendas nos campos naturais de Guarapuava à Lages. Com isso, houve uma ocupação sistemática

do território indígena com a migração para a região de europeus colonizadores (portugueses e espanhóis) e de africanos escravizados, surgindo os primeiros vilarejos. Entre 1810 e 1840, na transição do período Colonial para o Imperial, ocorreu uma intensa movimentação militar e civil para garantir a ocupação desse território, gerando grande extermínio dos povos originários por doenças e ataques pautados nas políticas públicas da época. Concomitantemente, com o início da imigração principalmente de alemães e italianos, entre outros, eslavos, japoneses e sírio-libaneses, deu-se o fim do domínio secular dos povos originários naquele território.

Desta forma, a partir de imbricadas relações de miscigenação e intercâmbio cultural entre estes povos, os caboclos do Contestado se estabeleceram na região como trabalhadores agregados da pecuária extensiva, da extração da erva-mate e da agricultura de subsistência. O Contestado foi o centro das principais rotas comerciais do século XIX, a partir da movimentação de rebanho bovinos e suínos, bem como, comércio da erva-mate, principal produto de exportação de Santa Catarina e Paraná na época, portanto, tendo influências econômicas e culturais muito diversas.

No final do século XIX, mudanças na estrutura sociopolítica começaram a gerar um grande desequilíbrio nas relações de poder. Quando a Lei de Terras de 1850 viabilizou o registro de propriedades, começa o processo de apropriação de terras devolutas ocupadas por caboclos para a subsistência, se dando o início da concentração fundiária. Os ervais nativos também começam a ser privatizados por coronéis, deixando os caboclos em condição precária. O advento da República e a visão de (des)envolvimento capitalista, emergente naquela época, levaram à construção da ferrovia financiada com capital estrangeiro, a fim de interligar São Paulo ao Rio Grande do Sul. Em troca foram cedidas grandes áreas ocupadas por caboclos para a colonização europeia e para a exploração da madeira da floresta de Araucárias.

Em resistência à estas transformações, o Movimento do Contestado é considerado a maior revolta camponesa da América Latina, por conseguinte, culminando na Guerra do Contestado (1912-1916). Neste período, os caboclos rebeldes edificaram e proclamaram várias Cidades Santas onde seguiam um modo de vida comunitário baseado na crença e nos ensinamentos de São João Maria. Na prática o que se viu foi um massacre, estimado em mais de 25 mil caboclos. Mesmo após o término da Guerra do Contestado, o Estado permaneceu receoso quanto a uma

possibilidade de retomada de levantes sertanejos tendo como pano de fundo o ambiente de culto a São João Maria. Os coronéis representantes do poder local continuaram com a perseguição, expulsão e extermínio da população cabocla da sua área de influência, seguindo até a década de 1940. Assim constata-se que, os movimentos de concentração sertaneja no Contestado, ligados à tradição de São João Maria, tiveram traços fortemente comunitários determinados pela resistência camponesa contra especulação com terras, políticas modernizadoras e mandonismo local, sendo reprimidos com emprego de violência e negação de sua cultura, como afirma o professor Paulo Pinheiro Machado.

No cenário de crescente exclusão social da segunda metade do século XX, através da globalização do capitalismo, da revolução verde e do êxodo rural, somado ao enraizamento do preconceito estrutural, os caboclos do Contestado encontram-se dispersos. Neste período em toda América Latina a questão da reforma agrária torna-se emergente. Com o auxílio das Comunidades Eclesiais de Base, começou-se a organizar na região do Contestado, oposições sindicais em favorecimento dos trabalhadores rurais. Então, se intensificam os conflitos agrários e os caboclos continuam os enfrentamentos históricos pelo território. A partir da organização desses movimentos, os primeiros

assentamentos dos trabalhadores rurais sem-terra ocorreram na região do Contestado, sendo ainda hoje, espaços de resistência da agricultura familiar e orgânica, semente de esperança e força do povo caboclo do Contestado.

O processo de criação deste livro

O Contestado é um tema transversal extremamente importante para a formação cidadã e que tem sido negligenciado pelo poder público, quase que de forma proposital. Os conteúdos insignificantes sobre o Contestado, por vezes errôneos, na grande maioria das escolas, quando existente, é abordado como parte menor e de pouca importância. Daí o atraso de décadas com relação ao ensino do conhecimento científico produzido sobre o Contestado, resultando em um generalizado desconhecimento e desinteresse da população pela história e cultura local. Até poucos anos atrás, projetos individuais sobre o ensino do Contestado eram aplicados em raras escolas, de maneira pontual, a partir da identificação pessoal com o tema de alguns professores desbravadores, atingindo somente uma pequena comunidade de estudantes. A partir de 2018, quando o projeto da Rede Contestado de Educação, Ciência e Tecnologia propõe e fomenta uma agenda

de divulgação científica na região, se dá início à um intenso compartilhamento de experiências entre professores engajados.

Foi a partir dos projetos pedagógicos existentes nas escolas da região e das interações entre seus educadores e educandos, é que surgiu a Rede Cabocla de Educadoras e Educadores do Contestado. Nos encontros desta Rede, determinou-se a necessidade urgente de construção de um material didático apropriado para o ensino do Contestado, considerando que, os materiais disponíveis são insuficientes, frequentemente apresentam distorções, são voltados para a componente curricular de História e pouco organizados. São com algumas destas experiências que, entre abril e agosto de 2024, realizou-se o primeiro curso remoto de formação para educadores sobre o ensino do tema Contestado. O curso intitulado “Aprendizagens da Rede Cabocla de Educadoras e Educadores do Contestado” teve como objetivo capacitar educadores com relação ao ensino interdisciplinar, formal e não-formal para educação básica sobre diferentes aspectos do Contestado. Este curso foi planejado de forma coletiva entre os participantes da Rede Contestado de Educação, Ciência e Tecnologia, da Associação Paulo Freire de Educação e Cultura Popular (APAFEC), do Grupo de Investigação sobre o Movimento do Contestado (GIMC) e pelo

projeto Estação Contestado do Laboratório de Imagem e Som do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Foram produzidas e compartilhadas 16 videoaulas nas quais educadores que já desenvolvem práticas pedagógicas exitosas, explicam as suas metodologias de ensino sobre o Contestado. Além disso, foram realizados outros 6 debates, transmitidos remotamente ao vivo, entre os respectivos professores e convidados, finalizando com mais um encontro presencial da Rede. Os vídeos do curso encontram-se disponíveis no canal Estação Contestado:

<https://www.youtube.com/watch?v=yWclfeipq34&list=PLdPiOLSBqK9xNr7Lc67CnpasTV5rr7Fyc>. Portanto, a contar da organização dos textos relativos às aulas ministradas neste curso, é que se constituiu este livro, que também marca a continuidade dos enfrentamentos seculares do povo caboclo do Contestado, lutas por justiça e fortalecimento da nossa memória e identidade.

Agradecemos grandemente aos professores, Rogério Rosa, Víctor Figols e Matheus Silveira da UDESC pela colaboração no desenvolvimento do curso e pela revisão técnica dos capítulos. Agradecemos enormemente a professora Marli Auras, desbravadora de narrativas contra-hegemônicas sobre a História

do Contestado e que nos abrilhanta com um capítulo inicial. Agradecemos honrosamente aos pesquisadores do Movimento do Contestado e do Observatório do Contestado, Márcia Espig, Paulo Pinheiro Machado, Delmir Valentini e Nilson Fraga pelo apoio e colaboração de imensurável relevância. Gratidão aos professores da rede básica de educação pública, compromissados com as questões do Contestado, com destaque, aos professores que, apesar das 40 horas semanais de aulas, mais 20 ou 30 horas de preparações e estudos extras, mesmo assim, se comprometeram em colaborar na produção de todo o material disponibilizado no curso e para elaboração dos capítulos deste livro. Gratidão especial para os educadores: Eliane do Prado, Deiviane Velho, Hellen Barreto, Arthur Peixer, Gilson Maximo, Vicente de Paula, Nancy Lima, Abimael de Oliveira, Tisiane Killian, Tiago Weingantner, Gerson Witte, Josmar Kaschuk, Fernanda Dias, Leonardo Lima, Elizabete Lima, Abrão Patté e Jilson Carlos Souza. Salve para todos os demais professores que também se colocaram à disposição, mas que por ventura encontraram obstáculos para poderem participar, que auxiliaram na divulgação e acompanharam o curso. Um salve para toda a Rede Cabocla de Educadoras e Educadores do Contestado. Desejos de ótima leitura e aplicação destes conhecimentos! Contestado, dezembro de 2024.

O CONTESTADO COMO UM PASSADO QUE NÃO PASSA E A QUESTÃO EDUCACIONAL

MARLI AURAS

Na definição de um programa escolar e na rotina do trabalho em sala de aula encontra-se subjacente um entendimento de ser humano e de sociedade, ainda que isso não seja discutido e muito menos compreendido. Fato é que o trabalho escolar, em todos os seus níveis, implica formação, algo que requer, para que venha a ocorrer, a transmissão e a socialização de conhecimentos já acumulados universalmente e no âmbito de cada sociedade em particular, tendo em vista possibilitar o crescimento do aluno na perspectiva do seu próprio vir a ser, do seu tornar-se pessoa, no seio dessa sociedade que procura educá-lo.

Como no cerne do trabalho educativo há, em ação, uma dada visão de ser humano e de sociedade, esse trabalho de educar constitui-se, então, num campo aberto à disputa política entre as diferentes partes que compõem a sociedade, ainda que isso, por ser naturalizado, não seja percebido como tal por haver

desconhecimento de sua importância ao longo da história. Por vezes, essa disputa tende a apresentar-se apaziguada, por ter sido fruto de um trabalho de produção do consenso entre essas diferentes partes. Por vezes, ela pode apresentar-se bem barulhenta e pouco afeita, de fato, ao compromisso com a necessidade de estudar, que é tão próprio da condição civilizatória de, ao ouvir o outro, procurar pensar o próprio pensamento, pensar-se, refletir. É o que, infelizmente, se passa neste momento histórico que estamos a atravessar.

A meu ver, salta aos olhos - e só não vê quem não quer ou quem a ignorância cega - a dimensão historicizante da educação como “síntese de múltiplas relações”. Fato é que, no presente, estamos a testemunhar a ocorrência de mudanças profundas (e não necessariamente para melhor, muito pelo contrário!) no âmago do mundo ocidental, sob o domínio do neoliberalismo e a partir do seu poderoso centro difusor, os Estados Unidos. E nós todos somos habitantes do território americano, mais precisamente na América do Sul, um espaço historicamente tido por eles como sendo o seu próprio e vasto quintal. Constituímos, assim, segundo essa lógica colonialista estadunidense, uma grande e extraordinária fonte de recursos naturais, que deve ser posta ao inteiro dispor deles, sempre que isso se fizer necessário. O motor do impedimento da

presidenta Dilma, em 2016, foi a descoberta das volumosas reservas petrolíferas do Pré-Sal. Com a prática desse golpe, impediu-se que os recursos provenientes de tal descoberta viessem a possibilitar que nós, brasileiros, pudéssemos ter em nossas próprias mãos, enfim, um passaporte seguro rumo à construção de um Brasil inclusivo, menos desigual e mais justo, na perspectiva do avanço de um projeto de soberania nacional, que implicaria incluir nossos vastos segmentos subalternos mantidos às margens das políticas públicas. Ou seja, tudo o que os Estados Unidos não querem que ocorra.

O lavajatismo também estava medularmente comprometido com o desmonte das condições alavancadoras do nosso crescimento econômico- social, agravado pelo fato de haver posto Lula na prisão a fim de impedi-lo de chegar à presidência do país nas eleições de 2018. Todos nós, aqui presentes, somos testemunhas vivas disso tudo! Esta condição é fruto de uma grande aliança entre diferentes segmentos das elites brasileiras (no Executivo, no Congresso Nacional, no Judiciário), com seus fiéis porta-vozes presentes na mídia corporativa, também conhecida como “mídia de cativeiro” ou PIG - Partido da Imprensa Golpista (na perspicaz leitura do saudoso Paulo Henrique Amorin), que tudo faz para cultivar, em nossa população, a despolitização, a alienação, o

consumismo, o individualismo, o medo. Regra geral, na grande mídia (Rede Globo à frente, com destaque para o papel do JN - Jornal Nacional) só é veiculado aquilo que interessa às grandes corporações, aos conglomerados financeiros, políticos e religiosos. Tudo é difundido sem a presença do contraponto, do contraditório, que é tão importante para a politização e a formação democrática de um povo, de uma nação. Só vale propagar/propagandear o ponto de vista que interessa ao capital rentista, improdutivo. As grandes questões nacionais e internacionais são simplesmente banidas ou, se veiculadas, são expostas sob cerrada censura, para que não venham ferir os estritos interesses dos patrões e dos seus poderosos patrocinadores, todos comprometidos com as mais altas taxas de lucro, custem o que custarem.

O que estamos a ver (e sofrer) é que, para o neoliberalismo, a forma atual e mais “avançada” do capitalismo, a democracia, outrora historicamente tão necessária, hoje está a constituir-se como um claro estorvo, algo a ser superado e varrido do mapa. É que nele, no neoliberalismo, tudo vira, necessariamente, mercadoria, que é deificada/endeusada. O verbo lucrar passa a expressar, com suas mais nefastas consequências, a força de um imperativo categórico. Os indivíduos passam a ser coisificados, tratados como objetos e, deste modo, somos todos postos na

condição de “peças descartáveis”. A prevalência dessa política aponta, com todas as letras, para o fim do humanismo, ou seja, para a instalação da barbárie entre nós. Não há mais espaço para as políticas públicas de inclusão econômico-social. Assim, todo o aparato governamental que foi criado (sobretudo nos governos Lula e Dilma) com vistas ao desenvolvimento dessas políticas públicas deve ser desmanchado, posto ao rés do chão. Para enfatizar este sentido, basta lembrarmos o que disse o presidente/acidente anterior, hoje inelegível, numa reunião realizada em Washington, logo após haver assumido a presidência do Brasil, no início de 2019: “Eu não vim para construir nada, estou aqui para destruir!”. E esse sujeito fez isso com maestria, pois, como sabemos, é muitíssimo mais fácil destruir do que construir.

Construir implica presença do entendimento, que é resultado de estudos, de pesquisas, enfim, de um acúmulo de saberes absolutamente não disponíveis sem o intento de se buscar por eles, de descobri-los (o sentido da palavra descobrir é tirar o véu, para então poder ver/conhecer e não ignorar), o que só é possível com o trabalho metódico de produção de conhecimento nos campos da Ciência, da Tecnologia, da Filosofia, das Artes. A presença dos jovens bolsonaristas Nikolas Ferreira, na presidência da Comissão de Educação, e de Carolina de Toni, na Comissão de

Constituição e Justiça, no âmbito do Congresso Nacional, escancaram, à luz do sol, essa sanha pela destruição, feito cupins, por dentro das nossas instituições de Estado, sobretudo em áreas tão fundamentais como sabemos que são as da educação, da afirmação da constitucionalidade, da busca por justiça. Afinal, qual o mérito, a contribuição de ambos nesses respectivos - e importantíssimos! - campos de atuação?

Essa política terraplanista é negacionista e regressiva, retrógrada, fascista. Ao negar os avanços da modernidade, busca, a todo custo, o retorno a um passado que idealiza como “bom”. Daí resulta a franca negação dos conhecimentos local e universalmente já acumulados e se procura impedir a possibilidade de sua progressão. Não há reconhecimento dos avanços científicos, que têm a ver, historicamente, com a inclusão social e com a afirmação da civilidade, como é o caso da produção de vacinas e da presença da escola pública. O negacionismo, ao invés do progresso (“Ordem e Progresso”), levanta a bandeira do regresso (“Desordem e Regresso”), que busca impor, a ferro e fogo, com ódio e aos berros, com uma incrível profusão de informações distorcidas e sem qualquer fundamento, pois desgarradas de fatos objetivos que lhes sejam minimamente comprobatórios. As redes (as)sociais, que são ainda um território sem lei, têm sido empregadas pela ultradireita, à

exaustão e sem peias, para difundir suas hipocrisias e enganações. Os grandes veículos de comunicação brasileiros e os prósperos e muitos negociantes da fé têm também atuado, com vigor, para a produção deste processo de distopia ora em curso entre nós, não obstante a vitória do Lula nas últimas eleições para a presidência do país (façamos uma pausa para pensarmos o que seria de nós, os opositores dessa política regressiva, se Lula não tivesse ganhado essa eleição!).

Estamos a conviver com a presença ativa e perigosa do processo de construção da própria negação da política, que vem a ser, como já vimos, um movimento reacionário que, para vencer, exige a eliminação do contraditório - que é o oxigênio que dá vida à oposição -, buscando, com isso, impedir a possibilidade da construção do diálogo entre as partes (tão) desiguais constituidoras de nossa sociedade, cujas maiorias, como sabemos, são historicamente mantidas às margens da representação política. Enfatizo que essa tentativa de inviabilização do processo de construção de consensos é, nada mais nada menos, que a negação do exercício da política, ou seja, a morte da democracia e, como resultado disso tudo, o fim do humanismo e a instalação da barbárie.

Pois não estamos, todos nós, no tempo presente, sendo testemunhas vivas do extermínio do povo palestino? Este genocídio ora em curso - que só não vê quem não quer, pois são abundantes e irrefutáveis os registros postos sobretudo via internet - não está a afirmar, e de modo escancarado, a presença da “banalização do mal” a vicejar entre nós? Este intento de extermínio do povo palestino, além do horror do ato em si, está a denunciar, ou melhor, pré-anunciar, alto e bom som, que o imperialismo estadunidense e seus asseclas, como é o caso de Benjamin Netanyahu, consideram que há, sim, populações ou segmentos de populações que são/serão tratadas como descartáveis, pois tidas como peças sem qualquer utilidade para os interesses cada vez mais excludentes do mundo neoliberal.

Se o motor da educação é o vir-a-ser, como ser educador numa realidade assim, tão atravessada pela distopia, que anda para trás, pois negadora das conquistas da modernidade? Como ser educador num meio em que circulam tantas mentiras “Fake News”? Mentiras que, ao atuarem como húmus, possibilitam frutificar, e abundantemente, o fundamentalismo religioso em suas mais variadas formas e com sua miríade de falsos profetas e messias?

Se procurarmos avançar mais o nosso entendimento acerca do mundo, vamos poder constatar que não é o mundo como um todo que está em processo de desmanche, mas, sim, uma parte dele, que vem a ser o mundo ocidental, no qual nos encontramos e que se encontra sob a estreita hegemonia dos Estados Unidos, a meca do capitalismo. Como sabemos, o sistema capitalista avançou do liberalismo com suas propostas democráticas que implicavam alguma inclusão social, pois ditadas pelo capital produtivo que não podia prescindir, para o seu próprio desenvolvimento, da presença de certas políticas públicas - para o neoliberalismo, dominado pelo capital financeiro, que, ao buscar o lucro a todo custo, prescinde de políticas públicas e, feito um trator, age no sentido de defender as políticas de privatização, que tratam, por exemplo, de vender na chamada “bacia das almas” as empresas estatais (que são nossas, pertencem ao povo) e de destruir direitos trabalhistas tão duramente conquistados. Como se percebe, neoliberalismo e fascismo caminham juntos, pois aquele, para poder avançar, não pode abdicar deste.

Como estamos a ver, e sofrer, o neoliberalismo, sob o comando dos Estados Unidos, só pode ser expandido, no interior de suas próprias fronteiras e para fora delas, pela via da imposição, da coerção, ou seja, da morte da própria política entendida como

campo de construção de consensos, e que, portanto, não pode prescindir da atuação do contraditório. Daí a presença dessa política imperialista belicosa, colonialista, promotora de guerras e mais guerras e do genocídio do povo palestino ora em andamento. Com tal prática de exclusão social, de marginalização e impressionante avanço da pobreza, é óbvio que os povos, se disto tiverem consciência, tratarão de rechaçar, de dizer “não!” aos avanços do neoliberalismo. Por isso mesmo é que se pode compreender o crescimento da ultradireita, do fascismo, no mundo ocidental e, dentro dele, estamos nós brasileiros e catarinenses em particular. E isso é expressão do declínio do mundo unipolar, sob o domínio dos Estados Unidos, que nada tem a nos oferecer a não ser a expansão da pobreza, da fome, do extermínio. A distopia, portanto.

Mas se procurarmos alargar nosso conhecimento lá para o outro lado do mundo, o lado oriental, veremos que um outro mundo é, sim, possível! E este novo mundo está nascendo, sobretudo sob a influência da China e da Rússia, do surgimento dos BRICS. É o mundo multipolar, que aponta para a possibilidade do fortalecimento dos países do chamado Sul Global (onde estamos), na perspectiva da construção de seus (nossos) respectivos projetos nacionais populares, sem a inescapável e histórica usurpação de

suas (nossas) riquezas naturais pelo imperialismo estadunidense. Ou seja, a utopia está viva, pois há no horizonte, sim, a possibilidade de construção de um outro mundo!

Na primeira metade do século passado, em meio à crise provocada pela ascensão da ultradireita europeia (na Alemanha, Hitler e o nazismo; na Itália, Mussolini e o fascismo), Antonio Gramsci, pensador italiano que, a partir de sua concepção dialética da história, conseguia perceber o que, de fato e em profundidade, estava realmente em jogo naquele grave momento histórico, afirmou que “a crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece” (GRAMSCI, 1978). Lá como cá, essa perspicaz afirmação do Gramsci contribui, enormemente, para a compreensão do momento pelo qual estamos passando.

Faço parte das primeiras turmas de professores formados pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, que foi criada no final de 1960. Dez anos após, em 1970, recebi meu diploma de Licenciatura em Geografia. Em 1978, fui cursar o mestrado em Filosofia e História da Educação e, na década seguinte, o doutorado, ambos na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP.

Praticamente toda a minha formação docente foi marcada pela presença de professores e de uma bibliografia bastante crítica, sobretudo lá na PUC/SP, ainda que em plena ditadura civil-militar, pois a universidade estava sob o resguardo da Teologia da Libertação graças a influência direta de sua maior autoridade, o Cardeal Paulo Evaristo Arns, arcebispo-emérito da Arquidiocese de São Paulo, fundador e principal liderança da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, conhecido como “o Cardeal dos Direitos Humanos”. Tal formação me possibilitou desenvolver a compreensão da educação e da escola numa perspectiva historicizante, que busca entendê-la como mediação, como disputa entre diferentes projetos de ser humano e de mundo, ou seja, como “síntese de múltiplas relações”. Foi ao longo dos meus estudos lá na PUC/SP que pude perceber, e entender, algo que me foi e me é particularmente marcante: que a crise da educação brasileira não é propriamente uma crise, mas, sim, é um projeto (Darcy Ribeiro), uma vez que, ao longo da história, as elites brasileiras e catarinenses em particular tudo têm feito para torpedear e assim abortar qualquer possibilidade de que as nossas camadas populares tenham acesso garantido à escola pública, gratuita e de boa qualidade para todos.

Santa Catarina, estado historicamente dominado pela oligarquia Ramos e Konder-Bornhausen, viu emergir, na segunda metade do século passado, profundas modificações em seu quadro econômico-social provenientes do avanço das forças capitalistas, sobretudo após o golpe civil-militar de 1964, que, a ferro e fogo, garantiu anos de tranquilidade para tal desenvolvimento. A chamada máquina governamental pôde ser mais intensamente usada para favorecer os interesses estritos do capital. Todos os grandes grupos econômicos que surgiram em Santa Catarina nesse período conseguiram multiplicar, e fantasticamente, suas respectivas riquezas mediante a promulgação de políticas estatais que lhes eram amplamente vantajosas. Sem sombra de dúvida, o golpe de 1964 alavancou a produção e a concentração da riqueza em solo brasileiro e catarinense em particular.

Não sem razão, nos anos 1960, aqui em Santa Catarina, a formulação das políticas de ampliação das escolas públicas e de formação de professores irá ocorrer sob a hegemonia da FIESC - Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina, como foi o caso do primeiro Plano Estadual de Educação (1969-79). Neste Plano lê-se que “pode haver condições para o desenvolvimento (...) quando (...) a elite política conseguir aparelhar a sociedade para prestigiar as novas empresas e o comportamento inovador”. Nesse

sentido, foi também para atender a forte demanda empresarial que a UFSC, assim que foi criada, tratou de nela instalar o curso de Engenharia Mecânica. A partir de 1960, a população urbana catarinense passa a ser majoritária e, como sabemos, a vida na cidade requer o domínio da palavra escrita.

Nesse acelerado processo de modernização econômico-social, o aparelho governamental catarinense, refém das facções burguesas, em plena ditadura militar, não irá garantir a expansão dos recursos financeiros indispensáveis para assegurar a presença de uma boa escola pública para todos, ainda que tenha decidido estender a escolarização básica obrigatória para oito anos; e isso ocorreu antes da promulgação, pelo governo federal, da Lei 5692/71, que definiu essa expansão para todo o território nacional. Jorge Konder Bornhausen (gestão 1979-82) ainda que tenha propagado que a educação seria a “prioridade das prioridades do seu governo”, acabou por constituir-se, dentre os governantes catarinenses nomeados pela ditadura militar, naquele que menos investiu na área educacional. Em contrapartida, num clima de “paz social” assegurado pela presença da ditadura com seu arsenal belicoso, tudo era feito, por Bornhausen e pelos demais governantes, para assegurar a canalização dos recursos públicos

com vistas à multiplicação da riqueza privada, de modo a afiançar sem amarras o processo de acumulação capitalista.

Esse processo de modernização econômica, fortemente capitalizado por alguns grupos, passou também a gerar, contraditoriamente, profundas modificações na sociedade catarinense, implicando, assim, na possibilidade da constituição de atores históricos fundamentais, graças à ascensão e ao fortalecimento dos movimentos populares, que, em suas práticas, construíam a oposição a tudo isso e apontavam para a necessidade da superação desse desenvolvimento econômico altamente excludente.

No final dos anos 1970 e início da década seguinte, ganhou crescente realce nacional a inovadora proposta político-administrativa que esteve em curso no planalto catarinense, designada como “A Força do Povo”, que foi levada a efeito no município de Lages, sobretudo sob a gestão do prefeito Dirceu Carneiro. Essa proposta foi alicerçada na busca pela conscientização da força da mobilização popular, na participação dos diretamente interessados nas decisões, ou seja, na auto-organização popular. Enquanto o general Geisel, lá em Brasília, falava em “distensão lenta, gradual e segura”, numa estratégia do governo federal para fazer frente às crescentes pressões

populares, Lages apontava, e ousava trabalhar já, para a construção do novo.

É nesse contexto histórico marcado pela distensão política gradual, pela retomada das eleições diretas para o governo estadual e pela alentadora experiência administrativa do peemedebista Dirceu Carneiro em Lages (que se constituiu no carro-chefe da esquerda do PMDB, aglutinando forças suficientes para lançar seu candidato, Jaison Barreto, ao governo do estado), que ganha realce a figura de Esperidião Amin, criado pelas forças conservadoras catarinenses exatamente para responder aos crescentes reclamos populares pela democratização do Estado. Os dois são lançados como candidatos ao governo de Santa Catarina; Jaison Barreto, pela oposição (PMDB) e Esperidião Amin pela situação (PDS). Diante do quadro vigente, as forças conservadoras veem-se na contingência de terem que perceber a presença do outro - as forças populares - na cena política, o que leva o seu candidato a propagar, como proposta de governo, a “opção pelos pequenos”, numa clara corruptela da “opção pelos pobres” caracterizadora do trabalho da Teologia da Libertação e que, desde os anos 1960, vinha conferindo sentido a sua presença, ativa e altiva, no Brasil e em outros países latino-americanos, fato que muito incomodava os poderosos de sempre. Depois de um

concorrido processo eleitoral, Amin foi proclamado vencedor das eleições de 1982 por uma margem apertadíssima de votos (0,69% do total de eleitores), após a Justiça Eleitoral haver demorado dias para anunciar esse resultado e em meio a pesadas denúncias de fraude eleitoral. Durante a campanha, as pesquisas eleitorais, veiculadas pela revista *Veja*, haviam alardeado que Amin venceria Jaison Barreto com uma diferença de 18% dos votos.

Ao explorar as afirmações e contradições do discurso do agora governador Amin, que havia apregoado sua “opção pelos pequenos”, bem como seu anunciado reconhecimento da importância da “participação popular”, o movimento docente, que tinha forte atuação naquele período, logo no início da gestão do novo governador conquistou um processo de ampla discussão para a elaboração do Plano Estadual de Educação, que se estendeu de maio de 1983 até outubro de 1984, e que culminou com a realização, na cidade de Lages, do Congresso Estadual de Educação, que contou com a presença de 538 delegados provenientes das então 20 regiões educacionais catarinenses. Esses delegados eram representantes oriundos das discussões acerca da democratização da educação realizadas desde as bases, ou seja, desde as milhares de unidades escolares catarinenses (procedeu-se de um movimento preparatório, com a realização do

Seminário Estadual, dos Seminários Regionais, dos Seminários Municipais até se chegar aos Debates nas Escolas, para a realização, então, de um movimento inverso, de recolhimento das contribuições desses debates pelos Congressos Municipais, Congressos Regionais e, por fim, o Congresso Estadual de Lages). Ao longo desse processo, até então inédito e irrepetido entre nós, centenas de milhares de catarinenses, espalhados por todo o território estadual, foram desafiados a dar sua contribuição para traçar os rumos da educação escolar, daí resultando o Plano Estadual de Educação 1985-1988, cujo conteúdo apontou para vários avanços, como o fim da continuidade do Sistema de Avanços Progressivos (a famigerada “promoção automática”), a criação do Conselho Deliberativo em cada unidade escolar, a eleição do seu diretor.

A exemplo do que havia feito o então governador Bornhausen com relação a “Lages, A Força do Povo” (quando fez tudo o que pôde para estrangular o que considerava como sendo “a republiqueta socialista de Lages”), o agora governador Amin, não obstante todos os seus fartos discursos em favor da democratização da educação, tratou de lançar mão de todos os meios ao seu alcance para manter e reproduzir a estrutura do poder conservador então existente, e que, ao fim e ao cabo, justifica a sua

própria existência. Afinal, o poder oligárquico não poderia assumir, de fato, o zelo para com a democratização escolar, pois isso implicaria estar trabalhando para ajudar a criar condições históricas favoráveis à sua própria superação.

Nesse mesmo período, diante da sua propalada “opção pelos pequenos”, de que modo as forças conservadoras catarinenses procuraram recuperar a memória acerca do Contestado? Buscando folclorizá-lo, tentando congelar a luta cabocla como algo do passado, aquietado, fruto de tempos idos e que nada tem a ver com os dilemas sociais do presente, cujos vencedores nada têm em comum com os dominantes de hoje. Assim, no interior dessa “opção pelos pequenos”, os grandes, ou seja, os dominantes ao longo de toda a nossa história, buscaram transformar a luta cabocla em coloridos e comportados espetáculos, digeríveis para grandes plateias. Nesse sentido, o Contestado foi explorado inclusive do ponto de vista turístico, com bem-vindos retornos financeiros aos empresários do setor. Foi inaugurado o Museu do Contestado, em Caçador, restaurado o cemitério de Irani, editadas obras contando “causos” pitorescos, realizados certames de gaita-ponto, desfiles, bailes, oratório com centenas de vozes etc. Amin até mesmo fez erguer um grande monumento ao “Homem do Contestado”, em Curitibaanos, por então

entendê-lo como “o mais legítimo dos catarinenses”, em sua tentativa de construir uma identidade, uma marca para Santa Catarina.

Enquanto as forças conservadoras dominantes procuravam disseminar sua visão edulcorada do conflito, retirando dele sua alma, aquela densidade que remete à exigência de se perguntar pela historicidade do presente, com vistas à construção de uma sociedade mais justa, o Movimento dos Sem Terra - MST, por exemplo, recupera, na luta política, as verdadeiras lições do Contestado. Os Sem Terra de hoje, herdeiros da marginalização social dos caboclos de outrora, buscam no Contestado, elementos fortalecedores de sua luta. A partir do ano de 1985, em todo o dia 25 de maio, milhares de homens e mulheres sem-terra reúnem-se em Taquaruçu (primeiro reduto dos caboclos do Contestado), a fim de reafirmar e aprofundar sua presença, enquanto movimento social, na luta pela terra, um direito ainda a ser conquistado neste país e em Santa Catarina em particular.

Por ocasião das comemorações relativas ao centenário dessa guerra, na mesa final da sessão que encerrou o Simpósio do Centenário do Contestado, em Chapecó, em 22 de outubro de 2013, foi aprovada por aclamação a Carta de Irani. Nela denunciou-se, dentre outras questões, que a população remanescente do

conflito, embora então já decorridos cem anos, ainda vivia à margem de políticas públicas de saúde, de educação e de terras, apresentando os mais baixos índices de desenvolvimento humano do sul do Brasil.

Mais de um século após o seu deflagrar, a Guerra do Contestado fustiga nossa aquietada consciência, feito um veio aberto e pródigo em ensinamentos acerca das grandezas e das misérias do nosso processo histórico de formação nacional. Trata-se de um passado que não passa, a atravessar vivamente nosso presente. Daí a importância da continuidade do silenciamento acerca dele ou da propagação de leituras que, no afã de amordaçá-lo, buscam ainda caracterizá-lo como expressão de disputa de limites territoriais interestaduais, de fanatismo, de banditismo, de desordem pública.

Enfim, caras e caros professores aqui presentes, não é possível educar sem esperar, como tão bem nos alertou Paulo Freire. E termino lançando mão de um escrito de Antonio Gramsci,

... cada um transforma a si mesmo, se modifica, na medida em que transforma e modifica todo o conjunto de relações do qual (...) é o ponto central. (...) Todo indivíduo é não somente a síntese das relações existentes, mas também da história destas relações,

isto é, o resumo de todo o passado. Dir-se-á que o que cada indivíduo pode modificar é muito pouco, com relação às suas forças. Isto é verdadeiro apenas até um certo ponto, já que o indivíduo pode associar-se com todos os que querem a mesma modificação; e, se esta modificação é racional, o indivíduo pode multiplicar-se por um elevado número de vezes, obtendo uma modificação bem mais radical do que à primeira vista parecia possível (GRAMSCI, 1978, p. 40).

Referências

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

UM DIAGNÓSTICO DA FORMAÇÃO CIDADÃ NAS ESCOLAS DO CONTESTADO

*EDUARDO DO NASCIMENTO & PATRICIA FRANGELLI
BUGALLO LOPES DO NASCIMENTO*

Introdução

Inicialmente, com o propósito de mostrar como educação, cidadania e pertencimento se relacionam e qual o diagnóstico dessa interrelação na região do Contestado, parte-se do seguinte exemplo: uma criança oriunda dessa região nas décadas de 1980, 1990 até os anos 2000, já urbanizada, cujos avós ou bisavós entraram no êxodo rural, aprendeu muito pouco na escola sobre a história da Guerra do Contestado (1912-1916), quando não, aprendeu errado ou sequer soube da existência. Na aprendizagem dessa criança por meio do convívio familiar e social, tampouco foi comentado no seu cotidiano, portanto, estando estas relações histórico-culturais precarizadas ao olhar aqueles avós vítimas das consequências da Guerra, por meio das lentes do preconceito estrutural, típico do tempo analisado. Sobretudo, porque àqueles avós impediu-se a manutenção da sua forma de vida tradicional e

o acesso ao conhecimento desta história familiar, devido às perseguições e ao apagamento cultural das décadas do pós-Guerra. Desta forma, na construção identitária deste jovem foi preferível distanciar-se daquela figura ancestral degradada pelos valores urbanos, aproximando-se dos novos valores apresentados pela globalização. Porém, ainda vivendo no sertão.

Por outro lado, memórias afetivas não valorizadas pela sociedade, ainda se encontram presentes nesta criança. São memórias do dia-a-dia, construídas no contexto afetivo familiar, embora, não tenham sido consideradas importantes para a formação daquele jovem, dado o Deslocamento Identitário (HALL, 2006). Consequentemente, são memórias que não estarão ativas durante a sua atuação na sociedade. Ao mesmo tempo em que, isso ocorreu de forma generalizada para a grande parcela das pessoas na região do Contestado, o grupo social surgido a partir de tal conjuntura, ficou enfraquecido diante das disputas políticas pela falta de pertencimento e, como efeito, pela falta de engajamento, tornando-o mais suscetível ao controle e esquecimento. Se hoje grande parte das pessoas não reconhecem e não se identificam com as causas da Santa Irmandade Cabocla na Guerra do Contestado (MONTEIRO, 1974; AURAS, 1984; MACHADO, 2004),

então, em nada elas orientarão suas vidas neste sentido, mesmo sendo elas fruto dessa configuração histórica e cultural.

Ao inserir a identidade neste debate, a questão das diferenças culturais constitui uma direção fundamental para se pensar a cidadania, denominado de cidadania ativa. Neste caso, não mais entendendo a cidadania como simplesmente a garantia de direitos e deveres ao indivíduo, mas também, como forma de pertencimento a uma comunidade política. É por meio do desenvolvimento da cultura societária que as pessoas adquirem motivação, abrindo-se um conjunto de opções mais significativas para sua ação, envolvendo as memórias e os valores compartilhados por aquele determinado grupo social. De tal maneira que, os indivíduos idealizam as condições de sua participação cidadã. Por outro lado, na concepção de cidadania passiva, o Estado é quem garante a atribuição legal e formal do cidadão, estabelecendo um conjunto de leis comuns aos indivíduos. Neste caso, a separação do público e do privado torna-se um princípio fundador da ordem social, já que, cada indivíduo possui um juízo de valor diferenciado. Logo, o privado passa a representar a liberdade individual. Portanto, a cidadania implica em liberdades e restrições, benesses e obrigações, poderes e responsabilidades do cidadão junto ao Estado. Na concepção de cidadania passiva a

criação e defesa de uma ordem política particular, condiciona a participação cidadã ao acesso a direitos civis, políticos e sociais. Neste sentido, a igualdade de oportunidades para exercer a liberdade se sobrepõe à importância da cultura e da acessibilidade a partir do contexto social. Ao reduzir a cidadania a sua expressão centrada no indivíduo, o sentimento de uma identidade coletiva é depreciado. Assim, retira-se a força da responsabilidade que cada indivíduo tem em participar da vida comunitária (HELD, 1999; PLASTINO, 2006; SOBOTTKA, OTA & BASSANI, 2011; TUZZO & FIGUEIREDO, 2015).

Apesar de ter-se consolidado uma identidade dominante do global naquele jovem do exemplo inicial, o sentido de pertencimento ao Contestado ainda aflora, envolvendo fatores que adentram nas memórias desvalorizadas. Práticas sociais adotadas na época da Guerra do Contestado, ocasião em que os avós eram netos, perpetuavam valores fundamentais para uma condição de vida mais justa socialmente e sinérgica para o ambiente natural, defronte a problemática da globalização do capitalismo. Por exemplo, as práticas culturais ancestrais, como o benzimento, revelam uma relação holística com o ambiente, integrando práticas naturais de cuidados com a saúde contra a indústria farmacêutica dominante global. Outro exemplo se dá nas práticas alimentares

locais com o pinhão e outros processos orgânicos, os quais favorecem a produção de uma base alimentar agroecológica na mata de Araucárias contra o agronegócio dominante global. Os valores sociais da Santa Irmandade Cabocla, também propõem um modo de vida que vai contra o consumismo e os crescentes índices de desigualdades constatados atualmente (NASCIMENTO, 2022).

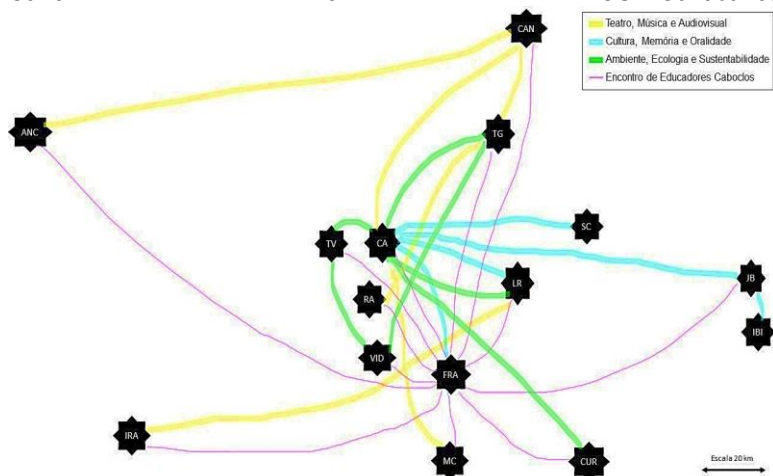
Portanto, aí existe uma interrelação possível entre educação, cidadania e pertencimento, alvo da análise deste capítulo. A partir do contexto antes posto, para entender e atuar na direção da valorização da cultura cabocla do Contestado nos processos educativos, mostra-se de grande relevância científica, tecnológica e social a sistematização dos pontos centrais desta problemática, como forma de orientar as ações de educadores na região do Contestado para o desenvolvimento de metodologias educacionais cujo propósito é a superação desta condição de apagamento cultural. Por isso, este trabalho tem como objetivo definir formas de desenvolvimento da cidadania e suas relações de pertencimento com o contexto histórico-cultural do Contestado, em alguns processos educacionais escolares locais.

Procedimentos Metodológicos

Para atingir o objetivo proposto executou-se as seguintes etapas: i) promoção do compartilhamento interescolar de atividades pedagógicas sobre o Contestado; ii) levantamento da concepção de professores sobre o conceito de cidadania em convergência com suas práticas; iii) determinação das potencialidades e dificuldades na educação cidadã e análise das relações de pertencimento nos processos educativos referentes ao contexto histórico-cultural do Contestado.

O mapa de interações da Fig. 1 mostra os intercâmbios de atividades pedagógicas sobre o Contestado promovidos em escolas da região durante o período de novembro de 2021 a novembro de 2022. Ao todo foram realizados 17 eventos onde estiveram envolvidos mais de 600 estudantes do ensino infantil, fundamental, médio e superior de 15 municípios, além de 66 educadores colaboradores, os quais participaram de forma qualificada e ativa da construção das atividades pedagógicas compartilhadas nestes eventos. Cada uma das atividades realizadas nas escolas foi apresentada em um evento em outro município. Ao final, um encontro dos educadores e educadoras caboclos e caboclas do Contestado, amarrou os conhecimentos construídos nestes eventos (NASCIMENTO, et al, 2024).

Figura 1. Mapa de interações pedagógicas interestaduais com a legenda indicando as temáticas das atividades realizadas. Municípios: CAN-Canoinhas, ANC-Anchieta, TG-Timbó Grande, TV-Taquara Verde, CA-Caçador, SC-Santa Cecília, RA-Rio das Antas, LR-Lebon Régis, JB-José Boiteux, VID-Videira, FRA-Fraiburgo, IBI-Ibirama, IRA-Irani, MC-Monte Carlo e CUR-Curitiba.



Fonte: elaborado pelos autores.

Depois disso, no período de março de 2023 a julho de 2023, aplicou-se a pesquisa aprovada no parecer consubstanciado da Comissão de Ética em Pesquisa (CEP-IFSC) nº 5.705.219, Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 60984222.6.0000.0185. Realizou-se um convite formal a escolas predispostas a ceder espaço para execução da pesquisa com os professores interessados. Após o aceite da

escola e confirmação de data, organizou-se a coleta de dados constituída de duas etapas.

Primeiro, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes, uma questão estruturada de múltipla escolha sobre cidadania foi aplicada. Num questionário foram dispostas 4 frases afirmativas sobre uma visão voltada ao entendimento passivo da cidadania, respectivamente: i) cidadania está relacionada à atribuição legal e formal dos indivíduos, garantida pelos seus direitos e deveres junto ao Estado; ii) na cidadania o direito particular de separação entre público e privado garante a liberdade dos indivíduos; iii) atualmente, o principal meio de atuação cidadã é com a democracia representativa; iv) a cidadania ocorre a partir do acesso aos direitos civis e políticos de cada indivíduo. Foram dispostas juntamente outras 4 frases afirmativas sobre uma visão voltada ao entendimento ativo da cidadania, respectivamente: i) a cultura e a construção histórica de um lugar é fundamental para os indivíduos exercerem a cidadania; ii) o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento comunitário está relacionado à formação cidadã; iii) na cidadania há uma idealização em relação ao compartilhamento de valores entre os indivíduos; iv) o pluralismo cultural favorece a participação cidadã dos indivíduos,

os quais são responsáveis pela organização e mudança da sociedade.

Cada professor participante da pesquisa assinalou 4 das 8 alternativas que mais se assemelhavam a sua compreensão. As frases foram distribuídas de forma aleatória, resultando numa classificação em 5 posições entre as concepções de cidadania ativa e passiva. Responderam ao questionário 72 professores participantes. Entende-se que esta é uma maneira limitada de levantar-se um conceito cuja complexidade é acentuada, mas em termos gerais, esta questão deve apontar para um entendimento predominante entre o grupo de professores estudado.

Na sequência, aplicou-se o método do grupo focal. Este método serve para convergir os posicionamentos dos professores participantes por meio do discurso do sujeito coletivo. O discurso do sujeito coletivo é uma forma de emergir as representações obtidas a partir das opiniões ou expressões individuais emitidas. A metodologia agrupa os conteúdos das opiniões de sentido semelhante presentes em diferentes depoimentos, como se tratasse de uma coletividade falando na pessoa de um indivíduo (LEFEVRE & LEFEVRE, 2014). Foram realizados 7 grupos focais em escolas de diferentes municípios com grupos que variaram entre 5 e 14 professores, totalizando 72 participantes. Os grupos

focais duraram entre 45 minutos a 1 hora e 30 minutos, sendo gravados em áudio na íntegra. Após isto, os áudios foram transcritos textualmente para síntese dos conteúdos presentes.

Na primeira questão alvitada no grupo focal, cada participante fez sua apresentação, enfatizando os componentes curriculares que trabalha, bem como, as tendências das suas abordagens pedagógicas em sala de aula. Assim, avaliou-se as tendências entre a concepção histórico-crítica e a concepção científico-conteudista. Encerrada a apresentação, a questão seguinte foi: como vocês abordam objetivamente a formação cidadã em sala de aula, senão, como observam a presença do tema cidadania na sua prática pedagógica? O assunto não foi introduzido previamente a fim de que fosse observada a posição dos participantes, conforme seguiu o diálogo entre eles. Encerrada esta questão no grupo focal com esgotamento da livre manifestação dos participantes, outra questão norteadora foi colocada, sendo ela: como vocês avaliam seu pertencimento ao contexto local da escola e ao cotidiano dos estudantes? Finalizou-se a atividade do grupo focal ao serem encerrados os relatos sobre essa questão.

Resultados e discussão

Compartilhamento das atividades de ensino sobre o Contestado

A partir das interações mapeadas na Fig. 1, foi possível erigir, pela primeira vez na literatura, um conjunto de práticas exitosas sobre o ensino do Contestado. Promoveu-se junto a escolas, educadores e educandos, em suma, a apresentação de uma peça teatral e um produto audiovisual produzidos pelos estudantes do Centro Municipal de Educação Infantil e Fundamental de Anchieta durante a Semana do Contestado de Canoinhas, onde também foram expostos trabalhos escolares de estudantes. Professores da Escola Estadual de Educação Básica Machado de Assis de Timbó Grande foram capacitados no Centro de Treinamento da Epagri em Videira e desenvolveram o projeto aquarela com argila, apresentado no Instituto Federal de Santa Catarina de Caçador, o qual adicionalmente promoveu na Escola Estadual de Educação Básica Thomaz Padilha, localizada no distrito de Taquara Verde, uma oficina de horta escolar. A Escola Estadual de Educação Básica 30 de Outubro, localizada no assentamento Rio dos Patos em Lebon Régis, produziu peças cerâmicas com as crianças, bem como, apresentou uma peça teatral juntamente com a apresentação do repertório orquestrado de Vicente Telles em Irani. A Escola Estadual de Educação Básica

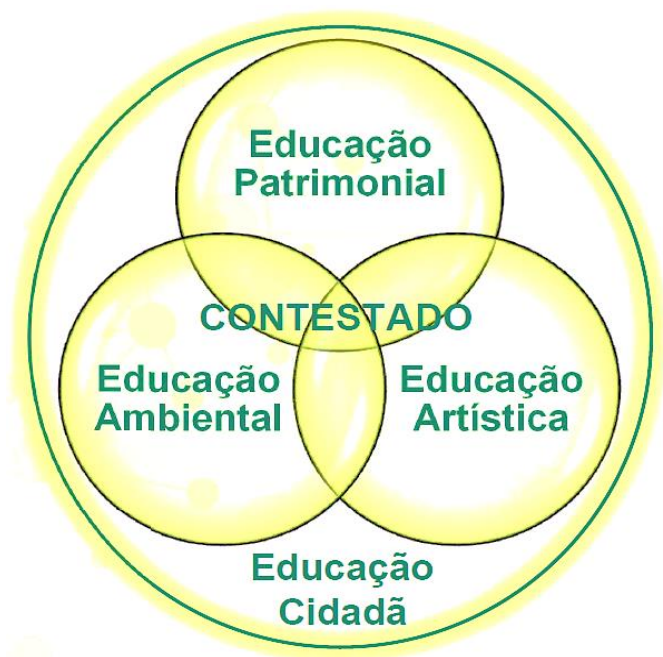
Irmã Irene localizada em Santa Cecília e a Escola Municipal de Educação Básica Padre Biagio Simonetti de Fraiburgo participaram do desenvolvimento da Caixa de Memória (NASCIMENTO, et al, 2023), projeto de colaboração entre o Museu Histórico e Antropológico do Contestado de Caçador e a Universidade Federal de Pelotas. A Escola Nucleada Municipal Jacinta Nunes de Rio das Antas participou de uma oficina de fotografia e podcast por meio do projeto Estação Contestado da Universidade do Estado de Santa Catarina de Florianópolis, que por sua vez, promoveu uma formação para professores em Timbó Grande. O Núcleo Municipal Getúlio Vargas em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, ambos de Curitiba, executaram uma oficina sobre recursos hídricos. A Associação Paulo Freire de Educação e Cultura Popular de Fraiburgo promoveu palestras na Semana do Contestado da Escola Estadual de Educação Básica Professora Virginia Paulina Gonçalves de Monte Carlo, que também recebeu a oficina de música desenvolvida no Instituto Federal de Santa Catarina de Caçador. A Escola Municipal Rural Básica Benedito Therézio de Carvalho, localizada no distrito de Felipe Schmidt em Canoinhas, apresentou o projeto sobre ervas medicinais durante o Encontro da Rede de Educadores Caboclos realizado no Instituto Federal Catarinense de Fraiburgo. A Escola Indígena de Educação

Básica Laklãnõ, localizada na aldeia Palmeirinha em José Boiteux, recebeu a visita do Instituto Federal Catarinense de Ibirama e também participou do Encontro da Rede de Educadores Caboclos, dentre algumas outras interações e atividades pedagógicas feitas. No documentário “A escola no Contestado: Um tempo anunciador” (NASCIMENTO, et al, 2023) estão registradas todas as interações ocorridas.

Os episódios da série documental antes citada, exibem a ancestralidade, promovendo uma narrativa oral e a convergência entre as diferentes gerações. Neste sentido, insere-se uma visão contínua e perpetuada dos valores tradicionais, da experimentação, da memória e da cultura, bem como, estas relações prosseguem em resistência atemporal. Observa-se uma estética da diversidade, são caboclos, crianças, educandos, anciões e educadores. Há passagens questionadoras que revelam o descaso e destacam criticamente a continuidade dos conflitos. Sobre tudo, distingue-se o compartilhamento de conhecimento entre os estudantes, o respeito e o sentido comunitário fortalecido, gerando aproximação com a comunidade a partir da escola. Os episódios trazem uma reflexão sobre o espaço problematizado, ilustrados pelo protagonismo dos estudantes. Ao avaliar-se as temáticas das atividades realizadas nesta etapa inicial, constata-se que, o Contestado é um foco

transdisciplinar, cheio de complexidade, que permite o desenvolvimento da educação cidadã pelo viés do pertencimento, atingido na interseção de três áreas da educação, como esquematizado na Fig. 2.

Figura 2. Esquema da interrelação entre áreas da educação de acordo com as temáticas das atividades pedagógicas executadas na rede de educadores caboclos do Contestado durante o ano de 2022.



Fonte: elaborado pelos autores.

Perfil dos professores e escolas participantes

No processo de compartilhamento das atividades pedagógicas participaram professores das diferentes áreas do conhecimento, não sendo possível correlacionar diretamente a área de atuação com o ensino sobre o Contestado. A princípio o componente curricular de História teria grande afinidade para o ensino da história da Guerra do Contestado. Entretanto, além dos professores das ciências humanas trabalhando o ensino sobre o Contestado, encontrou-se práticas exitosas de professor das ciências exatas trabalhando com as artes, pedagogo trabalhando com patrimônio cultural, ou então, professor das linguagens trabalhando com educação ambiental, desta maneira, introduzindo de forma criativa e notória o ensino sobre o Contestado. Houve uma grande diversidade de práticas interdisciplinares, sendo que, a principal determinação para o êxito das práticas pedagógicas foi a relação de identificação e pertencimento do professor com as questões políticas-ideológicas do Contestado. Todas as instituições participantes foram públicas, sendo desconhecido no âmbito deste trabalho, qualquer projeto pedagógico exitoso sobre o Contestado na rede privada de educação.

Ademais, participaram da etapa subsequente de pesquisa, 22 professores pedagogos dos quais 8 atuavam na educação especial, 14 professores das ciências da natureza (biologia, química e física), 14 professores das linguagens (letras, educação física e artes), 13 professores das ciências humanas (sociologia, filosofia e geografia), 6 professores de matemática e 3 professores encarregados da gestão escolar. Os professores participantes tinham entre 4 a 22 anos de magistério. Na apreciação do perfil dos professores que participaram dos grupos focais, 46,4% deles disseram ter uma abordagem pedagógica predominantemente científico-conteudista, incluindo, sistematização, generalização e problematização de conhecimentos, aulas expositivas e experimentos laboratoriais. 42,0% dos professores relataram ter uma abordagem pedagógica que se aproxima, genericamente, da concepção histórico-crítica, isto é, aulas reflexivas e dialogadas, metodologias ativas, debates críticos e ações sociais externas à escola. 11,6% dos professores disseram ter uma abordagem pedagógica equilibrada e diversificada entre a concepção científico-conteudista e histórico-crítica. Aqui considerou-se as concepções pedagógicas de uma maneira bastante ampla, desconsiderando nuances, para que fosse possível verificar alguma ligação evidente entre a concepção pedagógica e o ensino sobre o Contestado.

Entretanto, tal conexão não pode ser constatada, já que, existiu um equilíbrio entre as concepções. Do mesmo jeito, não foi possível verificar uma relação entre os componentes curriculares e o ensino sobre o Contestado, também mostrando-se volúvel.

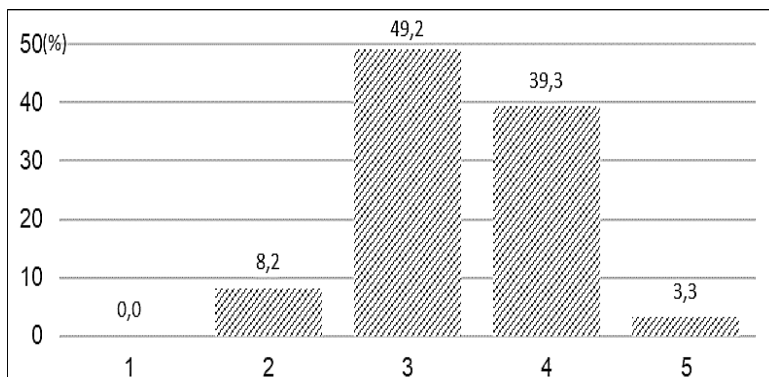
As escolas que participaram da etapa de compartilhamento interescolar de práticas pedagógicas foram mobilizadas em função da atuação notória e individual dos professores, que de alguma forma, já vinham efetuando suas práticas sobre ensino do Contestado nestas instituições. Portanto, observou-se um perfil bastante diversificado, havendo escolas rurais, urbanas centrais e periféricas, de administração municipal, estadual e federal, universidades e associações comunitárias, caracterizando a presença de educadores do ensino formal e não-formal, dos níveis de ensino infantil, fundamental, médio e superior. No geral, a grande maioria das escolas públicas não elabora projetos pedagógicos específicos sobre Contestado, restringindo-se ao insípido conteúdo da Guerra do Contestado presente nos materiais didáticos. Em contrapartida, neste trabalho o diferencial destas instituições participantes é que haviam professores dedicados a um projeto extensivo e destacado de ensino sobre o Contestado, fazendo com que o perfil destas escolas fosse estrito em relação à temática estudada.

Para a aplicação da etapa de pesquisa foram convidadas e contribuíram: Escola Estadual de Educação Básica (EEEB) Thomaz Padilha localizada no distrito de Taquara Verde em Caçador, EEEB Frei Caneca localizada no centro de Lebon Régis, EEEB Machado de Assis localizada no centro de Timbó Grande, EEEB Irmã Irene localizada no centro de Santa Cecília, EEEB Marechal Eurico Gaspar Dutra localizada no bairro São Luiz de Curitiba, Escola Municipal de Educação Básica Presidente Castello Branco localizada no bairro Industrial de Canoinhas e curso de Pedagogia do Instituto Federal Catarinense de Videira. O perfil das escolas componentes da pesquisa engloba uma localidade rural, escolas centrais de municípios com destaque no progresso da identidade cabocla e municípios de menor evidência, tal qual, há escolas que participaram da etapa de compartilhamento com projetos de destaque e escolas que não tiveram esta aproximação. Também há escolas localizadas em bairros, que atuam nas regiões urbanas periféricas, da administração estadual e municipal. Durante a execução dos grupos focais, nenhum dos professores da educação infantil e das séries iniciais se disponibilizou a participar da pesquisa. Assim sendo, buscou-se complementarmente, o relato de discentes dos semestres finais do

curso de pedagogia, aproveitando as suas experiências de estágios no ensino infantil e séries iniciais de alfabetização e letramento.

Como forma de aferir o entendimento do grupo de professores pesquisados com relação à cidadania ativa ou passiva, eles responderam ao questionário antes do grupo focal. Os resultados encontrados estão dispostos no gráfico da Fig. 3. Observa-se que, quase metade dos participantes assinalou 2 questões da perspectiva ativa e 2 da perspectiva passiva de acordo com a sua visão pessoal. No entanto, parte significativa, mais de 40%, assinalou pelo menos 3 alternativas com a perspectiva ativa de cidadania. Consequentemente, pode-se atribuir aos professores uma tendência de entendimento sobre a perspectiva ativa de cidadania. Este fato pode corroborar a afinidade política e o pertencimento do professor às questões do Contestado.

Figura 3. Porcentagem das respostas em função da classificação proposta no questionário sobre a perspectiva de cidadania, sendo ela: (1) assinalado 4 frases da perspectiva passiva; (2) assinalado 3 frases da perspectiva passiva e 1 frase da perspectiva ativa; (3) assinalado 2 frases da perspectiva passiva e 2 frases da perspectiva ativa; (4) assinalado 1 frase da perspectiva passiva e 3 frases da perspectiva ativa e (5) assinalado 4 frases da perspectiva ativa.



Fonte: elaborado pelos autores.

Potencialidades e dificuldades na educação cidadã

No momento do grupo focal os participantes colocaram ênfase aos aspectos que julgaram importantes em resposta ao questionamento sobre a presença do tema cidadania na docência, indicando potencialidades observadas com relação à sua prática. De todos os relatos, apenas um único professor, prof-α, afirmou executar uma metodologia específica cujo objetivo é a formação cidadã. A cada diferente depoimento citado denominar-se-á de

forma abreviada identificando o professor depoente com uma letra grega, como antes prof- α . Neste caso, por meio da pesquisa-ação o determinado professor e seus alunos procuram estudar uma situação social com vistas a melhorá-la por meio dos conhecimentos científicos. Assim, com atividades de conscientização, os estudantes precisam encontrar formas, referentes aos seus direitos e deveres, inserindo-se em uma ação social. Nos demais relatos a cidadania aparece apenas como tema transversal, sem que haja um planejamento metodológico para o ensino da cidadania como objeto. Esta situação é crítica, ao passo que, todas as escolas participantes apresentam nos seus projetos políticos pedagógicos a formação cidadã como sua finalidade. Portanto, há um conflito técnico, sendo que, o cumprimento desta finalidade não tem um processo de gestão claro nas escolas.

Muitos professores expuseram que buscam práticas pedagógicas reflexivas e críticas, porém, a grande maioria deles não planeja trabalhar o tema cidadania. Ainda analisando as potencialidades indicadas, o prof- λ menciona que todos na escola acabam trabalhando um pouco do tema, no caso específico, ele aborda a formação cidadã casualmente, partindo dos deveres que cada indivíduo possui com a sociedade. Assim, procura apresentar problemas de relevância social para que os estudantes possam

refletir e praticar alguma ação quando possível. O prof-μ elabora projetos em componentes curriculares eletivos e não planeja aulas para a temática, mas, salienta que são frequentes os momentos nos quais é necessário falar sobre assuntos correlatos à cidadania. Nestes projetos, os estudantes buscam desenvolver produtos que fiquem para a escola e que outros estudantes também possam utilizá-los, exercitando a sua cidadania. Da mesma forma, o prof-Γ apesar de não trabalhar objetivamente a cidadania em suas aulas, aponta que, a abordagem desse tema é favorecida nos componentes curriculares das ciências humanas. Entretanto, narra que sente dificuldades, justamente por não haver um planejamento sobre o tema, dizendo: “Muitas vezes a gente acaba entrando no assunto por demanda do próprio aluno. Quando você percebe algum tipo de pensamento diferente daquilo que é comum aos alunos, por exemplo, algum tipo de postura cultural antiga. Aí a gente entra no assunto de como a sociedade permitia determinadas práticas e hoje não se permite. Então, a gente acaba entrando no assunto dessa forma, de maneira não muito programada”. Outros professores corroboram, a abordagem sobre cidadania é ampla e trabalhada de forma não específica, comumente presente em momentos reflexivos sobre as sociedades. O prof-Θ também expôs que não tem a cidadania como tema específico, todavia, aproveita

os conteúdos correlatos para trabalhar a questão da participação popular, como forma de fazer o estudante entender o contexto no qual está inserido. O prof-A relatou outros exemplos de práticas pedagógicas na qual houve desenvolvimento da cidadania, mesmo não sendo objetivo destas práticas. Neste caso, quando realizou uma atividade sobre planejamento urbano, os alunos fizeram um estudo de campo, visitando e analisando locais da cidade. Logo, eles observaram que não havia coleta seletiva. A partir disso, os estudantes encaminharam a situação para a câmara de vereadores solicitando providências. Em outra situação, os estudantes escreveram uma redação sobre políticas públicas em educação. A turma redigiu um texto sobre a falta de bolsas de estudo na escola e enviou para a assembleia legislativa de Santa Catarina. Como descrito, existem algumas situações frequentes que os estudantes desenvolvem a sua cidadania, contudo, estes momentos ocorrem sem que o professor medie o aprendizado ou que o estudante tenha consciência de que aquela determinada prática tem como objetivo fazê-lo exercer a sua cidadania, consequentemente, desconhecendo o que é esperado dele.

Outras situações colocadas relacionam a formação cidadã à preparação para o mercado de trabalho e ao cumprimento de regras sociais, como é exposto pelo prof-β, o qual ponderou que o

tema está presente nas suas aulas, principalmente, nas conversas sobre a contribuição de cada indivíduo na sociedade. Desta forma, ele busca transmitir aos estudantes que cada pessoa tem a sua importância, destacando o papel do trabalho. O prof-y explanou que contribui para a formação cidadã desenvolvendo disciplina às regras escolares. Ressaltou ainda que, é necessário ser rígido com as responsabilidades e prazos, preparando assim, o estudante para o mercado de trabalho. O prof-v relatou que a cidadania, na sua intervenção, ocorre durante as temáticas das tecnologias, também favorecendo a preparação dos estudantes para o mercado de trabalho. O prof-δ destaca que, para além da disciplina às regras escolares, a cidadania é observada no convívio escolar por meio do amadurecimento da socialização. O prof-η acredita que a discussão sobre os conteúdos em confronto com a realidade dos alunos pode incentivá-los a pensar nas ações que tomarão na sociedade. Ainda ressaltou que, a questão da cidadania pode ser verificada no discurso do aluno, quando de alguma forma, ele adquire um senso crítico. O prof-ε observa o desenvolvimento da cidadania nas relações sociais e cotidianas entre alunos e professores, citando: “A conversa é outra, a aproximação é outra, e muitas vezes, o distanciamento é outro que acontece quando o aluno tem entendimento do seu papel cidadão”. O prof-Π expôs que o tema

cidadania encontra-se no currículo oculto, assim, o ambiente escolar acaba por moldar os estudantes, com o respeito às normas, com a hierarquia e com a responsabilidade. O prof-ζ confirma: “Cidadania é todo dia, você não precisa falar, hoje a gente vai falar de cidadania, não é um mero conteúdo pra você jogar no quadro”.

Por último, outro fator considerado de grande relevância para a educação cidadã nas escolas foi o componente curricular Projeto de Vida (PV). O PV foi introduzido nas escolas estaduais em 2019 por meio do programa Ensino Médio Integral em Tempo Integral (EMITI) como um núcleo articulador. No programa Novo Ensino Médio (NEM), implementado nas escolas pilotos desde 2021, o PV tornou-se um componente curricular, sendo agora ministrado por um professor específico. O prof-π ministrante do PV, ressaltou que, este componente tem muito a agregar e dá todo o respaldo para o professor trabalhar a cidadania, conforme apontou os conteúdos programáticos: “Nele reflete-se desde a origem da família, depois passando pela comunidade e os interesses individuais dos estudantes”. O prof-Σ situou que no PV são realizadas atividades correlacionadas ao autoconhecer-se e às relações sociais, por isso, a prática de sala de aula deve instigar o aluno a contribuir nesse processo. Mesmo assim, as aulas não têm como título a cidadania. O prof-κ afirmou que o PV é importante

para desenvolver a cidadania ao se introduzir uma reflexão sobre o lugar onde os estudantes vivem. Como exemplo, solicitou aos estudantes que fizessem uma apresentação encenando como seria o trabalho de um guia turístico naquele município. No início os estudantes reclamaram, argumentando que não havia nada atrativo lá. Entretanto, depois de uma visita técnica a um sítio histórico da Guerra do Contestado no decorrer da atividade, os estudantes acabaram fazendo apresentações surpreendentes, mostrando um forte vínculo de pertencimento ao lugar onde vivem, mesmo sem perceberem isso.

Algumas situações de dificuldades na educação cidadã afloraram no grupo focal quando questionados sobre como os professores apuram a consciência dos estudantes com relação ao seu papel cidadão. O prof-v mencionou: “Comigo eles estão trabalhando mais seguindo as orientações, não chegam a perceber a importância de fazer algo para a escola ou para a comunidade”. O prof-φ comentou que, mesmo discutindo em aula problemáticas ligadas ao cotidiano dos estudantes, a maioria deles possui dificuldade em desenvolver uma consciência sobre cidadania e pertencimento, dando o seguinte exemplo: “Eu apresentei o tema no começo para os alunos, sobre o que tinha que se fazer com relação aos problemas socioambientais, que é deixar para o

próximo. Tenho 9 aulas por semana com eles e são só 14 alunos. Na outra semana eu pedi pra eles, já que a gente estava falando sobre casa própria, que me trouxessem um esboço do que eles queriam projetar para a futura casa deles. Dos 14 só uma aluna quis continuar no lugar onde estava. Essa mesma aluna foi a única que projetou a casa no desenho, que teria cisterna, que teria iluminação solar, áreas ventiladas, etc”. O prof-Δ coloca que, nos componentes curriculares das ciências da natureza o tema da cidadania também é constante. No entanto, contrapõe frisando que, apesar de existirem algumas iniciativas na escola para desenvolver tais atitudes, as ações não são concluídas por dificuldades financeiras e burocráticas, conforme relata: “Por vezes eles se portam de modo crítico, de como está o ambiente e de como vão deixar para as futuras gerações. Só que não se colocam à disposição para mudar essa ação no momento em que eles vivem e no local onde vivem”. Em geral, os estudantes gostam de discutir temas relacionados à cidadania, contudo, é recorrente os questionamentos sobre a necessidade de frequentar a escola, já que, muitos deles têm o sentimento de que não terão oportunidades de exercitar seus conhecimentos, pois, no local onde vivem não há grandes perspectivas de atuação na sociedade. O prof-p relata: “É impossível trabalhar filosofia com uma aula por semana, sendo que,

o aluno tem que desenvolver todo o processo reflexivo e crítico para que ele saia e faça com que isso dê resultado. Daí você produz um cidadão de que tipo, você tem um indivíduo que prefere estar fora da sala de aula do que dentro”.

O prof-λ diz: “É um trabalho de formiguinha, a gente ensina lá desde pequeno e a escola é uma continuação disso. No nosso caso aqui, poucos têm essa consciência”. Em seguida cita um exemplo de situação, na qual um estudante após uma conversa sobre determinada situação constrangedora, autorrefletiu sobre as suas atitudes percebendo que, aquela situação era praticada dentro do seu contexto familiar normalmente. O prof-ξ cita outro exemplo sobre o contexto familiar. Neste caso, determinada família quando soube que o estudante não receberia o auxílio financeiro naquele ano, resolveu que o mesmo não frequentaria mais a escola. Assim, foi necessário tomar providências para a continuidade daquele estudante, fazendo valer a obrigatoriedade da educação como um direito dele. Após contar o caso, falou: “Eu acho que essas questões com os nossos alunos ainda são fracas neles, eles não se sentem pertencentes, eles às vezes, não compreendem que tudo que tem na escola é pra ele e por eles”. O prof-ς evidenciou que as famílias estão mais preocupadas com seus direitos do que com os seus deveres, constatando: “Aqui no nosso município as

peças têm essa ideia, de que eu sou um coitado, que eu preciso receber os auxílios, senão, não vou conseguir fazer nada. Para os pais participarem minimamente do dia na escola é sempre usado uma estratégia de dar um algo em troca”. O prof-σ ratifica a questão da influência familiar sobre a atitude cidadã, fornecendo mais um exemplo. Na situação, um determinado estudante não tinha documentação. Quando a escola questionou os pais, estes também não possuíam documentação adequada. Em outro depoimento, prof-ζ relata: “É um trabalho árduo, porque na comunidade que a gente trabalha aqui, eles não acreditam no potencial deles, não se enxergam como cidadãos”. Logo, o papel dos professores e da escola é revelar o potencial de cada estudante e as possibilidades de transformação da sua realidade, estimulando-os a seguir nos estudos e mostrando as oportunidades. Nesta circunstância, a escola localiza-se em um bairro relativamente distante da região central, sendo assim, a grande maioria dos estudantes não possui uma boa estrutura familiar, conforme avalia o prof-ζ. Não foi explicitado os critérios de uma boa estrutura familiar, mas, ficou subentendido que uma boa estrutura familiar tem relação com a condição financeira e com a exposição às violências. O prof-Λ afirmou: “Não são todos que saem entendendo ou pelo menos tendo um pensamento mais reflexivo. A gente sabe que tem muita

gente desinteressada, tem aquelas famílias que não dão apoio”. O prof-B comenta: “Frequentemente a família mesmo não entende o papel cidadão, portanto, isso acaba não sendo incentivado em casa”. Embora o estudante tenha uma formação escolar sistemática, a educação informal de base familiar pode representar um bloqueio ao exercício da cidadania. Desta maneira, o prof-Θ reflete: “A escola é uma construção daquela comunidade, conseqüentemente, como na comunidade haverão aqueles estudantes surpreendentes e engajados, vereadores mirins, ao passo que, a maioria não exerce uma participação ativa”. Seguindo nesta discussão acerca da influência da relação familiar com a escola sobre a atuação cidadão, o prof-Z disse: “Quando a gente falou que os pais não participam, na realidade muitos dos pais não dão atenção mesmo. Por isso, eu procuro dar a maior atenção possível para os estudantes se sentirem acolhidos, porque a gente observa que eles são carentes”. O prof-A indicou o grave problema de evasão que tem ocorrido no ensino médio, de acordo com ele, porque, a escola não está preparada para receber e não conhece o jovem que a frequenta, dizendo: “Tem muita coisa que também a gente desconhece, dentro da nossa comunidade, muitos de nós ainda não sabemos, por isso, é difícil estimular os alunos a participarem”. O prof-Ξ complementou: “Tem que instigar muito pra

eles fazerem algo mais concreto. Dá a impressão que eles recebem tudo meio que pronto, daí utilizam muito o celular, então, muitas vezes não tem noção do papel deles na família e na sociedade”. Destaca-se aqui que, as escolas até promovem eventos voltados para a cidadania, mobilizando os professores, por exemplo para o dia dos pais na escola, entre outros. Entretanto, o prof-M coloca que a dificuldade em trabalhar a cidadania encontra-se na dispersão da noção de valores presente na sociedade atualmente, citando: “Se a gente pegar a participação da família na escola, nos últimos anos foi terrível, a participação é mínima”.

Para fazer o estudante entender que a escola pertence a eles sendo um espaço de formação cidadã, muitas vezes é necessário desconstruir valores rotulados na sociedade. Por isso, os professores indicaram que as turmas com melhores resultados neste sentido têm sido trabalhadas por diversos anos de forma progressiva e continuada. O prof-μ argumenta: “Os estudantes chegam na escola sem terem essa percepção e com o amadurecimento nos anos seguintes começam a ter consciência do seu papel na escola, logo, nessa direção a escola que tem projeto, tem obtido bons resultados”. O prof-ι comentou sobre uma atividade cujo resultado foi positivo em relação ao desenvolvimento da cidadania por meio da aproximação da família com a escola. No

projeto da horta na escola, realizado com os anos iniciais do ensino fundamental, o professor propôs aos pais participarem da construção da estufa juntamente com os alunos. O resultado foi que, fortuitamente, muitos pais compareceram e se empolgaram com a atividade. Relatou o prof-I: “As crianças se sentiram valorizadas, a gente via nos olhinhos delas assim, estavam trabalhando junto com os pais”. Ainda comparou com o momento do retorno aos pais do conselho de classe, no qual muito poucos pais comparecem para conversar com o professor. Ao passo que, no dia da atividade de construção da estufa, esteve presente uma mãe que nunca antes tinha participado do retorno do conselho de classe, portanto, foi nesse momento que o professor conseguiu conversar com ela. Assim, tem-se conseguido resultados promissores com relação à participação dos pais na tomada de decisões nesta escola.

O prof-Y lembrou que na educação especial desenvolve-se a cidadania cotidianamente, buscando respeitar a individualidade de cada estudante, relatando: “Só do meu aluno conseguir sentar sem apoio, já é um avanço. Ano passado meu aluno não escrevia nem o nome, hoje ele quer ler. Só por hoje ele não empurrou ninguém na fila, então, isso é cidadania. Isso é muito importante, muito significativo para o nosso trabalho”. No entanto, pondera que

a maioria das pessoas com deficiência não conhecem os seus direitos, narrando: “Há uma diferença de classes, estudantes de maior poder aquisitivo reivindicam a presença do segundo professor e práticas adequadas, porém, estudantes de menor poder aquisitivo não mostram a mesma atitude”. A partir dessa discussão demais professores validaram a situação, avaliando que, naquela escola existe uma grande diversidade de classes sociais com diferentes níveis econômicos. Ao tratar-se de uma escola localizada na região central do município, recebe estudantes do ensino médio de maior poder aquisitivo situados na região central e estudantes de menor poder aquisitivo situados nos bairros mais distantes. Por conseguinte, diferentes problemas foram apontados em relação a este contexto. Em consequência disso, o prof-θ avaliou: “Grande parte dos problemas que a gente enfrenta é por causa desse conflito de estudantes com realidades diferentes. Chega aqui não podem nem se esbarrar que já dá um conflito. Não conseguem conversar, muitas vezes não conseguem resolver, já quer mudar de turma. Muitos daqueles que têm um poder aquisitivo maior acham que têm prioridade de escolher a turma, para escolher o turno, o lugar pra sentar, de não vir de uniforme, né”. Esta situação acaba moldando a identidade dos estudantes, ao passo que, há uma divisão entre estudantes identificados com aspectos da região

central e estudantes identificados com aspectos da região periférica da cidade, envolvendo aceitação de alguns indivíduos ou não em determinados grupos. Em outro caso relatado, referente aos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, observou-se a mesma diversidade socioeconômica, porém, foi avaliado que esse fato não intervém nas relações escolares. Contudo, o prof-Θ frisa: “A questão financeira não interfere no relacionamento entre as crianças, mas, eu observo diferenças nos níveis culturais conforme a realidade de cada estudante”.

Relações de pertencimento nos processos educacionais

Apesar de, na maioria das escolas pesquisadas não haver um projeto para formação cidadã, de maneira geral, a escola é voltada para essa finalidade. Desde as bases curriculares, passando pelas resoluções normativas e os temas contemporâneos, é na pré-escola que se inicia a formação pedagógica para a cidadania, com o tema norteador “Eu, nós e os outros”. Em nenhuma das escolas pesquisadas os professores da educação infantil e das séries iniciais quiseram participar da etapa de pesquisa. Justamente, no período fundamental em que se introduz sistematicamente na vida das crianças as interações sociais. Assim sendo, buscou-se aplicar a metodologia com

estudantes dos semestres finais do curso de pedagogia, os quais descreveram suas observações durante os estágios curriculares. Neste momento do grupo focal, o prof-u realçou que, principalmente dentro da educação infantil, o pertencimento aparece de forma estereotipada, como por exemplo no dia do “índio”, sempre representado como um sujeito que vive na floresta com poucas vestes, um cocar, arco e flecha. Senão, quando é negado o acesso ao conhecimento, como é o caso da cultura cabocla do Contestado. Declara o prof-u: “Não se conta a história dos caboclos e como eles pertenciam a essa terra. Muitas vezes as crianças são originárias dessa história e mesmo assim não conhecem. Então, acaba não sendo possível a criança se identificar com o caboclo”. O prof-φ acrescenta: “Durante uma observação de estágio estava sendo apresentada as relações do homem em sociedade, no entanto, a professora expunha estas relações sem ponderar as diferenças entre as classes, como se fosse tudo homogêneo e não houvessem conflitos. Tanto que, nessa mesma observação, uma das crianças precisava comprar papel crepom pra fazer uma atividade e outra criança falou assim, nossa, mas é 1 real na papelaria, daí ela respondeu, o meu pai e a minha mãe não têm como comprar”. Neste caso, a professora da turma poderia ter explanado sobre as diferenças de classes sociais e como é fundamental a cooperação

entre as pessoas, mas não o fez. O prof- χ ponderou que, na educação infantil os professores não trazem questões mais críticas presentes na sociedade, se restringindo ao material didático disponível e continuou a discussão dando um exemplo: “Numa observação em sala estava se trazendo a temática dos animais, mas a professora só trabalhou com conteúdo de ciências e português. Ela não fez mais nenhuma relação com os problemas ambientais de hoje. Isso também ocorre em todas as outras temáticas”. Neste sentido, o prof- ψ destacou que, na maioria das práticas para educação infantil há uma padronização, na qual, mesmo em uma atividade artística na qual as crianças deveriam exercer a sua autonomia, normalmente elas não exercem, porque reproduzem o que o professor traz para a aula. Os manuais didáticos priorizam o desenvolvimento da autonomia, contudo, na maioria das vezes, essa situação não é privilegiada na prática. Outro exemplo foi dado pelo prof- ϕ : “Em outro estágio as garrafinhas de água ficavam em cima do armário, para as crianças tomarem água elas tinham que pedir pra alguém pegar as garrafinhas. A gente percebe que os professores querem que o aluno fique ali naquela carteira, sentadinho enfileirado e não abra a boca pra nada, ou então quando o aluno levanta a mão pra falar alguma coisa a professora diz, agora não é hora disso”. Em

contrapartida, o prof-w exemplifica uma situação na qual a partir da intervenção de uma criança, o professor parou a sua atividade para explicar para os demais sobre a questão, fazendo ligações com outros conteúdos. Na situação colocada, o professor ainda incentivou os estudantes a escreverem uma carta. O prof-φ encerra citando: “É bacana você dar esse espaço para criança poder ser mais ativa. O desenvolvimento da autonomia está totalmente ligado à cidadania, então, desde a educação infantil já começa essa construção na criança”. Neste sentido, observa-se como as próprias perspectivas de cidadania passiva e ativa entram em conflito no ambiente escolar, considerando outro exemplo narrado pelo prof-u: “Você tem que seguir as regras, não pode questionar, essa é a concepção de cidadania que começa na escola. Em um estágio as crianças estavam conversando entre si e a professora não gostou, ela levantou, bateu na mesa, olhou pra eles e disse que eles tinham que seguir as regras. Aí a professora fez eles pegarem a agenda e lerem todas as regras que estavam escritas ali”.

Com exceção de 3 dos depoimentos colhidos nos grupos focais, todos os demais professores participantes são naturais da região e afirmaram conhecer o contexto histórico-cultural local, sentindo-se pertencentes à conjuntura que lecionam. Como forma de elucidar as relações de pertencimento e cidadania, o prof-t

relata: “A gente tá tão empolgado querendo passar algum conhecimento pro aluno, poxa, mas ele tá precisando de muito menos, o que ele tá precisando é de outra coisa às vezes”. O prof-Θ cita: “Quando eu faço um teatro com tema livre em sala, daí normalmente aparece, violência, drogas e a realidade em que eles estão inseridos. A partir disso, você vai conhecendo um pouquinho mais a comunidade escolar”. Já o prof-Z confronta relatando: “Eu não consigo ver assim, eu trabalho aqui esse ano, mas ano que vem você não sabe se vai estar aqui novamente, então, tenho um pouco de dificuldade de ver essas situações”. O prof-Ω pondera que, principalmente os professores com Admissão em Caráter Temporário (ACT) não têm tempo de construir uma proximidade com a comunidade escolar, logo que, trabalham a cada ano em escolas e comunidades diferentes. Sobretudo, destaca o prof-Θ: “Apesar de longos anos de magistério, eu comecei a conhecer mais profundamente a realidade da comunidade, somente quando participei de um projeto fora da escola, indo até as casas das famílias dos estudantes”. Ainda, enfatizou a importância de haver um diálogo não formal, cotidiano, entre estudantes e professor para que seja possível construir vínculos, citando: “É muito importante essa relação com os alunos, daí a gente vai descobrindo situações que nem imaginava e tá dentro da tua sala e você não via. O

conteúdo é importante, mas esses momentos de conversa são muito mais profundos. Se nós queremos uma construção da cidadania com efetividade, ela só vai acontecer na interação. Os alunos percebem a afetividade do professor que está envolvido com eles. Para construir realmente o conceito de cidadania tem que haver esse mergulhar na comunidade”.

Por outro lado, o prof-ε enfatiza a questão cultural do Contestado, ligada ao coronelismo, na qual as relações de poder historicamente estabelecidas, impedem que o indivíduo comum participe das decisões na comunidade. Situação essa que se transpõe para além do contexto escolar, tal como nas relações sociais atribuídas pelos professores ao contexto histórico-cultural do Contestado, ao colonialismo e à história das famílias consideradas tradicionais. Destacou-se que, usualmente, os municípios não promovem ações de preservação da cultura local, preferem exaltar traços da cultura européia, logo, não existem elementos de coesão social e identitária, predominando o aspecto econômico. Portanto, são poucos momentos que o professor consegue tocar neste tema. Prontamente, se defronta com as dificuldades desse conflito identitário, acabando por ser atividades descontínuas. Numa escola localizada em um distrito rural, o prof-β afirma que no local o senso de pertencimento é pequeno,

apontando que os estudantes se sentem esquecidos, devido à falta de oportunidades de atuação cidadã que enfrentam. Isto acaba se tornando uma questão familiar, já que os pais passaram pelas mesmas condições e repassam aos filhos a falta de perspectiva quanto à sua contribuição. Desta maneira, os estudantes não se sentem pertencentes ao lugar onde vivem. É reforçado nas declarações dos professores a exploração que ocorre, em especial para as questões do trabalho, mantendo baixa oferta de oportunidades de trabalho qualificado e consequentemente, baixos salários, bem como, as decisões políticas sendo dominadas por um pequeno grupo social dominante.

Por isso, a escola deve criar espaços para que os estudantes possam gerar pertencimento. O prof-ζ expôs que, os pequenos avanços observados são um grande resultado no desenvolvimento da cidadania dos estudantes e exemplifica: “Antes o aluno ia lá e destruía pelo prazer de destruir e hoje ele entende o porquê de, por exemplo, o extintor estar ali. Se eu não troquei vidro nenhuma vez esse ano por conta de alguém que foi lá quebrar, pra mim ele se tornou um cidadão. Ele se sente pertencente à escola, agora ele sabe o sentido de cada coisa que está aqui”. Segue o prof-Ξ: “A gente vê aí enfermeiros, engenheiros, advogados, alguns professores, técnicos, policiais, tem uma boa porcentagem que

estudaram aqui, quando eu analiso isso, aí eu valorizo bastante a escola, porque se eles não fossem preparados aqui, eles não teriam condições de dar conta de fazer isso”. O prof-H diz: “Eu fui aluna problemática e hoje se eu estou aqui é graças à professores que me motivaram, que me apoiaram e que estavam ali do meu lado”. O Prof-A lembrou dos aspectos da gestão democrática, dentre eles, a eleição dos gestores, os grêmios estudantis, o conselho escolar e as consultas realizadas à comunidade. Assim, os estudantes vão gerando um senso de pertencimento à escola, observando que sua escolha também é importante. Por último, enfatizou-se a própria figura do professor como determinante na formação do pertencimento e da cidadania ativa nos estudantes. Evidenciou-se que as dificuldades observadas hoje, já foram vivenciadas no passado, havendo uma grande identificação e relação de pertencimento entre professores, estudantes e o lugar onde vivem. Relata o prof-K: “Nós fazemos o papel de psicólogo, de assistente social, de pai, de mãe, isso a gente faz bastante. É fácil ter empatia porque todos nós tivemos que ralar e correr atrás. Eles também se veem como a gente, por isso, eles querem saber da nossa história. Isso é importante pra construção da cidadania, um ou outro vai usar o exemplo e vai lembrar”.

Conclusão

Ao serem determinadas as potencialidades da educação cidadã, observou-se uma grande diversidade de práticas interdisciplinares. Foram relatadas práticas com vistas à melhoria de problemas sociais com projetos que buscam desenvolver produtos úteis à comunidade. As práticas que procuram a compreensão do contexto no qual os estudantes estão inseridos, bem como, a reflexão crítica em relação às suas atitudes, também foram apontadas como decisivas para o desenvolvimento da educação cidadã. Do mesmo modo, se registrou a grande relevância do componente curricular Projeto de Vida, ao passo que, nele os estudantes refletem sobre a sua origem familiar, as comunidades e os seus interesses no lugar onde vivem. Além disso, visitas técnicas a sítios históricos e locais públicos foram citadas como uma possibilidade na constituição de vínculos de pertencimento. A formação cidadã foi correlacionada ao papel da escola na preparação para o mercado de trabalho, ao cumprimento de regras, responsabilidades e também, no desenvolvimento da socialização, situando-se no currículo oculto. Contudo, estes momentos ocorrem sem que o professor medie o aprendizado ou que o estudante tenha consciência de que aquela determinada

prática tem como objetivo fazê-lo exercer a sua cidadania, consequentemente, desconhecendo o que é esperado dele.

O resultado da falta de metodologias que inserem a cidadania como objeto de ensino fica claro quando os professores avaliam a consciência dos estudantes em relação ao seu papel cidadão. Segundo os relatos, a maioria dos estudantes não têm consciência da importância de sua participação ativa na escola ou na comunidade. Esta situação é evidenciada na discussão referente ao contexto familiar e comunitário das escolas pesquisadas. As próprias famílias não compreendem o papel do cidadão, não acreditando no potencial da participação popular nas instituições públicas como a escola. Observa-se que a acentuada desigualdade entre as classes sociais gera diferentes conflitos, moldando a identidade dos estudantes, consequentemente, sua atuação social. Há uma situação comum de desassistência e falta de compromisso com a educação, resultando num ciclo vicioso de manutenção do baixo engajamento comunitário e do baixo acesso às políticas públicas, predominando nas comunidades uma visão de cidadania passiva, na qual os indivíduos aguardam o Estado promover melhorias nas suas condições sociais.

Evocou-se o grave problema da evasão, ocorrido atualmente no ensino médio, relacionando-o aos recorrentes questionamentos dos estudantes sobre a necessidade de frequentar a escola, logo que, eles têm o sentimento de que não haverá grandes perspectivas de aplicação de seus conhecimentos e atuação na sociedade. Desta maneira, os professores ponderaram que, a escola precisa revelar o potencial de cada estudante e as possibilidades de transformação da sua realidade, estimulando-os. No entanto, atividades que têm esta característica são ofertadas esporadicamente, havendo dificuldades financeiras e burocráticas para a sua manutenção. Muitas das dificuldades encontradas no cotidiano dos estudantes são “desconhecidas” pelos professores e pela escola, ou seja, as dificuldades podem até estar mapeadas, porém, são raras as ações orientadas para o enfrentamento destas. Por isso, estimular a participação da comunidade escolar torna-se um obstáculo nas práticas pedagógicas. Apesar de, as escolas promoverem alguns eventos voltados para a cidadania, a participação é mínima, havendo uma dispersão da noção de valores sociais, como por exemplo, em muitos casos, o dia da participação dos pais na escola se transformou num comércio de comidas e bebidas para arrecadação de fundos, não existindo momentos de efetiva participação e

reflexão dos pais junto à escola. Portanto, é necessário desconstruir valores rotulados na sociedade, respeitando a individualidade de cada estudante. Além disso, os resultados mais promissores acontecem em turmas que têm sido orientadas por projetos específicos por diversos anos de forma progressiva e continuada, com aproximação entre família e escola.

Não foi possível correlacionar diretamente a área de atuação do professor ou a sua abordagem pedagógica e com as práticas de ensino sobre o Contestado, mostrando que estas têm sido introduzidas criativamente de forma interdisciplinar. A relação de identificação e pertencimento do professor com as questões político-ideológicas do Contestado, apurado na tendência de entendimento sobre a perspectiva ativa de cidadania, conecta-se às iniciativas de ensino sobre o Contestado que são realizadas nas escolas públicas. Aqui, é fundamental ressaltar o reduzido grupo de educadores que promove práticas pedagógicas voltadas ao Contestado. Ciente de que o grupo de professores participantes desta pesquisa não engloba a totalidade dos professores engajados nesta temática, não obstante, ainda assim este contingente é limitado devido à falta de identificação deste grupo social. Logo é necessário urgentemente novas associações e fomento a espaços de pertencimento.

A problemática das relações de pertencimento nos processos educativos, respectivamente ao contexto histórico-cultural do Contestado, começa a ser elucidada na ausência da participação de professores da educação infantil e das séries iniciais na pesquisa. Sobretudo, é durante a educação infantil que se começa a formação pedagógica para a cidadania, apresentado às crianças as relações sociais. Depois desse período, a escola deixa de lado a cidadania como objeto de ensino e o estudante volta a ser cobrado somente nos anos finais do seu período escolar, quando consegue cursar até o ensino médio, havendo uma cobrança indireta e pressão social para que este se porte de maneira ativa. Principalmente dentro da educação infantil, o pertencimento aparece de forma estereotipada, ou, quando é negado o acesso, como é o caso da cultura cabocla do Contestado. Em geral, os professores da educação infantil fazem pouca questão de trazer para a sala de aula problemáticas mais críticas presentes nas relações do homem em sociedade. Normalmente, as crianças realizam atividades de reprodução e pouco exercem a sua autonomia. Assim sendo, demonstra-se como a própria perspectiva de cidadania passiva é fortalecida no ambiente escolar, enquanto as práticas dominantes trabalham a habituação das crianças ao cumprimento de regras.

Ao mesmo tempo em que, os professores afirmaram conhecer o contexto histórico-cultural local, sentindo-se pertencentes à conjuntura da escola na qual lecionam, houveram manifestações sobre os problemas causados pela contratação de professores ACT. Constatou-se que este tipo de contratação, diga-se que 70,8% dos professores do Estado tem contrato temporário (MULINARI, 2024), não possibilita ao professor tempo de construir uma proximidade com a comunidade escolar. Sobretudo, revelou-se a necessidade em haver diálogo não formal, cotidiano e extraclasse, entre estudantes e professores para que seja possível construir vínculos sociais de pertencimento. Elaborar uma formação cidadã com efetividade, só acontece a partir da interação entre escola e comunidade. A conjuntura cultural do Contestado, ligada ao coronelismo e ao colonialismo, na qual as relações de poder historicamente estabelecidas produzem complicações a livre manifestação e, mais ainda, a participação dos indivíduos nas decisões públicas, mostra que, tais decisões são dominadas por um pequeno grupo social, política e economicamente hegemônico. Concomitantemente, os municípios não promovem ações de preservação da cultura local, logo, são escassos os elementos de coesão social e identitária. Em raros momentos os professores conseguem tocar neste tema, acabando por serem atividades

descontínuas. Devido à falta de espaços de pertencimento e de oportunidades de participação social enfrentada no Contestado, juntamente com o histórico de gerações que passaram pelas mesmas condições, ocorre a proliferação de uma ordinária perspectiva de atuação cidadã dos estudantes.

Todas as escolas participantes desta pesquisa apresentam nos seus projetos políticos pedagógicos a formação cidadã como sua finalidade. Conclui-se, portanto, que há uma extensa divergência, pois, não existem processos de gestão em relação ao cumprimento desta finalidade e os resultados predominantes vão contra a funcionalidade social da escola. Apesar de muitos professores executarem práticas pedagógicas dialogadas, reflexivas e críticas, a grande maioria deles não planeja trabalhar o tema cidadania. À medida que, a cidadania permeia o currículo oculto, ocasionalmente, os pequenos avanços observados com relação aos cumprimentos das regras escolares e breves intervenções na gestão democrática escolar são os critérios avaliativos no desenvolvimento da cidadania dos estudantes. Resultados estes que, sequer são considerados nos indicadores de qualidade da educação, os quais consideram somente o nível de aprendizagem de conteúdos, ignorando totalmente a condição social das comunidades escolares.

Neste trabalho promoveu-se o compartilhamento intercolar de atividades pedagógicas sobre o Contestado, organizando um conjunto de práticas exitosas, as quais por meio da narrativa oral, destacaram a ancestralidade e a convergência entre as gerações, trazendo para os estudantes uma visão contínua e perpetuada da experimentação, da memória e da cultura cabocla do Contestado. Observou-se questionamentos que mostraram criticamente a continuidade dos conflitos históricos. Nestas práticas problematizou-se o espaço escolar, enfatizando a diversidade e a aproximação com a comunidade por meio do protagonismo dos estudantes. Por estas razões, o Contestado pode ser um foco para a transdisciplinaridade. Concisamente, a educação cidadã, pelo viés do pertencimento, é atingida na interseção da educação patrimonial, com a educação artística e a educação ambiental. Assim sendo, definiu-se formas de desenvolvimento da cidadania em alguns processos educacionais escolares locais, especialmente aqueles com forte vínculo de pertencimento político-ideológico às questões ligadas ao contexto histórico-cultural do Contestado.

Agradecimentos

Agradeço honrosamente aos educadores caboclos que dedicam total motivação e suporte emocional, servindo de exemplo aos jovens do Contestado. Agradeço ao prof. Joni Stolberg e à profa. Zilma Peixer da UFSC pelo apoio na realização da pesquisa. Agradeço ao financiamento das atividades da Rede Contestado de Educação, Ciência e Tecnologia pelo CNPq, MEC, MCTIC e IFSC.

Referências

AURAS, M. **Guerra do Contestado**: A organização da irmandade cabocla. São Paulo: Cortez, 1984.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELD, D. Cidadania e autonomia. **Perspectivas**, v. 22, p. 201-231, 1999.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A.M.C. Discurso do sujeito coletivo: Representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 23 p. 502-507, 2014.

MACHADO, P.P. **Lideranças do Contestado**: A formação e a atuação das chefias caboclas (1912- 1916). Campinas: Ed. UNICAMP, 2004.

MONTEIRO, D.T. **Os errantes do novo século**: Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MULINARI, M. **A situação do magistério catarinense em 2024**. Publicado por: SINTE-SC. Florianópolis. Reportagem. 2024. Disponível em: https://sinte-sc.org.br/Artigo/21948/a-situacao-do-magisterio-catarinense-em-2024-#_ftn2. Acesso em: set. 2024.

NASCIMENTO, E. A identidade em diálogo com as desigualdades no contestado. **Expressa Extensão**, v. 27, p. 22-35, 2022.

NASCIMENTO, E.; et al. Caixa de memória do Contestado: Uma abordagem de ensino transdisciplinar. **Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 13, p. 461-481, 2023.

NASCIMENTO, E.; et al. **A escola no Contestado**: Um tempo anunciador. Publicado por: IFSC, Caçador. Documentário em 6 episódios. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wZlrGepbOxg&list=PLIVhTUSSPOsS1yALpTcdnZfM4gC4rlBgR>. Acesso em: set. 2024.

NASCIMENTO, E.; et al. A rede cabocla de educadores do Contestado. **Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 14, p. 21-42, 2024.

PLASTINO, C.A. A cidadania como pertencimento: uma reflexão a partir da psicanálise. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 4, p. 385-394, 2006.

SOBOTTKA, E.A.; OTA, M.E.; BASSANI, J.C. A cidadania como gramática do pertencimento: Notas para uma leitura de um conceito clássico. **35º Encontro Anual da ANPOCS**, 2011.

TUZZO, S.A.; FIGUEIREDO, L.M.F. A Cidadania e o pertencimento na era da “incompletez”. **Revista Observatório**, v. 1, p. 23-40, 2015.

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS A PARTIR DE ELEMENTOS DA CULTURA CABOCLO DO CONTESTADO

ELIANE DO PRADO

Introdução

Este trabalho é um relato de experiência desenvolvido em uma escola do campo, rede estadual de educação, a Escola de Educação Básica “Trinta de Outubro” localizada no município de Lebon Régis/SC, mais precisamente em um assentamento da Reforma Agrária. A escola tem como um dos principais projetos de trabalho o Contestado e a cultura cabocla onde abrange desde as turmas dos Anos Iniciais até o Ensino Médio. As atividades desenvolvidas se iniciam na escola, no entanto, se expandem com a arte, o teatro, a literatura e o audiovisual.

Com tantos trabalhos desenvolvidos, especialmente nas escolas, houve a necessidade da união de ideias desses professores da região, culminando na “Rede Cabocla de Educadores/as do Contestado”. A criação dessa rede possibilitou o fortalecimento e o reconhecimento dos trabalhos desenvolvidos por

esses educadores, além da troca de experiência, melhorando o que até então poderia ser avaliado como empírico para o campo acadêmico, com legitimidade, como é o caso desta produção.

Para uma melhor compreensão, uma breve contextualização é oferecida para conhecimento dos motivos da busca em ensinar a partir dos elementos da cultura local, no caso, do caboclo do Contestado. Essa contextualização considera o componente curricular de História como carro chefe dos demais componentes, não menos importantes, porém, a História é o pano de fundo para o planejamento e desenvolvimento dessa sequência didática.

A sequência didática relatada, focaliza a relação entre a cultura local dos sujeitos em processo de alfabetização, o que os livros didáticos oferecem e as possibilidades de alinhamento entre as duas para que os estudantes, mesmo da alfabetização, ensinem e aprendam, ou seja, mostra a importância da relação dos estudos com as culturas locais, especialmente no ensino da leitura e da escrita.

Para isso, conta com o apoio de documentos governamentais da Secretaria de Educação, publicações da autora e de autores como Freire (1988), para quem a leitura das palavras é precedida pela leitura do mundo, e ainda, a ruptura entre a leitura

do mundo e a leitura das palavras ocorre quando esse conhecimento prévio não é considerado pela escola, ocasionando o fato do aluno não se ver como sujeito desse processo.

O Contestado no contexto escolar

A proposta do ensino de História para o Ensino Fundamental tem como principal objetivo oportunizar reflexões e debates sobre sua importância para a formação dos estudantes como cidadãos, numa perspectiva de interação entre presente e passado para delinear o futuro, em que a realidade seja compreendida a partir das vivências dos antepassados. Nessa dimensão, na busca de superar o ensino de História enquanto simples repasse de informações, entende-se que o conhecimento histórico é uma construção de vários sujeitos. Pelo componente curricular de História, o professor tem o compromisso de abordar a realidade, considerando as diferenças culturais, sociais, raciais entre outras, não como um conjunto de fatos e acontecimentos estáticos, mas como conhecimento fundamental para a compreensão e a valorização de identidades.

O Caboclo do Contestado, a sua origem, costumes e tradições têm ganhado espaço, inclusive no ambiente escolar, assim como nos livros didáticos, expandindo-se para as demais

ciências sociais, o que possibilita o fortalecimento desse grupo social. A História atual entende o pensamento crítico como produção de conhecimento, o qual leva a um posicionamento contrário à fragmentação da realidade, que desconsidera as versões do oprimido, no caso aqui destacado, o caboclo do Contestado.

Quando ao menos favorecido é negado o direito de contar a sua versão dos fatos, seja por não usufruir do código escrito, mais um direito negado, ou pelo silenciamento da sua voz, ocorre o questionamento sobre a exclusividade de fatos históricos serem reconhecidos somente quando registrados. Considerar a importância da utilização de outras fontes como a oralidade, os gestos, a arte e a música são fundamentais num país de desigualdades.

O conhecimento histórico possibilita e influencia o método tradicional a adaptar-se a uma geração que exige mais da escola nas escolhas do que ensinar e como ensinar, de como relacionar as transformações de uma sociedade culturalmente diversificada, que sofre influências, nem sempre positivas, dos meios de comunicação na formação da identidade. Nesse sentido, o ensino de História tende a desenvolver a formação da cidadania e o papel de cada indivíduo em relação ao grupo em que vive, a sua

responsabilidade na participação como fruto da História, sendo produtor dela.

Assumir-se como caboclo nem sempre agrada a todos que o são. Apesar dos hábitos estarem bem vivos no nosso dia a dia, quando indagados, boa parte da população não se considera cabocla. Talvez seja ignorância sobre o assunto ou pela utilização pejorativa do termo caboclo associado a “jagunço”, “bandido” e “fanático” por parte das autoridades e meios de comunicação. No entanto, na sua maneira de falar e viver, percebe-se que os traços físicos são fortes, além dos costumes e tradições. Podemos citar vários exemplos da tradição do caboclo da época da Guerra do Contestado, que são cultivadas até hoje, seja na culinária, na religiosidade, nos causos, crenças e superstições, nas expressões e ditos populares. Esse é um campo extenso e promissor para pesquisa, inclusive para as crianças da alfabetização.

O uso do livro didático e a cultura cabocla

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), responsável pela avaliação, compra e distribuição desses exemplares às redes públicas de ensino, assim como em outras áreas da educação, traz desafios ao docente, incluindo a

necessidade de conhecer para avaliar a qualidade e a sua contribuição nas aulas ministradas, visto que, a construção do conhecimento exige didática para se concretizar por quem está aprendendo.

No entanto, esses materiais didáticos oferecidos nem sempre comportam toda a bagagem necessária no que se refere às características de um determinado Estado, município e escola. Mesmo que o projeto político pedagógico, como documento que garante a identidade da comunidade escolar, esteja em dia com os anseios desse coletivo que o produziu, os manuais ofertados, em geral, não trazem o conhecimento científico e crítico que o professor necessita para trabalhar essa identidade. Assim, o conhecimento e a cultura local podem correr o risco de não serem estudados, tornando-se um desafio ao professor trazer para o seu planejamento esses conteúdos que estão implícitos, mas não menos importantes para a afirmação da identidade cultural e científica da comunidade em questão.

No que tange à alfabetização e o uso do livro didático, mais especificamente em uma escola do campo, localizada em um assentamento da Reforma Agrária, percebe-se a sua contribuição, no sentido de trazer o “desconhecido” aos estudantes, como a visita a um zoológico ou um passeio na praia. Em contrapartida, a sua

cultura, os seus costumes e tradições, bem como, o conhecimento prévio da criança do campo ficam esvaziados. Nesse sentido, a pesquisa torna-se meio para aprofundar os estudos, buscando possibilidades que não fujam do conhecimento científico, mas estejam atreladas à realidade do estudante (PRADO, 2018).

A escola do campo possui os seus próprios projetos anuais, como “Horta escolar e alimentação saudável”, “Projeto Contestado e cultura cabocla”, “Ervas medicinais e o relógio biológico”, entre outros. Esses são desdobramentos pertinentes à nossa realidade, porém, fora dos livros didáticos. Isso não significa que esses livros devem ser esquecidos. Mesmo não contendo especificamente o que o planejamento do professor propõe, podem ser utilizados como subsídio complementar, é uma ferramenta a mais para o ensino.

A Escola de Educação Básica Trinta de Outubro está localizada no município de Lebon Régis, na região que tem na sua história as marcas da “Guerra do Contestado”, conflito por terras ocorrido entre os anos 1912 e 1916. Temos por herança o sangue caboclo, mistura étnica de indígena, brancos e pretos. Esse é um povo trabalhador e hospitaleiro, porém, sofrido e com marcas de exclusão social, sendo uma delas o número de analfabetos (PRADO, 2018). A economia do município é baseada na

agricultura, por isso, possui características rurais, cujos saberes são passados oralmente de geração a geração, de pai para filho.

Há inteligência e capacidade de aprendizagem nesses estudantes, já que se tornam trabalhadores rurais juntamente com as suas famílias, aprendendo diversas coisas nas suas atividades. Porém, a maneira de ensinar é fundamental ao aprendiz. Sendo assim, a produção do próprio material de aprendizagem, no seu processo de construção, pode ser mais significativo ao estudante, de acordo com a maneira de exploração desse material por parte do professor.

Considerando a experiência de professora alfabetizadora, é correto afirmar que a produção de materiais juntamente com as crianças e não apenas para elas, tem sido uma alternativa para ensinar, podendo-se alfabetizar com a utilização de elementos da cultura cabocla, como nos trabalhos com argila, palha, madeira, cipó, dentre outros elementos dessa realidade. No entanto, deixar em desuso os livros didáticos fornecidos pela escola seria um desperdício, inclusive do dinheiro público. Foram utilizados os livros didáticos Leporo, Cruvinel & Righi (2017) e Silvestre (2019) para planejar essa sequência didática, no sentido de trabalhar elementos da cultura local com os conteúdos do livro didático para a alfabetização.

Objetivos da proposta trabalhada

A experiência registrada teve por objetivo utilizar os livros do PNLD para a alfabetização, de maneira a promover possibilidades de trabalho didático-pedagógico com a produção de material alternativo envolvendo a cultura cabocla, juntamente com as crianças. A partir das atividades desenvolvidas, foi possível promover debates sobre a importância da História na formação humana e, assim, reconhecer o ser humano como sujeito histórico para a compreensão e o respeito das identidades. Também foi possível pontuar nos livros didáticos utilizados as possibilidades de alinhar ao planejamento do professor os conteúdos e atividades para trabalhar elementos da História da Guerra do Contestado. Do início até a conclusão da sequência didática, foi possível analisar as contribuições, assim como, identificar a necessidade de melhorias no que diz respeito à produção dos materiais alternativos e sua aplicação para a transformação dos códigos escritos, ou seja, na cultura da linguagem escrita. Essa reflexão abrangeu os quesitos para uma alfabetização de forma global. Isso ocorreu tanto no desenvolvimento da identidade histórica das crianças na fase de alfabetização, a partir dos elementos da cultura do caboclo do Contestado, quanto para a apropriação dos conteúdos curriculares oficiais.

Etapas da proposta trabalhada

Os conceitos de alfabetização, manuais didáticos e maneira de uso deles se interligam no sentido de que, quando o professor alfabetizador necessita de um apoio didático para suas aulas, esse material é o que está mais presente e mais à mão. Por ele também, é que essa cultura escolar a qual conhecemos vem se perpetuando através dos tempos.

No entanto, “ensinar tudo”, na forma a qual essa cultura escolar nos é imposta, nem sempre traz as particularidades, de forma a respeitar a realidade na qual uma determinada escola está inserida. Esses são desafios que o professor enfrenta, tendo em mãos o manual didático para ser trabalhado, mesmo diante de uma escolha feita por ele, que nem sempre abrange as singularidades regionais e culturais de onde está sendo ofertado.

Na alfabetização, percebe-se que a formação leitora se inicia mesmo antes da criança entrar na escola como instituição, ou seja, a alfabetização com significado engloba três etapas principais: investigação do que a criança já sabe, tematização do que ensinar e problematização (FREIRE, 1988). Dessa forma, quando é proposta uma atividade sobre a Cultura Cabocla, ela não está explícita no livro didático, mas pode ser trabalhada por algum conteúdo oferecido.

O diferencial pedagógico e didático que a escola do campo oferece é o espaço em meio à natureza, a liberdade da pesquisa e estudos voltados para a descoberta, valorização e construção do conhecimento. Na escola do campo, a proposta não é produzir material didático para os estudantes, mas, juntamente com eles, construí-los para que de maneira interdisciplinar as áreas do conhecimento sejam contempladas, incluindo a cultura local. Para Freire (1988), a alfabetização é um ato criador, no qual o analfabeto compreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever, preparando-se para ser o agente dessa aprendizagem. Ele consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais do que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Sendo assim, seguindo a linha construtivista, para ensinar com significado, desafios são lançados para novas descobertas e, assim, concretizar o conhecimento, possibilitando a compreensão do processo para ressignificá-lo.

No que tange à sequência didática mensal, ela ocorreu em junho de 2022, com o 1º ano do Ensino Fundamental, totalizando 40 aulas de 45 minutos. O número de estudantes por turma foi 13 em 2021 e 22 em 2022. O tema gerador, ou seja, ponto de partida para o processo de construção da descoberta (FREIRE, 1988), foi o fogo, como no exemplo de texto mostrado na Figura 1.

Figura 1: Texto base para interpretação utilizando o tema gerador FOGO.

FOGO NO CÉU O BODE FALOU PARA O RATO: - O CÉU PEGOU FOGO! O RATO FALOU PARA A PATA: - CÉU PEGOU FOGO! A PATA FALOU PARA O GALO: - O CÉU PEGOU FOGO! FUGIU O RATO. FUGIU O GALO. FUGIU A PATA. FUGIU O BODE. O BODE VIU A CORUJA E FALOU: -FOGE, CORUJA! O CÉU PEGOU FOGO! O FOGO VAI CAIR NA MATA! A CORUJA VIU O CÉU E FALOU: - O FOGO É UM BALÃO DE SÃO JOÃO. O BODE FALOU: - UM BALÃO DE SÃO JOÃO? VAMOS APAGAR O FOGO DO BALÃO. O FOGO NÃO PODE PEGAR NA MATA! O BALÃO CAIU. O BODE APAGOU O FOGO E PENDUROU O BALÃO E TODOS DERAM VIVAS A SÃO JOÃO. MARY FRANÇA E ELIARDO FRANÇA EDITORA ÁTICA	   O BOATO QUE SE ESPALHOU FOI QUE O CÉU PEGOU FOGO. NUMERE OS PERSONAGENS QUE OUVIRAM O BOATO NA ORDEM CERTA:     () () () () O QUE ERA AFINAL O FOGO NO CÉU? _____ QUEM FOI QUE ESPALHOU INICIALMENTE O BOATO? _____ O QUE ACONTECEU NO FINAL DA HISTÓRIA? _____ _____
--	---

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/577445983476989438/> disponível em:

As atividades textuais realizadas são apresentadas a seguir:

- a) Leitura do texto base escrito no quadro pela professora. Leitura conjunta. Leitura individual de frases com orientação. Leitura das palavras que contém a letra F e, após, com a letra G.
- b) Atividade no quadro: cada estudante encontra uma palavra contendo a letra F ou a letra G, sublinha e faz a

leitura. Os demais fazem o mesmo em sua folha de atividade. Essa folha deve ser colada no caderno para posterior exercício e tarefas de casa.

c) As palavras sublinhadas no texto devem ser reescritas no caderno em duas colunas, sendo os estudantes orientados pelo professor para exercitar o uso do caderno com o devido espaçamento.

d) Contar quantas vezes aparece a palavra FOGO no texto.

e) Encontrar no texto, pintar de vermelho e escrever no caderno as palavras que rimam com NÃO.

f) Fazer a interpretação oralmente de forma coletiva e, após, orientar para responder de forma escrita.

O Quadro 1 mostra as palavras que devem permanecer expostas em cartaz para leitura diária. No cartaz, havia espaço para acrescentar cada palavra geradora que aparecesse no decorrer das atividades. O quadro foi impresso e colado no caderno dos estudantes.

Quadro 1: Quadro para formação de palavras.

FO	GO	
FA	GA	
FE	GE	
FI	GI	GUE
FO	GO	GUI
FU	GU	
FÃO	GÃO	

Escreva palavras com os pedacinhos do quadro mais os que você já sabe:

FOGÃO – FALA – GOLA – LAGO
FUGA – FEIO – GELO – GEMADA
FIGO – FILA – GIBI – FUGITIVO
FIGA – FOCA – GOTA – GOIABA
FOGE – FOGUETE – GULA – GUIA
GAGO – FOFÃO – APAGÃO – FUI
FOFO – GALO – GUERRA – FIO

Fonte: elaborado pela autora.

Um trabalho adicional foi realizado com as imagens das palavras em forma de varal, após o uso do projetor, ou seja, cada dia foi trabalhada uma imagem e, posteriormente, a imagem da mesma foi pendurada no varal providenciado com antecedência. A cada imagem ou palavra lida pela professora, as crianças foram questionadas sobre o que viram. Logo, a partir das hipóteses levantadas pelas crianças, a professora teve noção do conhecimento prévio da turma para desenvolver as demais atividades atreladas aos seus objetivos, assim como o uso do material disponível, incluindo o livro didático como reforço ou para tarefa de casa.

Como no período da alfabetização, os objetivos principais são voltados para a leitura, escrita, interpretação, expressão/oralidade e cálculo. Os conteúdos foram apresentados de forma sintetizada e repetida de diversas maneiras para haver fixação. Alguns conteúdos locais podem parecer complexos para serem trabalhados com crianças tão pequenas. No entanto, as estratégias de trabalho são inúmeras e, apesar de dar mais trabalho para planejar, o resultado é promissor.

Quanto aos componentes curriculares, ao longo das atividades descritas, será possível identificar cada um. De forma alternada, mas mantendo a sequência, cada imagem trabalhada aumentou a possibilidade de analisar a cultura local, no caso, a Cultura Cabocla, pelos elementos históricos selecionados a partir do tema gerador. No caso deste trabalho, o tema gerador, lembrando que é para crianças de alfabetização, é a palavra fogo. Dela, que é a temática geral, virão muitas outras palavras geradoras. Cada palavra geradora teve o seu registro e ilustração, que por sua vez, proporcionou novos debates.

Os conteúdos dos livros didáticos não foram trabalhados na ordem em que aparecem, pois tiveram que se adequar ao planejamento do professor e não o contrário. Para tanto, o material de apoio utilizado foi: “A Guerra do Contestado para crianças”, do

professor Gerson Witte, disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/481221145/a-guerra-do-contestado-para-criancas-pdf>>. Considerando que, a criança aprende pela visualização, audição e interação, as imagens foram de fundamental importância para trabalhar os principais tópicos em forma de relato e com as imagens. O projetor e lousa digital também foram utilizados para a demonstração das imagens. As imagens utilizadas para a aula descrita estão em: “O domínio do fogo”, disponível em: <<https://pt.slideshare.net/slideshow/a-vida-humana-no-paleolitico-32614368/32614368>>. Foi verificado, assim, o modo de viver na pré-história antes do fogo e depois dele, a necessidade de criar ferramentas para facilitar a sobrevivência, assim como criamos ainda hoje, e a importância da coletividade para a preservação do ser humano em sociedade.

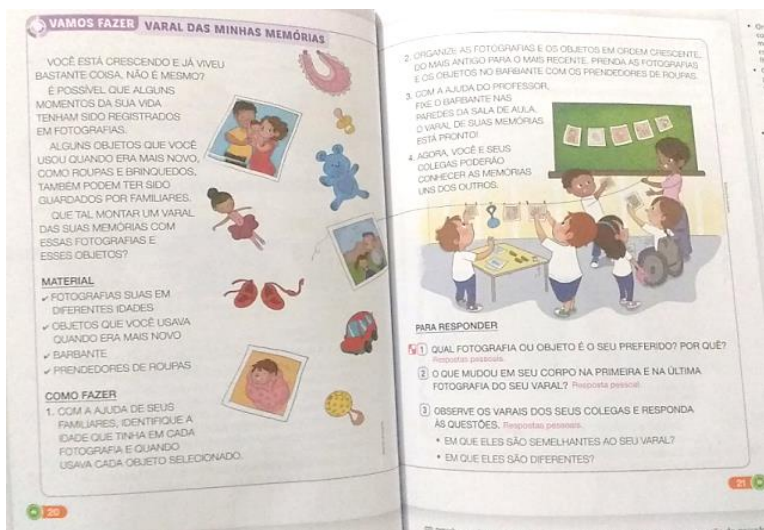
Depois disso, foi refletido com as crianças como na pré-história a escrita ainda não havia sido inventada, mas desenhos já eram feitos nas paredes das cavernas para representar caçadas, animais e outras coisas do dia a dia, preservando, assim, as suas memórias. Com base nesta reflexão de que os desenhos nas cavernas já eram registros de memórias, trabalhar a atividade proposta no livro didático sobre as memórias de cada criança se tornou algo prazeroso e com maior significado, não apenas no

componente curricular de História Geral, mas, na identidade particular de cada criança e do grupo ao qual pertencem, na sua maneira de ser e viver, o que resulta em um modo de vida. A oralidade é muito importante para o desenvolvimento de atividades com crianças em fase de alfabetização, porque contribui com o processo de reflexão sobre a relação entre a fala e a escrita, assim como, a consciência linguística, melhorando o desenvolvimento cognitivo e social, tanto individual como coletivamente. Como exemplo disso, evidenciamos a atividade vista na figura 2, a qual exige muito diálogo para haver compreensão da relação entre fala e escrita, entre memórias faladas e memórias registradas por imagens e os códigos escritos. Para tanto, perguntou-se às quem e como é você, construindo um varal de memórias posteriormente para trazer de casa algo da primeira infância do aluno, para socializar, em relato com os colegas e expor na sala.

Observar a quantidade de atividades preparadas para uma turma de alfabetização pode causar estranheza, às vezes por parecer excessivo, outras vezes por parecer insuficiente. No entanto, o professor alfabetizador considerou os objetivos que pretendia alcançar com essas atividades. As aulas envolveram tarefas de casa e em sala, apresentação aos colegas e exposição do varal, sempre frisando a importância dos registros, o direito de

ler e escrever, de viver em sociedade e as memórias que vêm dos nossos ancestrais, o que resulta em “por que sou assim”.

Figura 2: Atividade disponível no livro didático para trabalhar as memórias.



Fonte: Leporo; Cruvinel & Righi, 2017.

A sequência didática continuou no sentido de saber um pouco sobre como eram as moradias dos nossos ancestrais nessa região fria em que residimos. Para isso, as atividades que seguem foram aplicadas. As casas subterrâneas dos povos originários Proto-Jê eram circulares e tinham de 2,5m a 7m de profundidade, eram construídas em terrenos íngremes, para se proteger da

inundação das chuvas e dos ventos. Isso também garante a ventilação, a iluminação e o aquecimento, ao acender o fogo no fundo e ao centro da casa. No município de Lebon Régis ainda existem vestígios desse tipo de moradia. O texto completo com as imagens das casas indígenas pode ser observado em: <<https://www.facebook.com/historiasesquecidas/photos/a.1485141408449228/2874861266143895/?type=3>>. No estudo apresentado foi utilizado o mapa de Santa Catarina para mostrar a proximidade entre os municípios de Lebon Régis e São José do Cerrito, além da localização próxima de Taquaruçu, no município vizinho de Fraiburgo. Para a mediação neste sentido, foram analisadas as seguintes temáticas: a diversidade, o respeito e o Estatuto da Criança e do Adolescente, com base no direito à moradia, sendo utilizado como material de apoio o livreto “A Guerra do Contestado para crianças” no capítulo “O Contestado antes da guerra”. Quanto ao livro didático foi utilizado o tópico “O mundo que queremos: O respeito a todas as crianças” (LEPORO, CRUVINEL & RIGHI, 2017, p. 24).

Com relação ao tema do fogo, ressaltou-se que ao redor do Fogo de Chão nossos antepassados, o povo caboclo se reunia para contar causo, tomar chimarrão, se aquecer e se alimentar. Foi ao redor do Fogo de Chão que muitos planos, estratégias de guerra e

fuga foram discutidos e decididos. Para demonstrar isso, a imagem utilizada foi “Conselho de Guerra” de Willy Zumblick, disponível em: <https://www.researchgate.net/figure/Willy-Zumblick-Fig-6-Willy-Zumblick-Conselho-de-Guerra-Monge-Jose-Maria-1982_fig2_346317347>. Com relação à utilização do fogo como arma, também se mencionou a passagem da Guerra do Contestado sobre o fogo ateado por soldados na igreja de Taquaruçu, onde muitas crianças, idosos, doentes e mulheres foram mortos.

A partir desse gancho comentou-se sobre os acidentes com fogo e eletricidade, apontou-se que as crianças não devem mexer com fogo, nem com líquidos que possam pegar fogo, como o álcool, a cera, a gasolina ou ainda ligar o gás, nem colocar ou retirar tomadas sem a supervisão de um adulto. Pontuou-se que tanto o fogo como a eletricidade podem causar queimaduras. As imagens trabalhadas nessas questões estão disponíveis em: <<https://box.novaescola.org.br/etapa/2/educacao-fundamental-1/caixa/109/seguranca-em-casa-como-evitar-acidentes-domesticos/conteudo/19114>>. Abaixo estão apresentadas atividades para imprimir. Elas são importantes para que haja além da discussão, a reflexão e fixação do que foi trabalhado em sala de aula. A primeira atividade, “Cuidado com acidentes” está disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/714665034609237370/>> e a

segunda denominada “Prevenção de acidentes” está disponível em: <<https://images.app.goo.gl/TY6QjHmhed5s9Kar9>>. Para se analisar os cuidados comigo e com o outro, deixou-se como atividades para casa a leitura e a ortografia de palavras simples (SILVESTRE, 2019, p. 66-69).

Ademais, ressaltou-se que o caboclo também foi tropeiro. Os tropeiros eram pessoas que faziam o comércio de rebanhos de bovinos e suínos levados a cavalo ou mula do sertão catarinense, serra acima, até o litoral, serra abaixo. Eles comercializavam também alimentos como sal e café. Traziam e levavam cartas e notícias. Alguns lugares por onde passaram ou pousaram com seus animais se tornaram vilas e depois cidades, como é o caso de Pouso Redondo. Muitas das suas passagens também se tornaram estradas importantes como destacado pelo monumento na cidade de Lages, visto na imagem disponível em: <<https://www.cidadeecultura.com/esculturas-e-monumentos-da-serra-catarinense-e-gaucha/>>. Assim como para o homem das cavernas e os indígenas, o fogo tinha grande importância para os tropeiros, fosse para cozinhar ou se aquecer nas noites geladas. A alimentação do tropeiro era simples e bastante salgada para não estragar. A paçoca de pinhão com carne era uma das alternativas, porque durava tempo sem estragar e sustentava para o trabalho

duro, conforme explicado no material de apoio disponível em: <<https://images.app.goo.gl/Ww9SMrYr4pMwUZb37>>. Ainda nesta aula, foram realizadas outras atividades, conforme apresentado no Quadro 2.

Atividade prática: Fogão caboclo

O uso das imagens, como já dito anteriormente, são essenciais para trabalhar com as crianças na fase da alfabetização. A partir delas é chamada a atenção e a curiosidade para dar andamento às aulas. Por isso, introduziu a atividade prática conversando sobre a casa cabocla como observado na Figura 3. Outras imagens de uma casa cabocla, que ainda existe no nosso município, e os seus principais utensílios também foram utilizadas.

A Figura 4 mostra um fogão caboclo ou forno para torrar biju, de acordo com a utilidade. A diferença está no tipo de chapa sobre a base de pedra rebocada de barro com um pouco de cinza. A chapa plana se usava para colocar as panelas em cima. Já a espécie de “disco”, com abas mais altas servia para torrar a massa de milho, transformando-a em casquinhas, o chamado biju de milho. As quantidades eram guardadas em sacos de algodão durando até um mês. Como as famílias eram numerosas e o biju

um dos principais alimentos, o consumo era grande. Com ele eram feitas várias comidas que ainda hoje usamos na nossa culinária como o revirado de biju com feijão, com ovo, com couve, biju com leite e mel, broa de biju, enfim, um cardápio extenso.

Quadro 2: O caboclo do Contestado também foi tropeiro.

VOCÊ SABIA QUE?

- Muitas famílias caboclas quando estavam fugindo da Guerra se alimentavam de pinhão, porque não tinham outra coisa para comer?
 - O pinhão era tão abundante na nossa região que os caboclos engordavam porcos com ele?
 - Os indígenas faziam farinha de pinhão e guardavam em cestos dentro da água corrente para não estragar?
- Agora converse com seus colegas e responda: você já comeu paçoca de pinhão ou outro tipo de comida que tenha pinhão? Desenhe essa comida no caderno e tente escrever o nome dela. Peça auxílio para a professora se precisar.

PROBLEMATIZANDO

Observe a imagem dos tropeiros e faça exercícios matemáticos.

Imagem disponível em:
<<https://images.app.goo.gl/ctGPLiRCSRmLjby1A>>.

1- Marque um X na alternativa correta:

a) Quantas mulas tem ao todo?	12	25	29	18
b) Quantos tropeiros são?	7	10	15	13
c) Quantas mulas estão sem tropeiros?	17	22	18	11

2- Cada mula tem 4 patas. Somando as patas de todas elas quantas são? Desenhe se for necessário.

Fonte: elaborado pela autora.

Figura 3: A casa do caboclo do Contestado.



Fonte: foto retirada pela autora de uma réplica exposta na comunidade de Taquaruçu, interior do município de Fraiburgo, 2022.

Figura 4: Forno a lenha com chapa para fazer casquinha de milho biju.



Fonte: disponível em: <https://images.app.goo.gl/G2csqXJMHjni35Y7>.

Mencionou-se nesta aula, que a professora aprendeu a fazer este fogão com a avó dela, quando era criança e, hoje, ensina outras crianças a fazerem, para brincarem de casinha e comidinha. Em uma tarde as crianças se divertiram com a montagem coletiva do fogão de barro, conforme observado na Figura 5. Para tanto, foram necessários os seguintes materiais:

- a) pedras chatas;
- b) enxada para cavoucar a terra;
- c) água e terra para fazer barro;
- d) uma vasilha para colocar o barro;
- e) uma chapa de metal ou grade de ferro;
- f) um pedaço de cano metálico para chaminé;
- g) coletar lenha seca e gravetos.

Para a inauguração do fogão caboclo, a professora tomou os devidos cuidados aprendidos com o acendimento do fogo, preparando comidas típicas ancestrais, neste caso, foi feito chá de erva-mate com leite e pinhão cozido acompanhado com pipoca preparada na cozinha. O 1º ano convidou outra turma dos Anos Iniciais para socializar com eles. O fogão ficou para uso de todos

da escola. Na manhã fria de junho, ao redor do fogo, muitos causos foram contados, memórias resgatadas e valorizadas pela identificação do que ainda permanece no nosso dia a dia.

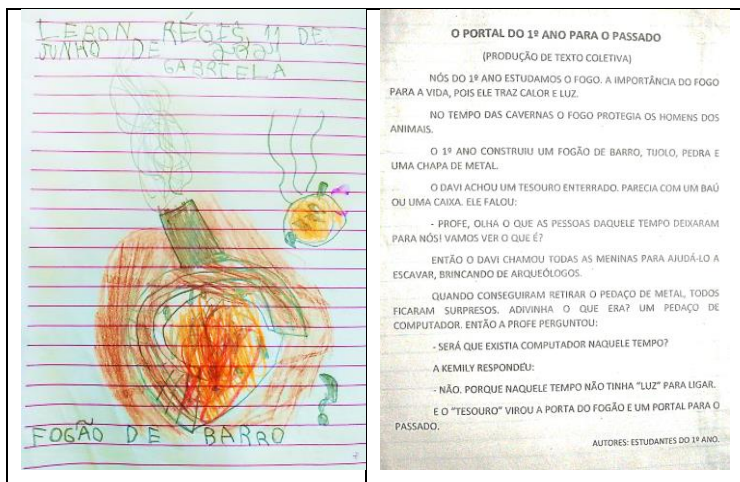
Figura 5: Fogão de barro construído com crianças do 1º ano na escola do campo 30 de outubro em Lebon Régis.



Fonte: acervo pessoal da autora.

De volta à sala, a atividade foi ilustrada individualmente no caderno e um texto coletivo foi produzido, o qual é mostrado na Figura 6. Após isto, o texto foi copiado pelos estudantes nos seus cadernos e digitado para posterior leitura e ditado colorido. O ditado colorido consiste em ditar palavras do texto produzido para que os estudantes identifiquem e as pintem nas suas folhas.

Figura 6: Atividades de culminância sobre a construção do fogão caboclo, desenho e texto coletivo produzidos.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Avaliação do processo de aprendizagem

A avaliação teve caráter formativo e não punitivo ou de premiação. Se alguma criança não quisesse participar das atividades de campo, ela não seria obrigada, podendo apenas assistir. Ademais, foi formativa, porque contribuiu no processo de aprendizagem, sendo uma oportunidade para que o aluno refletisse e avançasse a partir das devolutivas do professor. Não se utilizou notas para avaliar. A avaliação foi descritiva, requerendo habilidades para dialogar, perguntar e ouvir, refletir em conjunto, professor e alunos, sobre o objeto de conhecimento.

A avaliação no processo de alfabetização tem a mesma importância para o professor em avaliar os seus educandos como para avaliar o seu planejamento. Na experiência relatada, os pontos avaliados foram:

- a) Se o alinhamento de atividades voltadas para a cultura local de alfabetização, mais precisamente para a História da Guerra do Contestado juntamente com os conteúdos dos livros do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), promoveram reais possibilidades de trabalho didático-pedagógico de forma efetiva;

- b) Se a produção de material alternativo envolvendo a cultura cabocla, juntamente com as crianças ajudou na motivação para o trabalho em sala de aula para formação de palavras, frases e textos incentivando a criatividade;
- c) Se houve compreensão sobre a importância da História dos nossos antepassados e a sua influência nas nossas vidas;
- d) Se a sequência didática contribuiu para o reconhecimento dos estudantes como sujeitos históricos, incluindo o Contestado.

Ao avaliar os pontos destacados, foi possível perceber que é possível alinhar os conteúdos oferecidos pelos livros didáticos aos conteúdos da cultura local, apesar de ser um pouco mais trabalhoso para planejar. A pesquisa em sites, livros e até entrevistas é fundamental para elaborar um bom planejamento. As atividades de campo são positivas para a fixação dos conteúdos, porém, exigem organização antecipada dos materiais a serem utilizados para otimização do tempo, caso contrário, as crianças perdem o foco, porque não gostam de esperar. Isso pode desmotivá-las na continuidade das atividades de sala de aula.

Pela formação de palavras, frases, texto coletivo, ilustrações e rodas de conversa para exposição do que foi aprendido a cada etapa, foi possível perceber que os elementos da cultura cabocla trabalhados serviram de pistas para lembrar a história da Guerra do Contestado, pois a cada imagem vista como fogo, cruz, trilhos, araucárias, por exemplo, um pedaço da História era lembrada. O levantamento de utensílios, comidas típicas, costumes, crenças e ditos populares, juntamente com a reflexão provocada pela professora, levou a turma a perceber que mesmo depois de “muito tempo”, ainda cultivamos o modo de ser e de viver dos caboclos, inclusive em quem veio de outras regiões.

Por fim, apesar da proposta ser trabalhosa, “não pretendo deixar de utilizar nos meus planejamentos, incluindo demais turmas, quando possível”. Mediar de maneira sábia o tempo de atividades em sala e o tempo de atividades de campo é fundamental. A atividade prática de campo não pode exceder as atividades de sala de aula, porque a prática é executada com maior rapidez enquanto os demais componentes curriculares exigem maior dedicação.

Considerações finais

O principal período de alfabetização é compreendido como os dois primeiros anos do Ensino Fundamental. Nesse período, assim como nos demais, a incorporação de estudos sobre a Cultura Cabocla pode ser trabalhada como um tema multidisciplinar, oferecendo possibilidades de abordar de forma interdisciplinar os diferentes conhecimentos a serem estudados. Ela pode ser acrescentada de práticas didáticas variadas, contribuindo assim, na ampliação do exercício da cidadania, no direito de participar da História e construir uma identidade histórica, acima de tudo, com o dever de dar continuidade dessa história às gerações futuras.

A experiência relatada é uma de várias sequências didáticas desenvolvidas com turmas de alfabetização, considerando a curiosidade da criança na idade de seis e sete anos, a vontade de saber ler e escrever e, ainda, o hábito das brincadeiras, adquirido durante a Educação Infantil. Essas atividades se tornam atrativas e prazerosas, porque promovem momentos em sala e fora dela.

A região do Contestado, em especial o município de Lebon Régis, tem a sua economia baseada na agricultura. Mesmo com tantos recursos tecnológicos, nem todos os agricultores têm acesso a eles, principalmente aqueles da agricultura familiar em

assentamentos. Isso faz com que as técnicas antigas de plantio e cultivo com ferramentas como o xaxo, a prática da coivara ou roça de toco, da plantadeira manual ou saraquá, do manguá usado para malhar/debulhar feijão e da junta de boi permanecem sendo utilizadas pelos agricultores. Apesar dessa falta de acesso a esses bens ser um tipo de exclusão pela má distribuição de renda e recursos tecnológicos, esses meios fazem parte da Cultura Cabocla do Contestado, ou seja, passou mais de um século e ainda permanecem as desigualdades de outrora. Com exemplos reais, torna-se possível fazer com que crianças e jovens percebam que mesmo na sua simplicidade, o Caboclo teve coragem de lutar pelos seus objetivos contra a exploração, a desigualdade social, pelas suas terras, pela sua crença, pelo seu jeito de ser e viver em comunidade e harmonia com a natureza.

Desde criança, o ser humano tem a tendência de gostar de ouvir histórias, sejam elas lidas, relatadas ou como é o caso da região do Contestado os “causos”, contadas pelas pessoas mais velhas para aumentar ainda mais o mundo de fantasia infantil. Por esse e tantos outros motivos, o resgate da cultura e dos saberes ancestrais possibilita a valorização do idoso, as suas experiências e sabedoria. Nesse sentido, a escola se torna um espaço propício para o início dessa conscientização, desde o gosto pelas vivências

das gerações passadas até um maior entrosamento entre idosos, infância e juventude, resultando na continuidade da construção do sentimento de pertencimento à identidade histórica e cultural do Caboclo do Contestado.

Referências

LEPORO, Natalia; CRUVINEL, Mônica Torres; RIGHI, Fernanda Pereira (org.). **Buriti mais interdisciplinar: Ciências, história, geografia, manual do professor**. São Paulo: Moderna, 2017.

FREIRE, P. **A Importância do ato de ler**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988.

PRADO, Eliane do. **A formação de leitores dos anos finais do Ensino Fundamental: contribuições das Artes Visuais**. Dissertação (Mestrado Em Educação). Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2018.

SILVESTRE, Alice Ribeiro (org.). **Vem voar: Língua portuguesa 1º ano, ensino fundamental, anos iniciais**. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 2019.

UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR CAMPONESA NO CONTESTADO

*ABIMAELO DE OLIVEIRA DE JESUS, TISIANE KILLIAN DE
PAULA & EDUARDO DO NASCIMENTO*

Introdução

As palavras que estão aqui semeadas são resultado de uma práxis de educação popular que transcende essa experiência, ligada aos movimentos sociais, em especial nos assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. No entanto, a experiência da realização do curta-metragem “Fantasmas da gruta” e da peça de teatro “A guerra não acabou”, carrega potencialidades tamanhas que dá conta de explicitar uma luta e um cultivo muito mais amplo, de reconstrução da “civilização cabocla” como dizem nossos irmãos da região do contestado.

Partindo dessas reflexões, ademais para apresentar esta experiência. Aqui dialogamos com os contextos de sua realização, mais uma vez nos somando a necessária reconstrução da cultura cabocla. Construção que está em oposição a lógica de intervenção

da ideologia do progresso que inicia na colonização ou na Guerra do Contestado e hoje se atualiza no neoliberalismo, tendo o agronegócio como ponta de lança no ataque à vida dos povos e da natureza, nossa totalidade.

Trata-se então de um reencantar, que diante da crise ecológica se faz urgente e que implica inclusive em salvar a própria humanidade. A cultura cabocla e sua atualização, na prática da agroecologia, por exemplo, é para nós um caminho imprescindível para esse esperar, como diria Paulo Freire. Recentemente Federici (2020) também aponta essa necessidade de nos reencontrarmos com a natureza, assim como fizeram João Maria, Chica Pelega, Maria Rosa e milhares de caboclas e caboclos que tiveram seus nomes e práticas econômico-culturais esquecidos pela história.

... existe otra forma de empobrecimiento que es menos visible pero igual de devastadora y que ha sido prácticamente ignorada por la tradición marxista. Se trata de la pérdida provocada por la larga historia de violencia capitalista sobre nuestras facultades autónomas. Me refiero con esto al conjunto de necesidades, deseos y capacidades que durante millones de años de desarrollo evolutivo en estrecha relación con la naturaleza se han sedimentado en nosotros y que constituyen uno de los orígenes principales de nuestra resistencia a la explotación. Me

refiero a nuestra necesidad de sol, viento y cielo, la necesidad que tenemos de tocar, oler, dormir, hacer el amor y estar al aire libre, en lugar de estar enclaustradas (mantener a los niños encerrados entre cuatro paredes sigue siendo uno de los retos más importantes para los maestros de muchos lugares del mundo). La insistencia en la construcción discursiva del cuerpo nos ha hecho perder de vista esta realidad. (FEDERICI, 2020, p. 270)

Sendo assim, como quem reza e semeia, invocamos essas palavras que brotam da vida e direcionam-se a ela, para que nos ajudem nessa guerra que não acabou.

O contexto socioambiental na época da Guerra do Contestado

A região do Contestado é naturalmente formada por campos de altitude intercalados pelas matas de Araucárias. A formação histórica recente da região se deu em função do tropeirismo, por meio do qual grande parte dos núcleos populacionais foram originados a partir dos movimentos de rebanhos de gado no caminho Sorocaba-Viamão, onde encontravam vastos campos em instâncias de pecuária extensiva. Para consolidar o domínio territorial e aumentar a circulação econômica na rota tropeira, o Governo Republicano deu início a

construção da ferrovia, sendo que, a Linha Sul percorreu a região que na época era objeto da questão de limites territoriais entre Paraná e Santa Catarina, acompanhando as margens do Rio do Peixe, local que já experimentava uma grave tensão social. A partir de 1908 a construção passou a avançar com grande rapidez, sob o comando da *holding* norte-americana *Brazil Railway Company*. Como pagamento da empreitada a *holding* recebeu a concessão de uma faixa de 15 km de terras nas margens de toda a extensão da ferrovia. Em 1911, a Companhia *Lumber*, posse da mesma *holding* do magnata norte-americano Percival Farquhar, montou a maior serraria da América com sede no município de Três Barras e uma filial em Calmon, para exploração predatória da madeira nativa. Em seguida, começou a promover expulsões ilegais e despejos violentos, a fim de preparar a região para a venda de lotes, subsequentemente, vendidos para colonização de imigrantes europeus. Assim, contribuindo fortemente para a deflagração da Guerra do Contestado. Na Serra de Taquara Verde, divisa entre os municípios de Calmon e Caçador e nascente da bacia hidrográfica do Rio do Peixe, em 1920 deu-se início a construção de uma serraria ainda maior, chamada de Serraria Grande. Na época a região contava com mais de 20 serrarias (ESPIG, 2011; VALENTINI, 2015).

Os caboclos do Contestado tinham como meio de subsistência a utilização da floresta. Esta população gerenciava terras de plantar e terras de criar. As terras de plantar eram feitas em pequenas porções com rotatividade de locais nas matas de Araucárias. Neste caso, a mata baixa era roçada e as árvores grandes eram secas pela retirada da casca. No período de seca o local era queimado para limpeza do terreno, que após as chuvas, era utilizado para o plantio de alimentos de subsistência como milho, feijão e abóbora, chamado de Roça de Coivara, um sistema já utilizado pelos povos originários da região. As terras de criar não possuíam dono e eram compostas por trechos chamados de Faxinais, nos quais os animais eram criados soltos de forma coletiva sem o cercamento. A floresta também fornecia fartura de alimentos, favorecendo a criação de porcos soltos alimentados pelo pinhão e também por frutas nativas como a gabiroba e o araçá. A Araucária é símbolo de resistência e prosperidade na cultura cabocla do Contestado, seja pela importante fonte de alimento fornecida pela sua semente, o pinhão, seja pelo alto poder calórico das folhas secas e do nó de pinho, facilitando acendimento e manutenção do fogo, seja pela sua madeira utilizada para material de construção, seja pela importância fundamental desta árvore para a formação do solo, para a fauna e para a flora da Mata Atlântica

(BRANDT, 2014; FÖETSCH, 2014). Desta forma, esta proposta visa relacionar atividades pedagógicas com foco na educação popular camponesa, especialmente por meio das artes e da produção audiovisual, ao ensino da cultura cabocla do Contestado, ao mesmo tempo, também relacionada aos conceitos da agroecologia.

Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra, agroecologia e sustentabilidade no Contestado

No cenário de crescente exclusão social da segunda metade do século XX, não só local, mas em todo o continente latino-americano, por meio do desenvolvimento do capitalismo tardio, da difusão dos latifúndios, da revolução verde e do êxodo rural, somado ao enraizamento do preconceito estrutural, os caboclos do Contestado encontram-se dispersos. Neste período em toda América Latina a questão da reforma agrária tornou-se emergente. Os sindicatos rurais não defendiam os interesses dos pequenos agricultores. Então, começou-se a organizar na região centro-oeste catarinense, oposições sindicais para reorientar a formação de sindicatos autênticos. Em 1980, trabalhadores rurais ao saberem que uma possível reforma agrária que ocorreria no município de Campo Erê, dirigiram-se para o local e ocuparam uma extensa área

de terra. Tratava-se da ocupação da Fazenda Burro Branco, marco na luta pela terra no Brasil e uma das propulsora do desenvolvimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST (MELO, 2021). A partir daí, iniciou-se um grande processo de conflitos entre ocupantes, proprietários, comunidade e alguns setores da igreja católica que apoiava a ocupação. Com a intensificação dos conflitos, diante de uma nova ocupação agora na Fazenda Caldato em 1984, também há o primeiro assassinato por parte do Estado aos trabalhadores do recém criado MST, conforme apontado no documentário “Um grito por vida: Quem matou Olívio Albani?” disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LUXUQjrbR7k&t=6s>>. Exemplo e continuidade da luta e sacrifício do projeto sertanejo.

Ali ocorreu a organização dos primeiros assentamentos da reforma agrária, sendo semente de esperança, semente de vida, semente de resistência, semente de força do povo caboclo do Contestado. Anchieta, município vizinho a Campo Erê, onde os autores desta experiência atualmente residem, também merece menção, pois, foi um dos primeiros municípios do Brasil a trabalhar com o resgate e preservação das sementes naturais, de cultivares variados e antigos, produzidos organicamente, sem tratamentos químicos ou transgenia, chamadas sementes crioulas. Elas foram

cultivadas de forma autônoma e manual por agricultoras e agricultores da região. Essa relação de cultivo e preservação passou por grandes dificuldades a partir da chegada do pacote tecnológico resultante da revolução verde no início dos anos 80. No entanto, Anchieta foi reconhecida como capital catarinense do milho crioulo, em reconhecimento pelo trabalho que exerce com o resgate das sementes crioulas. Isto tem grande importância histórica para a região, logo que, as sementes foram trazidas pelos indígenas, depois, foram cultivadas pelos caboclos, pelos colonos, sendo um grande símbolo de resistência. É claro que há, como em toda a região do Contestado, um apagamento racista que nasce com os próprios processos de colonização e sua “história oficial”, que apresenta o colono branco como protagonista desse processo. Além do mais, o questionamento dessa história monocultural reducionista e racista é também um dos objetivos desta experiência que estamos apresentando. Estes territórios estão umbilicalmente relacionados à experiência que aqui apresentaremos

Hoje, a região do Contestado possui características majoritariamente voltadas aos setores da agropecuária e da indústria madeireira com uma produção superior à média estadual. Destaca-se a grande porção do território destinada às florestas artificiais de Pinus, mais de $\frac{1}{3}$ do total do território, o que

caracteriza absoluta predominância da monocultura. O Pinus foi colocado dentro do pacote tecnológico da revolução verde como forma de substituição da floresta de Araucária, hoje ameaçada de extinção. Atualmente, no Contestado há um processo de perda populacional com a diminuição do número de habitantes, até mesmo no maior centro urbano, como é o caso de Caçador. Segundo o Plano de Desenvolvimento de Santa Catarina 2030, os principais obstáculos ao desenvolvimento da região são a carência de políticas públicas e problemas relacionados ao êxodo rural e sucessão familiar. Além dos graves danos ambientais pela perda da biodiversidade e dos recursos hídricos, existe a manutenção do subemprego. O projeto de desenvolvimento do setor madeireiro para a região é fornecer o ensino fundamental completo para seus trabalhadores até 2025. Isto revela um enorme atraso na qualificação do trabalhador da região. A cultura do Pinus condiciona político-ideologicamente esta situação degradante, na medida em que, as grandes empresas detêm enormes quantidades de terra para o plantio de Pinus. Sobretudo, na região meio-oeste catarinense quase $\frac{3}{4}$ do emprego industrial são gerados pelas indústrias da madeira e de produtos alimentícios (SANTA CATARINA, 2018). Consequentemente, este setor controla o orçamento dos municípios, de sobressalto pagam taxas de

impostos muito baixas, por serem produtoras da sua própria matéria-prima, no caso da madeira. Recursos que não ressarcem os prejuízos socioambientais causados pela atividade agroindustrial.

Não obstante, como também aconteceu com o processo de colonização no oeste, após o genocídio ocorrido na Guerra do Contestado, um projeto de apagamento cultural foi intensamente implementado no século seguinte. Trata-se da imposição de uma racionalidade econômica centrada no lucro, na produção em escala, na especialização funcional, no individualismo, na competição e principalmente na desqualificação do modo de vida do caboclo, rotulando como atrasadas todas as visões e vivências incongruentes do projeto sertanejo no Contestado. Um verdadeiro memoricídio cultural se processou em decorrência dessa ruptura histórica, tornando irrelevante a produção local de conhecimentos, bem como, a sua transmissão entre as gerações. Essa perspectiva da História do Contestado, funcionou como alavanca ideológica para legitimar novos mecanismos de coesão social. Com isto, cria-se uma miragem de um futuro supostamente virtuoso por meio da atividade das grandes indústrias exportadoras dos produtos de madeira, que dependem mais da ciência e da tecnologia e menos

das memórias e identidades coletivas (TOLEDO & BASSOLS, 2015).

Embora essa racionalidade procure se impor ao tentar eliminar os espaços simbólicos locais dos caboclos do Contestado, sua implementação não ocorreu sem que diferentes formas de resistência e recriação cultural fossem ativadas. Promover as bases culturais agroecológicas que permitam a reconstrução do projeto caboclo é uma condição urgente para a superação da crise de civilização que ameaça o futuro. A educação popular camponesa que passa pelos conceitos da agroecologia, estabelece metabolismos socioecológicos de elevada sustentabilidade e resiliência, uma vez que, seus princípios se baseiam no funcionamento da natureza: a diversidade, os processos cíclicos, a flexibilidade adaptativa, a interdependência e os vínculos associativos de cooperação. A paisagem do Pinus é uma das maiores cicatrizes deixadas pela Guerra do Contestado, logo, olhar para a agroecologia é acreditar que a cultura cabocla pode reascender.

Objetivos alcançados pela prática proposta

- I. Ensinar conceitos da Guerra do Contestado, da cultura cabocla e da agroecologia.
- II. Promover a vinculação da educação aos movimentos sociais, suas relações com os territórios camponeses e os espaços de resistência e de construção da cultura cabocla.
- III. Reconstruir o pertencimento ao campesinato em enfrentamento ao êxodo rural imposto pela ideologia e as formas econômicas do agronegócio na região.
- IV. Desenvolver a arte e a subjetividade por meio de intervenção popular como ferramentas para a transformação da realidade.

Etapas da prática proposta com detalhamento dos recursos didáticos necessários e critérios avaliativos

A prática pedagógica aqui apresentada pressupõe uma análise da realidade da sociedade contemporânea capitalista que mercantiliza tudo e tem invadido territórios não capitalistas, como o território camponês. Hoje o consumo se tornou o foco central da vida social. Práticas sociais, valores culturais, aspirações e

identidades são definidas e orientadas em relação ao poder de consumo, indo também para outras dimensões sociais como trabalho, cidadania e religião. O desejo, a ambição e o prazer são o alicerce deste modo de vida. As implicações disso estão na subjetivação e na individualização dos riscos e contradições produzidas pelas instituições da sociedade. Neste sentido, as soluções dadas aos problemas enfrentados não são coerentes e sistemáticas. Tudo isso acaba fortalecendo os processos que olham para o Contestado e destacam somente as contribuições eurocêntricas, de uma forma a enfatizar a colonização e a narrativa oficial do Estado.

Por outro lado, a experiência de existência dos caboclos do Contestado é um marco importante que demonstra para a sociedade brasileira a força dessa cultura, dessa relação com a terra e com a produção de alimentos. Por isso, o processo da educação popular camponesa deve refletir sobre o cotidiano do presente. De como a Guerra do Contestado ainda é permanente, de como os impactos dela ainda são muito vívidos nas questões de gênero, nas desigualdades e nas questões étnico-raciais. Sendo assim, é preciso construir perspectivas que busquem ressaltar as contribuições cabocla, como contribuições de um povo brasileiro, fruto da diversidade, a partir da riqueza cultural e da relação com a

natureza que tinham os caboclos anteriormente à Guerra. Isto possibilitou uma experiência rica em produção de alimentos e rica em existência digna.

A atividade foi desenvolvida com estudantes dos anos finais do fundamental no Município de Anchieta. Realizada ao mesmo tempo com estudantes do 9º ano do Centro Municipal de Educação e com as turmas de dança e teatro do Programa Cultura Viva. Essas duas dimensões foram coordenadas, ao mesmo tempo, pelo educador Abimael de Oliveira de Jesus, professor de história do Município e Tisiane Kilian de Paula, professora de teatro e dança também em Anchieta. Portanto, desenvolvida com três turmas pequenas que totalizavam 35 a 40 educandos, os quais participaram parcialmente ou na totalidade da dinâmica de construção e socialização. A atividade foi realizada durante o primeiro semestre e parte do segundo de 2022.

Em diálogo com o educador Eduardo do Nascimento coordenador da Rede Cabocla de Educadores do Contestado, que aqui no texto e na experiência contribui com reflexões e proposições do reencantar a reconstrução da cultura cabocla, urgente e em diálogo com os territórios é que se inicia o projeto. A primeira etapa foi articulada ao estudo da Guerra do Contestado e da História do Município de Anchieta, os quais têm em comum a

expulsão dos caboclos para uma imposição de nova forma econômico-cultural determinada pela colonização e por toda uma ideologia de dominação da natureza que hoje é atualizada pelo agronegócio.

Então, iniciou-se a partir de aulas expositivas e de trabalhos de pesquisa, elaboração e apresentação sobre as temáticas Contestado e História de Anchieta. Esse diálogo de saberes foi coordenado pelos educadores, mas também foi resultado da pesquisa da Guerra do Contestado, da cultura cabocla e da História de Anchieta, tendo o protagonismo dos educandos como a primeira dimensão desta atividade.

Estes trabalhos de pesquisas se somaram em uma segunda etapa de debates, em diálogos com as produções audiovisuais já realizadas, mostrando o debate da agroecologia e da reconstrução da cultura cabocla. Nessa fase, propôs-se que os estudantes, divididos em três grupos, apresentem hipóteses de um argumento para o filme que produziram. Abaixo está listado algumas das obras que subsidiaram essa etapa:

- Agroecologia, novo jeito de viver. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4gAhDmlSMeM&t=241s>>;
- Plantar árvores, produzir alimentos saudáveis. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G-DXmZV6HSQ&t=276s>>;
- Sem diversidade não há agroecologia! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IMVX4hZ4Z-k>>;
- Sem feminismo não há agroecologia! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=th41HpGvrAg&t=21s>>;
- Cultura camponesa, contestando. Parte 1 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p2XGQOOhlfl&t=150s>>; Parte 2 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fcPBHSwGE9g>>;
- Povos da Floresta: Agroecologia e cultura cabocla. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yj0G3fG7_Cc&t=10s>.

Após assistirem os vídeos e discutir argumentos, houve um processo de socialização, mediado pelo educador, que tentou aprofundar os conceitos teóricos, assim como, aproximar as ideias de argumento para a construção audiovisual. Nesse ponto, em aula expositiva, dialogando com os conceitos apresentados, bem como, refletindo sobre as categorias da práxis estética do audiovisual. Depois disso, coletivamente foi começado a escrita do roteiro e consensuado um argumento, isto é, um conflito e um pré-enredo que mais adiante se complexifica.

Na terceira etapa tratou-se de refinar esse roteiro em construção. Durante a disciplina de história os estudantes visitaram o museu municipal de Anchieta. A partir da interrelação da história do município, o qual recebeu pessoas fugidas da guerra, com a Guerra Contestado, que também, decidiu-se abordar a questão da colonização no vídeo. Logo, os estudantes reelaboraram a proposta de roteiro de um curta metragem de ficção. Durante duas aulas, divididos em três grupos, os estudantes propuseram caminhos desse enredo que mais tarde, também tendo o educador como mediador, se desenrola no curta que é apresentado.

O roteiro produzido pelos estudantes apresentava personagens da Guerra do Contestado como fantasmas. Estes conversavam com os estudantes num contexto no qual estavam estudando a Guerra. O filme se passa em Anchieta, no cotidiano dos estudantes durante um trabalho escolar, eles descobriram que existiam fantasmas numa gruta que fica no parque próximo da escola. Ao vincular o conteúdo ao dia-a-dia, os estudantes mostraram uma relação de formação identitária com a temática. Esses fantasmas na verdade eram ecos da história, fantasmas que vieram junto com as pessoas do Contestado, de tal maneira que, os estudantes refletiram sobre a Guerra e as questões de

dominação social. Isto resultou em um questionamento do ponto de vista da ficção sobre a lógica da Guerra que não acabou.

Na próxima etapa, para as filmagens e edição, os estudantes contaram com o apoio do educador Abimael de Oliveira de Jesus e com a arte educadora Tisiane Kilian de Paula, que já tinham experiência na produção audiovisual. Esse trabalho foi realizado de maneira extraclasse e com o apoio da Rede de educadoras e educadores do Contestado. A preparação para as cenas, as filmagens, a decupagem, a edição e a montagem foram realizados nesse marco, tendo os educadores citados como peças importantes para a execução desta etapa.

Com esta prática, tem-se buscado um processo de produção audiovisual que pense a arte na comunicação audiovisual no seu fazer total, pense a arte como uma potência de resistência e de luta dos povos historicamente marginalizados, combatendo o audiovisual publicitário para também disputar essa subjetividade na internet. Nesse sentido, esta intervenção é um avanço contra essa racionalidade desumanizante do capitalismo tardio sobre os territórios, que se expressa também numa consciência histórica equivocada. Na região do Contestado essa lógica da produção histórica oficial, que desqualifica os sertanejos, está presente tanto nos livros didáticos até os materiais imagéticos. Assim, a própria

prática de sala de aula tem uma vinculação direta com essa construção da cultura cabocla, a partir desse orgulho caboclo que precisa ser reconstruído, nessa luta pela disputa dessa consciência histórica brasileira, que se relaciona com a permanência do racismo no qual a história brasileira se materializa. O curta Fantasmas na Gruta, está disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qmdb0XOZVDw>>.

Articulado a isso, de forma concomitante às etapas anteriores, e também, como proposta de trilhas de construção de conhecimento, executou-se a produção da peça de teatro, coordenada pela educadora Tisiane Kilian de Paula e vinculada ao projeto cultura viva do município de Anchieta. Nesta parte, foram realizadas oficinas planejadas a partir da metodologia do teatro do oprimido. Mesmo que alguns dos estudantes estivessem participando do processo de construção audiovisual, aqui há estudantes que não participam do curta, sendo que essa dinâmica foi determinada pela composição das turmas de teatro e dança do referido programa.

Durante as oficinas, por meio das técnicas do Teatro do Oprimido, problematizações sobre as questões do Contestado foram profundamente trabalhadas com os estudantes. As questões históricas foram relacionadas com os processos de constituição do

município, identificando a importância da cultura cabocla para isso. Também se relacionou questões subjetivas apresentadas pelos estudantes como racismo e patriarcado. É a partir daí que a peça foi produzida, durante três meses com encontros semanais de duas horas, por meio da mediação da educadora, a qual sintetizou os debates e junto aos educandos propôs os caminhos da narrativa. Os ensaios que iniciam já no processo de elaboração com dinâmicas de improvisação e demais jogos do Teatro do Oprimido, seguindo até o último momento de elaboração da narrativa mais tarde apresentada. Ademais, o espetáculo tem também a dimensão da dança com coreografia da música “Maria Ninguém”, composição de Eduardo do Nascimento e interpretação de Rafaela Ventz. A dança também teve a mediação da educadora e dialoga com os atores durante a peça.

A peça descreve a história de uma família de camponeses que pela pressão econômica acaba saindo do campo, mudando-se para a cidade e enfrentando todas as dificuldades dentro de uma periferia urbana. Sem acesso a moradia, eles acabam indo para uma ocupação e sofrem um despejo. É uma família conduzida por mulheres. São duas irmãs que têm a lembrança da infância no campo, a qual acaba sendo tirada delas por uma imposição econômica do agronegócio. A família fica endividada por um

investimento neste modelo, decidido exclusivamente pelo patriarca. Perdendo tudo, eles são forçados a irem para periferia urbana e esse personagem masculino morre pelas consequências da Covid, no contexto da pandemia. Problematisa-se, portanto, o êxodo rural, a falta de acesso à terra pelo trabalhador, o domínio da razão mercantilista, que olha para a terra de uma maneira a somente gerar lucros. Colocou-se também essa relação com as sementes crioulas e como viver no campo é um desafio no mundo contemporâneo. As três mulheres, uma irmã mais velha, uma irmã mais nova e uma sobrinha, que representam três gerações diferentes protagonistas de todo o processo. É a irmã mais velha que ainda tem essa ligação com a identidade cabocla. Ela se vê adoecida pelo ambiente urbano, se vê adoecida por toda a sua história mal resolvida, por todo o seu passado de exploração. Então, é uma peça que leva os estudantes a pensarem sobre as questões do passado, mas, mais do que isso, pensarem sobre as questões do futuro. Há uma reflexão dos problemas sociais permanentes tão fortes e mal resolvidos, que são aprofundadas pelas questões do gênero, pelas questões étnicas e de como essas feridas abertas inflamam as perspectivas das gerações mais jovens.

Após isto, os trabalhos foram apresentados durante a Semana do Contestado no município de Canoinhas. Foi a primeira peça de teatro que os jovens estudantes apresentaram fora do município. Para eles foi um desafio gigantesco. Porém, foi muito rico em aprendizado, porque eles trouxeram também seus conflitos e saberes. Consequentemente, houve uma grande contribuição para a formação da identidade desses estudantes, alimentando a vontade de continuar fazendo teatro, assim como, provocando questões subjetivas e problemáticas sociais voltadas para a região onde vivem. O contexto em que a peça foi apresentada pode ser visto no documentário “A escola no Contestado um tempo anunciador: A Guerra não acabou”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vuzLMBIfPd8>>.

Conclusão sobre os resultados da prática proposta

A prática de educação popular, vinculada aos movimentos sociais do campesinato, ligada com o fluir artístico é uma ferramenta muito potente nessa luta pela transformação de uma realidade, que tem a apropriação da identidade como fundamental. Esse processo em que a Guerra do Contestado é um expoente, está relacionado ao mecanismo hegemônico de desterritorialização, ao qual busca a subjetivação dos valores da

sociedade na individualização, retirando o envolvimento dos sujeitos com o seu território. A ganância do capital estrangeiro, que promoveu a destruição da existência cabocla, que era uma existência de abundância da relação com a natureza, de produção saudável de alimentos, de caça e coleta em um ambiente em harmonia com a floresta, deixou terra arrasada, o subdesenvolvimento e a desigualdade permanecem até hoje.

A Rede Cabocla de Educadores no Contestado tem sido um espaço para alimentar esses projetos e essa esperança. Ao apresentar na Semana do Contestado em Canoinhas a peça intitulada “A guerra não acabou” e o curta-metragem “Fantasmas da gruta”, protagonizados pelos estudantes aqui do município de Anchieta, é criada uma condição que a escola tradicional não fornece. Uma intervenção resistente, em um esperar necessário, coloca a questão da guerra não como uma coisa estática no passado, mas como uma das batalhas do presente. Coloca a necessidade da reconstrução da cultura cabocla e, sobretudo, o enfrentamento a essa lógica de dominação dos territórios, impressa pelo capitalismo tardio e pela ideologia do progresso, que começa na época da Guerra do Contestado e ainda permanece. Fazer despertar essa consciência nos estudantes é o resultado fundamental da prática proposta.

Ensinar a história do Contestado e do projeto de sociedade cabocla se faz mais que necessário. Acima disto, ensinar de forma não disciplinar, havendo liberdade de escolha para os estudantes, que pode seguir sua expressão artística da dança, da poesia, que pode despertar para a escrita e criatividade na produção das tramas, que pode ser tecnológico no mundo das filmagens e edições, ou ainda, a possibilidade de construção de sujeitos ambientalistas, acima de tudo, que pode ser transformador, incentivando a atuação deste estudante na sociedade junto aos movimentos sociais.

Olhando para o passado, mas ainda com os pés no dia-a-dia, essa disputa é permanente. A disputa de espaço frente aos valores hegemônicos da escola e da sociedade, para que esses temas sejam problematizados, se faz necessária, até porque, a própria discussão sobre uma visão mais positiva da história do Contestado é recente. A identidade cabocla precisa ser reafirmada como uma questão de luta constante. Por isso, esse projeto é importante e serve como alimento para essa causa, para que se continue trabalhando e construindo processos que contribuem para a construção da cultura cabocla no Contestado. É um desafio enorme para os educadores, porque não agrada todo mundo, devido à disputa e opressão dessa narrativa. Também é um

processo, que por vezes, tem barreiras para se questionar e problematizar. Entretanto, é muito valioso e traz uma grande recompensa ao semear novas ideias, novos projetos de vida, contribuindo também para essa luta histórica.

Referências

BRANDT, M. **Uma história ambiental dos campos do planalto de Santa Catarina**. Tese de doutorado em História, Florianópolis: UFSC, 2014.

ESPIG, M.J. **Personagens do Contestado**: Os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande (1908 – 1915). Pelotas: Editora UFPel, 2011.

FEDERICI, S. **Reencantar el mundo**: El feminismo y la política de los comunes. Madri: Traficantes de Sueños, 2020.

FÖETSCH, A.A. **Faxinais e caívas**: Identidades territoriais na região do Contestado (PR/SC). Tese de doutorado em Geografia, Curitiba: UFPR, 2014.

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Plano de Desenvolvimento SC 2030**. Florianópolis, 2018.

MELO, C.D. A ocupação da Fazenda Burro Branco: História, memória e posições – 1980. **Cadernos do CEOM**: bens culturais e ambientais, n. 29, p. 207-229, 2021.

TOLEDO, V.M.; BASSOLS, N.B. **A memória biocultural**: A importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

VALENTINI, D.J. **Memórias da Lumber e da Guerra do Contestado**. Porto Alegre: Letra e Vida, 2015.

O ACAMPAMENTO CABOCLO E O RESGATE CULTURAL NO CONTESTADO

LEONARDO APARECIDO DE LIMA

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar a importância da Associação Cultural Cabocla Filhos do Contestado para a preservação, valorização e libertação histórico-cultural do povo do Contestado, que sofre um contínuo processo de apagamento de suas origens. Nesta perspectiva, serão analisados os elementos que compõem o evento Acampamento Caboclo e fazem parte de uma construção histórico-cultural, a qual tem como intuito o desenvolvimento da cidadania crítica dos herdeiros da Guerra do Contestado, conflito que marcou a história não só da região, mas de todo o país.

A região do Contestado foi formada pela influência da cultura de diferentes etnias compondo a cultura cabocla, que é representada por uma tradição própria vivida ainda hoje, no cotidiano dos atuais habitantes da região. Segundo Tomazi (2005),

até um século atrás, a identidade cabocla do Contestado ia sendo estruturada fundamentalmente a partir de uma experiência de vida comunitária e numa relação íntima com a natureza. Desconsiderando o processo de colonização baseado na violência promovida a partir das grandes fazendas de criação de gado e da cultura liberal capitalista, o povo do Contestado formava pequenas comunidades e vivia segundo valores herdados das culturas indígenas, africanas e europeia-cristã (TOMAZI, 2005, p. 98).

Contudo, infelizmente, com o passar dos anos, a história do Contestado passou a ser apagada, bem como, a própria cultura do caboclo, por meio da instalação do medo, da distorção histórica e de precárias políticas públicas para esta região. Perante a diversidade da cultura brasileira, as comunidades da região do Contestado não possuem nenhum patrimônio cultural que integre o patrimônio nacional ou estadual. A partir deste cenário, o preço pago pelo povo caboclo em consequência da Guerra foi altíssimo. Porém, a cultura cabocla do Contestado nunca esteve em domínio de outros, esteve sempre presente entre a população, apesar de depreciada socialmente. Assim, neste trabalho a palavra resgate é utilizada no sentido metafórico, buscando expressar a preservação, a valorização e a libertação das tradições culturais dos caboclos do Contestado.

Diante disso, o Acampamento Caboclo vem dando passos de grande importância, dando ênfase na renovação cultural sobre o Contestado e suas raízes. Assim, neste trabalho serão apresentados os eventos realizados nos Acampamentos Caboclos, os quais promovem princípios tradicionais do povo sertanejo, indo desde as festas religiosas e suas rezas, músicas, caminhadas, culinária e costumes, até a análise do desenvolvimento social e econômico local. Portanto, é uma iniciativa educacional histórica, geográfica, antropológica e sociológica essencial nesse processo de resgate da cultura cabocla do Contestado.

Breve história do Contestado em Timbó Grande

Durante a Guerra do Contestado, quando o cerco às Cidades Santas se apertou, começou a faltar comida, remédios e munição para os caboclos rebelados. Como estratégia, o líder Adeodato agrupou a população restante, formando então, a Cidade Santa de Santa Maria, no Vale do Timbó, estimando-se ter aproximadamente 30 mil habitantes. Cercados pelas tropas do capitão Potiguara, a Cidade Santa de Santa Maria foi bombardeada por mais de um mês, até ser destruída na páscoa de 1915. Em um telegrama, o capitão responsável pelo ataque detalha, “tomei e arrasei 13 redutos com enormes sacrifícios do meu heroico

destacamento. Matamos em combate perto de 600 jagunços, não contando o grande número de feridos. Arrasei perto de 5 mil casas e 10 igrejas” (BELTRÃO, 2016). No ano de 1942, em Timbó Grande, se iniciava um novo acampamento de caboclos liderados por Elias Mota, os quais se reuniam em nome de São João Maria. O movimento foi prontamente suprimido pelas forças policiais após a denúncia de alguns “coronéis” locais. Foram destruídos os ranchos e capturadas as lideranças, entre elas Júlio Alonso que participou da Guerra do Contestado. Cabe destacar que o episódio foi noticiado com seus integrantes sendo chamados de “fanáticos”, atribuindo a eles características pejorativas, como “vagabundos” (BUENO, 2022).

Os povos que habitavam a região do Contestado, onde fica localizada a cidade de Timbó Grande, foram tratados como pobres, sem cultura e sem valor, segundo Thomé (1992),

Essas pessoas foram persistindo e resistindo, pois, a forte personalidade desta gente sempre se impôs no território e só dividiu a primazia após a chegada dos imigrantes europeus recentes, que viam no caboclo um ser inferior, inculto e selvagem. Mas, logo os brancos “puros” se curvaram à sabedoria deste caipira, que conhecia a mata, distinguia o solo, previa o tempo falava a linguagem da natureza, reconhecia o perigo à distância, praticava a automedicação e que se sentia à

vontade nas suas terras, estranhas aos recém-chegados (THOMÉ, 1992, p.19).

Esse sofrimento e descaso ainda hoje pode ser percebido pelos preconceitos e retaliações. Um exemplo do descaso público pode ser visto na distribuição de investimentos nas regiões de Santa Catarina. No ano de 2011, a capital Florianópolis recebeu 533 reais per capita em recursos federais. Em Timbó Grande, onde ocorreu a maior batalha da Guerra do Contestado, o governo investiu 60 reais per capita, oito vezes menos que o gasto com o morador da capital (LUDKA & FRAGA, 2012). Isso nada mais é do que um eco do passado, pois os caboclos do Contestado no início do século XX, ainda viviam em constantes impermanências, perderam terras para grandes fazendeiros, sofreram pela tentativa de embranquecimento da região e foram abandonados pelas autoridades.

O Acampamento Caboclo e seu elo com a Educação Cultural

O Acampamento Caboclo é uma das atividades oferecidas pela Associação Cultural Cabocla Filhos do Contestado. Essa associação foi fundada em 2017, por um grupo de pessoas da sociedade civil e professores que tinham a proposta de

desmistificar antigas marcas pejorativas do povo do Contestado, tais como as falsas ideias de que o povo caboclo é bandido ou fruto da própria violência interna das pessoas dessa região. Ao mesmo tempo, a Associação também busca mostrar que a prática da rejeição e esquecimento por parte dos governantes é algo intencional, tendo por intuito maior, amedrontar e apagar a história do povo massacrado na Guerra do Contestado.

O Acampamento Caboclo surgiu no mesmo ano da criação da Associação. Neste momento se evidenciou o resgate da cultura do povo sertanejo da região, almejando-se retirá-la da condição de apagamento e esquecimento. Foram realizados festivais de música, práticas religiosas, benzimentos, apresentação de danças e outras práticas culturais. Durante o evento os participantes podem dormir acampados compartilhando em tempo integral as suas vivências. A Associação busca, desde então, ressignificar a religiosidade presente na localidade e passar os ensinamentos tradicionais à população que, muitas vezes, são camuflados pela vergonha ou pelo medo.

Segundo Lemos (2006, p. 43), as dimensões pensadas e organizadas em comunidade, as quais estão relacionadas com o sagrado, se transformam nas expressões de uma cultura popular. Estas expressões culturais, acrescidas do sagrado, constituem-se

em uma força que alimenta os membros das comunidades com uma postura digna perante a própria vida e a sociedade. Isso porque lhes fornece um sentido aos fatos cotidianos nos diversos campos da vida. Assim, destaca-se a importância das atividades da Associação Cultural Cabocla Filhos do Contestado para o resgate cultural do povo caboclo retirando a vergonha e a rotulagem como bandido ou sem cultura. Segundo Brandt e Campos (2014), entre a população cabocla do Planalto Catarinense, à época do tropeirismo, até o momento imediatamente anterior à eclosão do conflito do Contestado, percebeu-se de forma constante, práticas que identificam aspectos do coletivo, sendo a mais importante as relativas ao uso da terra. Nesse caso, a proposta do Acampamento Caboclo visa enaltecer esse histórico por meio da conscientização da população local sobre o que realmente significa ser herdeiro deste modo de vida, no qual o uso da terra e a fé formam um único amálgama.

Uma das atividades que ocorrem durante o Acampamento Caboclo é a Caminhada Jorge Matoso. A caminhada recebeu esse nome em homenagem ao professor Jorge Matoso, que foi um grande defensor da história do Contestado, descendente dos primeiros habitantes da localidade da Cachoeira em Timbó Grande, onde chegaram durante a guerra. Desde então, todos os anos o

evento é realizado e conta com a presença de cerca de 130 pessoas. Também é realizada a caminhada noturna, permeada por muito mistério, até um antigo cemitério caboclo.

Antes da caminhada é oferecido um café tropeiro com bolinho frito na banha e revirado de feijão com ovo. Em seguida os caminhantes seguem por trilhas na mata que levam ao sítio histórico onde localizava-se a Cidade Santa de Santa Maria. Depois disso, no retorno os caminhantes degustam do almoço caboclo com quirera e carne de porco, como observado na Figura 1.

Figura 1. Culinária cabocla durante o Acampamento.



Fonte: acervo pessoal do autor, 2019.

A Caminhada pela natureza pode proporcionar um tipo de aprendizagem interdisciplinar, tendo mais espontaneidade e menos técnica, trazendo um olhar mais libertador e menos objetificado ao

aprendizado, fazendo compreender que as caminhadas nos transformam aos poucos, nos permitem fazer escolhas autênticas e que satisfazem as necessidades de conhecimento de cada indivíduo. Essa dinâmica pode ser complementar e suplementar ao aprendizado do ambiente escolar. Assim, as atividades trazem consigo aspectos antropológicos essenciais, podendo gerar memórias mais afetiva dos caminhantes e criar lembranças dos conhecimentos adquiridos durante o percurso, sabendo que dentro das caminhadas pela natureza, há a possibilidade de criação de um processo pedagógico mais amplo, criando raízes e fortalecendo a cultura da sociedade local, fazendo um incentivo maior ao contato com a natureza, com o passado e com o presente por meio da articulação entre saúde, pessoas e educação. A importância do Acampamento Caboclo também pode ser evidenciada no documentário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JhsPPGBTJ64&list=PLPWjAuANrbCEXNHHmm-EKQHDSxeqng8_3>.

Em cada edição há um tema proposto, para que, dentro deste contexto, as palestras e as rodas de conversas sejam focadas no debate crítico sobre o passado que lhes foi imputado como vergonhoso e fracassado. Dessa forma, o Acampamento Caboclo tem o intuito de criar um elo com a educação cultural e a

emancipação dos indivíduos, combinando a compreensão política com o entendimento sociocultural dessas sociedades, enfatizando sempre a importância da pessoa humana dentro de um contexto focado no resgate da cultura material e imaterial, dando a atenção a formação humana e reconhecendo a dignidade e a liberdade do povo caboclo do Contestado. Podemos dizer que, são estas ideologias

que colocam no centro dos processos de transformação a pessoa humana e sua liberdade, mas não como indivíduo isolado e, sim, como ser de relações sociais que visam à produção e à apropriação coletiva dos bens materiais e espirituais da humanidade, à justiça na distribuição destes bens e à igualdade na participação de todos neste processo (MST, 1996, p. 9)

O Acampamento Caboclo, traz consigo o princípio da pedagogia dos saberes e a idealização de resultados a partir das pesquisas, das palestras e das rodas de conversas, nas quais a história se passa de geração para geração, mas não como mera contação ou narrativa, mas como força motriz de conscientização, compreensão e transformação da realidade.

Ser Caboclo/Cabocla na região do Contestado é um estado de espírito, uma herança secular dos habitantes mais originais, podendo ser representado pela forma de falar, de pensar o mundo, de dividir a comida com o próximo, do reconhecimento da figura do Monge João Maria, no aquecer o corpo com uma cuia de chimarrão, no degustar uma quirera com carne de porco, no pinhão assado na chapa ou na grimpa, ser caboclo ou cabocla no Contestado é viver sobre o modo de vida herdado dos antepassados regionais e manter viva a chama da justiça e da bondade, algo tão característico do povo simples Contestadense (FRAGA, 2016, p. 38).

Considerações Finais

O papel do Acampamento Caboclo é fundamental, pois, nos mostra que devemos aumentar as alternativas e espaços diferentes do próprio ambiente escolar para a divulgação e para o aprendizado do que realmente significou a Guerra do Contestado, e, de como ela está ligada, ainda em nossos dias, com o cotidiano da vida do povo que ainda vive na localidade de Timbó Grande e região. Estudos dessa natureza podem contribuir para pesquisas desenvolvidas por arqueólogos, geógrafos, historiadores, sociólogos e tantos outros tipos de estudiosos, pois, indicam as necessidades ou interesses para todas as pessoas que querem aprender e compreender essa história e as mazelas que ela deixou. Esse trabalho nos mostrou as contribuições do Acampamento

Caboclo para a formação de pessoas críticas e conscientes do papel social que elas desempenham ao conhecerem a realidade dos caboclos e de suas histórias, sendo essencial para formação de um cidadão mais proativo e engajado.

Referências

BRANDT, Marlon; CAMPOS, Nazareno José. Costumes e usos da terra pela população cabocla do planalto de Santa Catarina. **Mercator**, v. 13, n. 2, p. 193-208, 2014

BELTRÃO, Tatiana. **Há 100 anos, o fim da sangrenta Guerra do Contestado**. Publicado por: Agência Senado, Brasília, 2016. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/07/01/ha-100-anos-o-fim-da-sangrenta-guerra-do-contestado>> acesso em: set. 2024.

BUENO, Évelyn. Conflitos no pós-Contestado: o movimento dos Alonsos (Timbó Grande, 1942). In: ESPIG, Márcia; et al (org.). **O Lugar do Contestado na História do Brasil**. Vitória: Editora Milfontes, 2022.

FRAGA, Nilson Cesar. **A guerra do contestado como crime contra a humanidade: o direito à terra e à vida - (in)certezas sobre o mundo caboclo**. In: FÖETSCH, Alcimara Aparecida; GEMELLI, Diane Daniela; BUCH, Helena Edilamar Ribeiro (Org.). **Geografia do Contestado: 50 anos de Fazer Geográfico**. Curitiba: Ithala, 2016, p. 29- 44.

LEMONS, Caroline Telles. Religião no Centro-Oeste: entre a tradição e a modernidade. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 51–64, 2007. DOI: 10.5216/sec.v9i1.214. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/214>. Acesso em: 27 nov. 2023.

LUDKA, Vanessa Maria; FRAGA, Nilson Cesar. 100 anos da Guerra do Contestado, a maior guerra camponesa na América do Sul (1912/2012): uma análise dos efeitos sobre o território sul-brasileiro. Bogotá: **XII Colóquio de Geocrítica**, 2012.

MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA.
Princípios da educação no MST. Porto Alegre: MST, 1996.

THOMÉ, Nilson. **Raízes caboclas: identidade do homem do Contestado.** São Paulo: Clube de Autores, 2011.

TOMAZI, Gilberto. **A mística do Contestado: a mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado e dos seus descendentes.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/2051>, Acesso em nov. 2023.

“SUGIRA SEU NOME AQUI”: CRIAÇÃO DE FILMES ESCOLARES COM CRIANÇAS

DEIVIANE FERREIRA VELHO

Introdução

Este capítulo começa apresentando uma breve narrativa sobre a importância das mulheres no Contestado, bem como, uma visão crítica da construção social do caboclo. Em seguida, é apresentada a problemática sobre a violência de gênero trabalhada nesta proposta pedagógica, ao passo que, os projetos desenvolvidos são enfatizados como meios de superação de tal problemática. Então, os objetivos, a descrição dos procedimentos metodológicos e os resultados são detalhados. Embora o projeto tenha sido originalmente elaborado em 2021, foram incorporados dados mais recentes para refletir a relevância contínua das questões abordadas. Essa atualização visa garantir que as informações apresentadas estejam em sintonia com o cenário atual, evidenciando a importância de iniciativas pedagógicas que enfrentam os desafios sociais da região do Contestado.

Narrativas de resistência e identidade no Contestado

Durante o conflito do Contestado, as famílias caboclas desempenharam um papel crucial na resistência, com homens, mulheres e crianças assumindo responsabilidades vitais nas Cidades Santas. As mulheres, em particular, tiveram um papel central, não apenas nas batalhas, mas também na manutenção e harmonização das comunidades. Figuras como Maria Rosa, Chica Pelega e Teodora, líderes espirituais e chefes militares, lutaram incansavelmente pela proteção de suas terras e famílias. Assim, a presença feminina foi essencial tanto nas estratégias de guerra, quanto no apoio espiritual e comunitário. Entre essas mulheres, Dona Alzira se destaca como uma das lideranças espirituais mais respeitadas da região do Contestado na atualidade. Uma representante ativa, viva e atuante em nossa região ainda hoje. Sua participação, registrada no documentário Águas Santas (2020), enfatiza a importância da resistência espiritual e cultural na preservação da identidade das comunidades. Ela sublinha que essas mulheres “viveram na matéria um período curto, mas na espiritualidade, imenso”. Sua fala ecoa a resistência das famílias contra as mudanças socioeconômicas impostas, que resultaram em um conflito sangrento e deixaram marcas profundas na região.

Antes do conflito, a região era habitada por uma população diversa, composta por indígenas, africanos escravizados, colonos europeus e seus descendentes. A ideia de uma “comunhão” entre esses grupos deve ser examinada com cautela. O mito das “três raças”, popularizado por Gilberto Freyre, apresenta a miscigenação como um processo harmonioso. No entanto, Cunha e Oliveira (2017) questionam essa romantização, destacando como o termo “caboclo” foi utilizado para marginalizar as histórias e culturas dos povos indígenas e afrodescendentes. A miscigenação, quando apresentada como um processo natural e harmonioso, desconsidera as relações de poder, dominação e violência que marcaram a formação da identidade cabocla. Os indígenas foram frequentemente expulsos de suas terras e obrigados a integrar-se à força nas comunidades caboclas, resultando em um apagamento de suas culturas. Da mesma forma, negros e negras escravizados e seus descendentes foram relegados a posições de subalternidade, em condições de profunda desigualdade. Portanto, as atividades propostas neste trabalho se enraízam nessa tradição de resistência e transmissão oral, utilizando elementos da natureza para contar histórias. Esse processo de transmissão não apenas preserva a memória coletiva, mas também ensina a pensar, criar

cenários e narrativas que mantêm viva a identidade cultural do povo caboclo.

A violência contra mulheres e crianças no Contestado

A prática criação de filmes escolares emerge vem à tona como uma estratégia essencial para enfrentar uma das problemáticas mais graves e persistentes na região do Contestado, ou seja, a violência contra mulheres e crianças. Este é um problema que atravessa gerações e ainda se manifesta de forma alarmante em nossa sociedade. Cavalet e Haymussi (2020) coletaram os números de violência cometidas contra mulheres na cidade de Caçador. A pesquisa realizada revelou que existe somente uma Instituição acolhedora de mulheres vítimas de violência, a AMAR e uma unidade pública da política de Assistência Social onde também são atendidas mulheres vitimizadas pela violência na Delegacia de Proteção à Criança, Adolescente, Mulher e Idoso. Nestas Instituições o número de mulheres que sofreram violência totalizou 1.220 mulheres somente no ano de 2018. Em relação ao perfil das mulheres vítimas de violência, o maior número de vítimas correspondeu ao estado civil amasiadas ou solteiras. Em relação à faixa etária, nas mulheres vítimas de violência, apresentou-se maior concentração entre 14 a 29 anos, isto é, mulheres jovens. Dados

recentes apontam que os índices de violência contra mulheres e crianças na região são preocupantes. Em 2022, houve um aumento de 14% nos casos de violência doméstica em Santa Catarina, com maior incidência nas áreas rurais e regiões historicamente vulneráveis, como o Contestado. Em 2023, o número de denúncias de violência contra crianças em Caçador, um dos epicentros da região, subiu 18% em relação ao ano anterior (IBGE, 2022; SSPSC, 2023). A violência contra a mulher é uma questão estruturante das desigualdades de gênero, fruto do patriarcado e do machismo. Ela é uma forma de assegurar a manutenção da cultura da violência estabelecida por intermédio do ódio, da discriminação e do preconceito. Nesse contexto, a criação de filmes escolares não é apenas uma atividade pedagógica, mas uma ferramenta de conscientização e combate à violência. Por meio dos filmes, crianças e jovens refletem sobre as histórias de suas comunidades, explorando temas como a violência de gênero e infantil de maneira crítica e empoderadora. Este processo criativo possibilita que os alunos se vejam como protagonistas de sua história e agentes de mudança em suas comunidades.

A Associação Maria Rosa (AMAR), sediada em Caçador, exemplifica a resistência e acolhimento na região, oferecendo apoio integral a mulheres e crianças vítimas de violência. O filme

premiado “Amar por elas” da campanha contra a violência pode ser visto em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wrmtP8JVHt0>>. Erli, uma das fundadoras da AMAR, continua a luta contra a violência de gênero na região, inspirada pelas ancestrais que resistiram na época do conflito. Sua trajetória é um testemunho da continuidade da resistência e da importância de preservar os legados das mulheres do Contestado. Assim como, as mulheres que lideraram os redutos durante o conflito, Erli, hoje assistente social em Lages, além de outras ativistas locais, como a professora Eliane do Prado, continuam lutando por justiça e igualdade, como registrado no documentário Águas Santas (2020). Eliane, professora em Lebon Régis, é outra figura proeminente que atuou na conscientização de mulheres e jovens sobre seus direitos, incentivando-as a serem donas de suas próprias histórias e a resistirem à violência. Outras produções audiovisuais que fazem referências às violências em consequência da Guerra do Contestado podem ser vistas em “O vale da morte” disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iOefbNx7mFw>> e em “O vale hoje” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4mL9_8VjTOA>.

Integração de práticas educativas e sociais

O filme “Sugira seu nome aqui” (2021) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_XqeZHdlqNM> é o resultado das atividades pedagógicas desenvolvidas durante o projeto para criação de filmes escolares com crianças no contexto histórico-cultural do Contestado, o qual busca mais do que preservar as histórias e memórias locais, procura transmitir de maneira crítica os valores das comunidades que vivenciaram a Guerra do Contestado (1912-1916). Neste projeto evitou-se uma visão romantizada do passado, reconhecendo as tensões sociais da época, especialmente no contexto pós-abolição (SILVA, 2018; PEREIRA, 2020). A partir da experiência em fotografia, design e produção audiovisual, se ofereceu uma abordagem de revisitação a “harmonia com a natureza” atribuída ao modo de vida caboclo (OLIVEIRA, 2017), frequentemente evocada em discursos nostálgicos, revelando, em vez disso, a exploração dos recursos naturais e as opressões sociais do passado e de hoje. Desta forma, assegurou-se que as complexidades enfrentadas pelas comunidades do Contestado fossem representadas e transmitidas às novas gerações de maneira honesta, descolonizada, crítica e poetizada.

Expandindo o impacto social e educativo, cabe destacar também o projeto “Maria Rosinha vai à escola” (2024) disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Cz0t6m8z9qk>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=BI9pLOcEZ3o>>, parceria com a Associação Maria Rosa e a Secretaria de Educação de Caçador, ofereceu a todos os quintos anos da rede municipal de educação, reflexões e acesso a informações que auxiliam no enfrentamento à prática de violências e abusos contra crianças e adolescentes, além de incentivar a leitura, interação social e o estímulo de novas atitudes e práticas cotidianas. Respeitando as faixas etárias e o desenvolvimento de cada indivíduo, o projeto utilizou a contação de histórias com base em uma cartilha disponibilizada a cada educando, complementada por materiais digitais postados em redes sociais. O Projeto Maria Rosinha, idealizado e liderado por Deiviane Velho, contou ainda com a cocriação e execução de Janaina Reis e Gabriela de Souza, ambas atrizes de Caçador, que contribuíram significativamente para a realização das atividades planejadas. Camila Dutra, educadora social, desempenhou seu papel como orientadora pedagógica tanto no projeto de criação de filmes escolares quanto no projeto Maria Rosinha. Essa criação colaborativa garantiu que as metodologias aplicadas fossem

inclusivas e transformadoras, adaptando o ensino à realidade dos participantes.

Objetivos alcançados pela prática proposta

- I. Promover o reconhecimento da identidade cabocla por meio da valorização de elementos simbólicos e narrativas que formam a base da memória coletiva do Contestado.
- II. Proporcionar aos alunos um panorama das manifestações culturais atuais do Contestado, estimulando o contato com produções audiovisuais e literárias que dialoguem com a história local.
- III. Facilitar a pesquisa e a ampliação do repertório cultural dos alunos, incentivando a autonomia na busca por conhecimento.
- IV. Exercitar a inteligência emocional e a autonomia por meio de atividades lúdicas e criativas, como a contação de histórias.
- V. Introduzir conceitos de produção audiovisual, familiarizando os alunos com técnicas de criação cinematográfica em diferentes formatos.

Etapas da prática proposta com detalhamento dos recursos didáticos necessários e critérios avaliativos

A prática de criação de filmes escolares foi desenvolvida e aplicada com alunos do ensino fundamental do primeiro ao quinto ano na Escola de Educação Básica Integral Castelhana, em Caçador, entre julho e dezembro de 2021. As atividades foram adaptadas conforme a faixa etária dos alunos, integrando diversas disciplinas e abordagens pedagógicas, com foco na valorização da cultura local e no enfrentamento da violência. As etapas envolvem desde a meditação guiada e contação de histórias sobre o Contestado até a gravação e exibição dos filmes produzidos pelos alunos. Os recursos didáticos utilizados incluem tecnologias do audiovisual e materiais para dinâmicas criativas. A avaliação dos alunos baseou-se na participação ativa, criatividade, cooperação e qualidade técnica e artística das produções, bem como, na capacidade de reflexão crítica. As etapas da prática realizada estão detalhadas na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1: Atividades e respectivas cargas horárias executadas durante as etapas aplicadas na metodologia de ensino proposta.

Etapa	Atividade	Duração
1	Meditação guiada e contação de histórias do Contestado	1 hora
2	Dinâmica emoções e diagnóstico dos participantes	1 hora
3	Roda de conversa e construção de narrativa coletiva	0,5 hora
4	Apresentação de curtas metragens em diversos formatos	1 hora
5	Apresentação dos princípios da produção audiovisual	1 hora
6	Oficina de construção de personagens e cenas	3 horas
7	<i>Storyboard</i> e gravação	2 horas
8	Assistir ao filme pronto e avaliação sobre a prática proposta	0,5 hora

Fonte: da autora.

Etapa 1

Inicialmente, os alunos foram conduzidos por uma meditação guiada para promover o seu estado de relaxamento e concentração. Em seguida, foram apresentados contos sobre a

história do Contestado, por exemplo os diferentes contos sobre o Monge, Maria Rosa e outros, explorando aspectos culturais, sociais e históricos da região. Foi importante que, ao longo desta etapa, a problemática da violência e os conflitos inerentes ao Contestado também foram abordados, introduzindo os alunos às questões de opressão e resistência, por exemplo as histórias sobre Adeodato e Chica Pelega. Foram incluídos exercícios de meditação e respiração em todos os inícios de aula.

Etapa 2

Nesta etapa uma dinâmica foi realizada para explorar as emoções dos alunos em relação à sua inteligência emocional. Por exemplo, fazendo danças em passos lentos estando a criança calma ou muito agitada correndo ou saltando. Simulando expressões de tristeza e alegria com músicas, entre outras. Assim as crianças reconheceram suas emoções e a de seus colegas. A partir disso, foi realizado um diagnóstico para identificar interesses, habilidades e necessidades individuais dos estudantes, orientando o planejamento das atividades seguintes. Com esta etapa foi possível despertar e valorizar os saberes culturais, respeitando a história de cada um em busca do desenvolvimento da autonomia. Foi relevante aqui, trazer à tona como os temas abordados no

Contestado, como as lutas e as injustiças, ressoaram nas emoções e vivências dos alunos, alguns sendo mais tocados pelas mortes ou outros ficando mais impressionados pelos mitos.

Etapa 3

Os alunos participaram de uma roda de conversa para compartilhar suas impressões e aprendizados sobre o Contestado. Foi crucial neste momento, fazer uma conexão entre as experiências pessoais dos alunos e a história de luta do povo do Contestado. Um exemplo é o pinhão como elemento que une aspectos da natureza e do cotidiano com aspectos simbólicos ligados ao Monge João Maria. Ao final das dinâmicas, uma narrativa coletiva foi construída, valorizando as diferentes perspectivas e experiências dos participantes. Essa narrativa refletiu tanto as emoções exploradas quanto a compreensão do contexto histórico abordado. Assim, alguns estudantes buscaram uma narrativa relacionada ao contexto de degradação ambiental. Já outros estudantes buscaram teatralizar as suas vivências escolares.

Etapa 4

Os alunos assistiram a uma seleção de curtas-metragens relacionados ao Contestado, explorando diferentes formatos como ficção, documentário e *stop motion*. Isso permitiu ampliar o repertório visual e estimular a criatividade dos alunos. Sugestões de vídeos incluem histórias como a animação sobre a prisão de São Sebastião durante a Guerra do Contestado, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Sw9AI0ZyAyY&t=14s>>, ou o primeiro episódio do documentário “A escola no Contestado” disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wZlrGepbOxg&list=PLIVhTUS SPOsS1yALpTcdnZfM4gC4rIBgR>>, o qual retrata o povo originário Xokleng, suas cantigas e mitos, explorando adicionalmente outros aspectos culturais. Nesta etapa foi necessário a utilização de computador, caixa de som e projetor, para a exibição de materiais audiovisuais.

Etapa 5

Nesta etapa, os alunos foram introduzidos aos princípios básicos do audiovisual, incluindo conceitos de roteiro, direção, fotografia e som. Os alunos aprenderam sobre as diferentes etapas

de produção de um filme e as técnicas envolvidas, aplicando esse conhecimento na criação de suas próprias narrativas. Foi interessante relacionar esses conceitos com as histórias criadas, abordando como a violência e a resistência podem ser retratadas visualmente ou as diferenças entre documentário e ficção, por exemplo. Nesta etapa foi necessário a utilização de computador, projetor e materiais didáticos impressos como exercícios, modelos e fichas, para a condução das aulas teóricas expositivas (SOARES, 2006).

Etapa 6

Durante esta oficina prática, os alunos criaram personagens e desenvolveram cenas para o filme. Neste caso, foi necessário papel, canetas, lápis de cor e outros itens que possibilitaram a realização de atividades práticas e criativas. Eles foram incentivados a explorar suas ideias e imaginação, trabalhando em grupo para elaborar histórias criativas e significativas. Cada aluno recebeu uma ficha para construção de um personagem, respondendo sobre as características do personagem e outras questões como de onde o personagem está vindo e para onde ele se desloca na história. Desta forma, foi possível selecionar e convergir as histórias a serem contadas. As

histórias desenvolvidas refletiram, de preferência, a compreensão do conflito por meio dos personagens criados. A partir dos materiais produzidos e da capacidade individual identificada de cada estudante, foi possível convergir estas possibilidades, como por exemplo, as personagens recicladoras que confrontaram os poluidores, os quais estavam destruindo o mundo, em alusão ao universo do caboclo do Contestado que estava tendo seu modo de vida destruído, tendo que lutar contra os coronéis.

Etapa 7

Depois disso, os alunos elaboraram um *storyboard* para planejar a sequência de cenas do filme. Em seguida, realizaram a gravação das cenas utilizando dispositivos de gravação disponíveis. Foi importante que, durante a criação do *storyboard*, os estudantes pensassem em como representar visualmente as temáticas abordadas. Durante a gravação, sugeriu-se o uso de diferentes recursos cênicos, como figurinos e maquiagem, para enriquecer a experiência cinematográfica e estimular a criatividade. Nas turmas dos anos iniciais e com maior quantidade de alunos foi necessário a adaptação da prática para o *stop motion* com massinha. Os personagens, em geral um monstro, o qual passeava por um cenário desenhado numa folha de papel destruindo-o, em

geral um local cotidiano como a própria escola, observando-se uma relação similar de compreensão da história do Contestado. Também foram utilizados recursos musicais, trabalhando ritmo e coordenação motora. Atividades focadas em decorar e recitar versos, trabalhando a memorização e expressão.

Etapas 8

Câmeras e celulares foram disponibilizados pelo professor, o qual auxiliou os estudantes na captação das imagens, posteriormente recolhidas. Para a edição destas imagens coletadas foi necessário um trabalho extraclasse em contraturno do professor na correção do roteiro e edição de acordo com a proposta desenvolvida pelos estudantes. Finalmente, os alunos assistiram ao filme pronto, produzido a partir do trabalho coletivo realizado nas etapas anteriores. Após a exibição, foi realizada uma avaliação para refletir sobre o processo de criação e identificar aprendizados e desafios enfrentados ao longo da prática. A avaliação dos alunos baseou-se em vários critérios, com ênfase na participação ativa em todas as etapas do processo criativo, assim como, a inovação na criação das narrativas e dos personagens, incentivando os alunos a expressarem suas próprias ideias, além da colaboração durante as oficinas de construção de cenas e na realização das filmagens,

da qualidade técnica com o uso da câmera e qualidade artística na interpretação e cenografia do filme final produzido.

Aspectos interdisciplinares envolvidos e resultados da prática proposta

O que se pode destacar dos resultados obtidos foi a discussão ao redor da maneira com que os alunos perceberam e retrataram a problemática da violência e da resistência do Contestado nas histórias que criaram, em especial, correlacionando-as às questões ambientais atuais e aos espaços do seu cotidiano, reforçando o aprendizado e a formação de pertencimento à história do Contestado e suas implicações. Nas turmas dos quintos anos observou-se uma elaboração de diálogos e pensamento crítico em torno do seu cotidiano como é visto na teatralização do papel do professor na escola, consequentemente, estimulando que cada aluno encontrasse sua própria voz sobre questões que os rodeiam.

A prática foi essencialmente interdisciplinar, integrando diferentes conceitos curriculares às tecnologias do audiovisual. O objetivo foi proporcionar uma compreensão mais ampla e crítica da realidade local, conectando os alunos à história e cultura do

Contestado, ao mesmo tempo em que se promovia uma educação significativa e engajada. A prática resultou em diversas modalidades de produção cinematográfica, mesmo com as crianças menores, que abordaram aspectos distintos da problemática do Contestado. Os efeitos observados incluem uma maior conscientização sobre as temáticas, o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas e o fortalecimento da identidade cultural dos alunos. A integração da escola ao local onde ela está situada foi fortalecida, criando uma memória de pertencimento e valor do ambiente escolar.

Referências

CAVALET, A.A.; HAYMUSSI, H.M. A violência contra mulheres na cidade de Caçador. In: NASCIMENTO, E. **Rede Contestado de Educação, Ciência e Tecnologia**, vol. 1, 2020.

CUNHA, M.C.; OLIVEIRA, J. P. **A invenção do caboclo: mestiçagem e identidade no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Indicadores de violência em Santa Catarina**, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/indicadores/violencia-sc-2022>, acesso em set. 2024.

OLIVEIRA, J. P. **Os caboclos e o mito das três raças**. In: **Antropologia Brasileira: Mitos e Realidades**. São Paulo: EDUSP, 2017.

PEREIRA, R. **A exploração da mão-de-obra no pós-abolição no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2020.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE SANTA CATARINA (SSPSC). **Relatório de violência contra crianças em Caçador**, 2023 Disponível em: <https://www.ssp.sc.gov.br/relatorios/violencia-criancas-cacador-2023>, acesso em set. 2024.

SILVA, T. **História e exploração: Reflexões sobre a escravidão e o pós-abolição no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

SOARES, I. **Educação audiovisual: Teoria e prática no ensino de Mídias**. Campinas: Papirus Editora, 2006.

ÁGUAS SANTAS: a terceira margem do rio. 2020. Publicado por: **IFSC**. Vídeo (102 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EWSFG8GsxCE>, acesso em set. 2022.

BERÇÁRIO DE ARAUCÁRIAS: PLANTANDO E COLHENDO SABERES

THYAGO WEINGANTNER DE OLIVEIRA RAMOS

Introdução

Minha formação me proporcionou uma compreensão profunda das diversas culturas e sociedades, principalmente no Contestado, onde de forma desafiadora passamos a realizar e desenvolver projetos com ênfase na Educação Ambiental e Patrimonial. Um dos projetos mais significativos foi o Berçário de Araucárias, realizado na Escola Nucleada Municipal Silva Paranhos, no município de Rio das Antas. Esse projeto visa a conservação da araucária e o despertar do aluno para uma consciência ecológica. A Araucária é uma espécie nativa em risco de extinção. Inicialmente, realizamos um diagnóstico ambiental com os alunos, que a partir de suas realidades, foi capaz de envolver a comunidade escolar na coleta de dados e sementes. Com essa base, elaboramos um plano de ação participativo, essencial para o engajamento de todos. Implementamos atividades educativas com todas as turmas do Ensino Fundamental, do 6º ano

ao 9º ano. Cada turma ficou responsável pelo seu berçário de araucárias. A participação ativa do aluno é essencial para uma aprendizagem significativa e para uma responsabilidade ambiental. Monitoramos o crescimento das mudas e avaliamos periodicamente o projeto para ajustar estratégias e garantir o êxito. Fizemos registros de todas as etapas e compartilhamos o projeto por diferentes meios, buscando parcerias com instituições externas, como o Horto Florestal Municipal, e mesmo o Museu Histórico e Antropológico da Região do Contestado, em Caçador/SC.

A trajetória construída com o projeto é marcada pela dedicação à educação ambiental, refletindo práticas seculares e ideais de sustentabilidade e geração de renda com a manutenção e preservação de florestas nativas na região do Contestado. Apresentamos práticas inovadoras e sustentáveis que podem transformar a sociedade e contribuir para a conservação do nosso patrimônio natural, apresentamos: O Berçário de Araucárias.

Uma contextualização da forma de ser e viver do caboclo do Contestado

Ao se analisar a formação socioterritorial da região do Contestado, é imperativo ressaltar a interação da população com a natureza, suas práticas, crenças, conhecimentos e mesmo a sua mística, representada expressamente pela atuação dos Monges que por aqui passaram e deixaram as suas influências. Necessariamente, também é de extrema importância entender as origens e dinâmicas da formação populacional da região e a posterior relação destes com os colonos ao longo do processo de ocupação da terra. A terra, a sua posse, a natureza e seus usos, estão diretamente relacionados com o conflito. O uso da Mata com Araucárias, passa a ganhar um significado diferente a partir da primeira década do século XX, uma vez que a madeira, passa a ser capitalizada, o que antes provia a vida, agora com o avanço de um viés exploratório e degradante com a chegada da ferrovia e da Serraria Lumber, passa a ter um fim lucrativo, passa a ganhar um novo significado, com a devastação que resulta hoje, na quase extinção da Floresta de Araucárias. A presente proposta, salienta a potencialidade da Educação Ambiental e o desenvolvimento de diferentes tipos de berçários de mudas nativas. Mas vamos por partes.

Conforme destaca Machado (2004, p. 60) “a partir do século XVIII começa um novo ciclo povoador da região”, que utilizando-se dos caminhos de tropas, iniciam novas frentes de ocupação, fundando vilas e povoados pelo caminho, transformando a terra, em um bem de consumo e disputa com o avanço das fronteiras agropastoris, com a criação de fazendas e invernadas, vendas, bodegas, que supriam produtos básicos para a passagem pelo sertão e comercializavam produtos locais, como a Erva-Mate, o ouro verde que enriqueceu muitos comerciantes nos séculos XIX e XX. Pelo Caminho de Tropas, muitos trouxeram suas famílias e agregados e buscaram se estabelecer na região.

A região já era ocupada pelos povos originários há pelos menos 9 mil anos conforme destaca Thomé (1995, p. 46), e que viviam da caça e da coleta, estabeleciam acampamentos de caça e tinham um amplo conhecimento da natureza. A chegada de colonizadores, provocou, mesmo que pela força, uma miscigenação entre o branco português, os castelhanos, os paulistas vindos dos movimentos escravagistas como o Movimento Bandeirante, o negro escravizado nas invernadas e fazendas de charque e os povos originários, leia-se aqui, Kaingangs e Xoklengs, que viviam Serra Acima, mas ainda

podemos destacar a presença de Guaranis no Oeste e Carijós no litoral. São 9 mil anos de existência pacífica e harmoniosa com a natureza, são 9 mil anos de conhecimentos e saberes acumulados, 9 mil anos de diferentes usos da mata, seja para prover alimento, ou cura física e espiritual, que passam a ser devastados com maior intensidade, conforme destaca Thomé (1995, p. 47) “para a retirada da madeira, para o avanço da agricultura e a ação predatória do homem, fizeram rarear e exterminar muitas espécies”. É importante destacar que a região do Contestado é permeada por diversos povos e culturas e que, embora “havendo semelhanças herdadas nas trocas e agrupamentos mencionados, é pertinente saber que um não invalida o outro” (FRAGA, 2022, p. 20).

A vida da população cabocla era profundamente influenciada pelos ensinamentos dos Monges, que ajudavam a formar não apenas os costumes da população, mas também os diferentes usos da floresta, essa relação era mútua, uma vez que muitas ervas medicinais nativas e conhecimentos tradicionais foram assimilados pelos Monges. Claro que, muito conhecimento foi absorvido dos povos originários, mas é inegável a influência e a religiosidade que ainda se tem na figura dos Monges que por aqui passaram.

Uma outra sugestão de atividade, para que não fique restrito apenas aos Berçários de Araucárias ou mesmo de árvores nativas, pode ser justamente oficinas com ervas medicinais que podem ser elaboradas na escola, a partir da contextualização dos Mandamentos da Natureza. A figura dos Monges, além de evangelizar a população do sertão caboclo, trazia consigo vários ensinamentos para combater enfermidades, com o uso de chás e emplastros, além de acalantos para a alma com orações e aconselhamentos.

A cultura cabocla é um misto cambiante composto por traços linguísticos, culinária, religiosidade rústica, conforme destaca Valentini (2016, p. 90) rústico pois, “era fortemente impregnado de práticas mágicas de origem medieval europeia, indígena e africana”. Outra característica influente são as práticas de batismo em fontes de água do Monge e curas com ervas medicinais, o conhecimento da natureza e uma relação profunda com a terra.

A população que habitava a região ao longo dos séculos usufruíam dos recursos diversos da floresta, rica em frutos silvestres, como a Orvalha, o Caraguatá, o Butiá, a Guavirova, o Ingá, o Guabiju, o Guamirim e muitas outras, além de utilizarem a fartura do pinhão, abundante devido os ricos

pinheirais. Extraíam óleo de sassafrás e canela-guaicá, para fins medicinais, faziam o chá de vassourinha, ensinado pelo Monge. Era uma terra rica, com seus rios de águas frias e numerosos peixes, com fartura de animais, como a Jaguatirica, a Cutia, a Anta, a Capivara, a Preguiça de coleira, algumas espécies de primatas, como o Bugio, o Macaco-prego, o Mico, o Sagui, e o temível Leão-baio ou onça parda. Era uma terra de fartura, com uma rica floresta, floresta como se deve ser, com diversidade, diferente da monocultura e o *plantation* que se faz presente hoje. Muitas das características aqui citadas podem fazer parte da vivência dos alunos.

Para garantir a sua subsistência, cultivam pequenos roçados, algo que ao longo do conflito do Contestado, se replicou nos redutos e Cidades Santas, para garantir a alimentação da população nos ajuntamentos. No entanto, a chegada do capital estrangeiro, representado pela Serraria *Lumber* em 1910, transformou radicalmente a realidade do sertanejo. A terra não era mais sua, as florestas passam a ser devastadas, suas crenças, seu modo de vida é visto como “inferior”, ou algo rústico, vendendo a falsa ideia de progresso. Somando esses fatores, com a expulsão dos sertanejos pobres, os ânimos ficam acirrados, fator que contribuiu para eclosão do conflito.

Com a guerra, vem a fome, a miséria, a morte e a exploração, de uma terra de fartura, hoje acumula altos índices de desigualdade. A rica Floresta Ombrófila Mista, já quase não existe, salvo alguns capões de mata aqui e ali. Muito do conhecimento sucumbiu junto ao conflito, pela fome, pela doença, ou pelas balas. Hoje, no Contestado, existe uma enorme riqueza cultural e felizmente a Educação Ambiental faz parte do currículo escolar, por isso, passaremos a aprofundar o projeto em si nos próximos tópicos. Hoje, a Mata de Araucárias, apresenta risco extremo de extinção, tendo apenas 3% do seu território preservado. Aqui começa o nosso projeto.

O fazer pedagógico sobre Educação Ambiental

Refletir a Educação Ambiental nas escolas é um tema que se tornou pertinente e recorrente nos últimos anos, principalmente a partir das contradições socioambientais que se fazem presentes, reflexos de modelos “civilizatórios” baseados na acumulação e lucro, de um sistema predatório e nocivo à vida social e natural. A amplitude de tais contradições podem e devem ser abordadas, e precisam dialogar com a realidade, a vivência, o conhecimento e o fazer do educando, em um processo que possa complementar uma visão crítica do assunto, mas que por vezes, nos trazem

algumas indagações como: por onde começar? A seguir listamos alguns dos pontos que podem ajudar a construir um projeto de Educação Ambiental a partir do Contestado, ou de qualquer outros tema relevante, podendo assim, ser adequado às múltiplas realidades e dinâmicas organizacionais.

- I. Os conteúdos curriculares estão adequados à Diretriz Curricular de Educação Ambiental? Que tema poderia envolver tais assuntos?
- II. O currículo escolar, o Projeto Político Pedagógico da escola, favorece e possibilita a realização de projetos inter ou multidisciplinares? A cultura escolar possibilita o debate frente às distintas, e até mesmo, divergentes representações em relação ao ambiente, respeitando a diversidade cultural, social, econômica, etc?
- III. A escola promove atividades para além dos muros da escola, como visitas técnicas, passeios, formas que possam sensibilizar o educando e a comunidade para a reflexão de tais temáticas?
- IV. Faz parte do Plano de Gestão Escolar, do Projeto Político Pedagógico uma política de gestão ambiental que possa combater o mau uso de recursos naturais (água, energia, materiais de expediente, papéis, resíduos orgânicos,

compostagem), a escola realiza a devida separação de resíduos recicláveis (plásticos, metais, papéis)? Existe coleta seletiva na cidade/bairro ou localidade onde a escola está inserida?

- V. A escola tem em seus espaços, áreas verdes, ou então, prepara o ambiente externo para a realização de atividades fora da sala de aula? Algumas práticas como a Geografia Viva podem refletir as transformações do espaço geográfico, suas dinâmicas, organizações territoriais, mesmo que ao lado da escola, não necessitando de muitos recursos para tal experiência.

Dito isto, podemos começar a entender melhor como podemos inserir a Educação Ambiental no dia a dia dos espaços escolares, desenvolver projetos de curto, médio e de longo prazo, conciliar com temas pertinentes sem fugir da grade curricular. A seguir, busco apresentar o projeto “Berçário de Araucárias”, desenvolvido e adaptado em uma escola de um distrito de Rio das Antas/SC.

Plantando e colhendo saberes

A problemática que deu início ao projeto, partiu da pesquisa escolar realizada com os educandos sobre os biomas existentes e suas dinâmicas, dando ênfase é claro, para a regionalidade, buscando refletir o espaço onde a escola está inserida. O fruto de tal pesquisa, depois revisada é claro, com base em publicações e outros artigos, evidenciou o risco extremo de extinção da Mata com Araucárias. No caso específico do projeto desenvolvido na escola, múltiplas possibilidades de abordagens podem ser relacionadas, uma vez que há a articulação de elementos que podem se correlacionar com o tema, como por exemplo; a cidadania, a sustentabilidade, o ambiente natural, a economia e a geração de renda, além de parcerias que poderiam ser construídas com o Horto Florestal, por isso destaco que não necessariamente, tenha a Araucária como árvore nativa a ser reflorestada, e outras instituições conforme a realidade escolar, como pastorais, por exemplo.

Um dos principais equívocos em relação à Educação Ambiental é tê-la como um substituto de demais disciplinas, muito pelo contrário, ela é um tema complementar que pode ser associada disciplinas como História, Geografia, Sociologia, Biologia, Ciências, Estudos Sociais, Ensino Religioso, pois, a

grade curricular de tais disciplinas permitem que vários aspectos do ambiente sejam abordados, ou seja, é mais um complemento que pode dinamizar o fazer educacional e trazer o nosso aluno para um empoderamento quanto sujeito ecológico e integrante de uma comunidade a partir de um aporte teórico-metodológico. A questão motriz do projeto, visa proporcionar ao aluno e comunidade escolar, um momento de reflexão sobre a importância da preservação das espécies, bem como, refletir os usos e o extrativismo do pinhão. Cabe destacar aqui, que na localidade onde o projeto foi executado, muitas famílias desenvolviam renda complementar com a extração e comércio do pinhão. Historicamente, a Araucária esteve diretamente associada com os diferentes processos de ocupação e povoamento do território. Foi com os povos originários, que tinham no pinhão a sua principal fonte de carboidrato e que também proporcionou à fauna local fartura de alimento em um período de escassez, depois tal conhecimento foi assimilado pela população cabocla, por último, pelas levas populacionais que ocuparam o território após a Guerra do Contestado (1912-1916), logo, é impossível abordar a temática ambiental, sem uma contextualização histórica. A araucária faz parte do processo ocupacional da região do Contestado.

Ao se desenvolver a proposta deste projeto, buscou-se primeiramente a coordenação pedagógica para apresentar as diferentes competências e habilidades que poderiam estar sendo associadas e desenvolvidas, dentro das áreas do conhecimento, tendo como referência a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental II, destacando-se:

- I. Conhecimento – valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar as realidades, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
- II. Pensamento científico, crítico e criativo – exercitar a curiosidade intelectual a recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e criatividade, para investigar causas, elaborar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos de diferentes áreas.
- III. Repertório cultural – valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas de produção artístico-cultural.

- IV. A argumentação – argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável no âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Objetivos atingidos pela proposta pedagógica

Este projeto teve atingido o objetivo de proporcionar aos alunos da escola e comunidade, momentos de reflexão acerca da importância da araucária, podendo ser adaptado para outras espécies nativas como árvores frutíferas, no processo de povoamento, colonização, vivências, geração de renda, investigação científica e análise de espécies nativas, que hoje encontram-se ameaçadas de extinção, desafiando e propondo métodos científicos para a reprodução de tão ameaçada espécie que é a araucária, por meio de berçário de sementes a ser realizada na própria escola, reutilizando materiais para tal feito.

Como objetivos específicos obteve-se: Oportunizar a integração das áreas do conhecimento, favorecendo ao educando, o protagonismo com ação direta para a sua comunidade local. Desenvolver estratégias de manejo, com base na argumentação e experimentação prática com o berçário de sementes. Reconhecer critérios básicos da Ciência, como ponto de partida para a introdução ao estudo científico. Pensando no Estudo de História, atingiu-se os objetivos: Investigar a história, a relação socioambiental, destacando a sua presença em diferentes regiões e contextos ao longo do tempo. Explorar os diferentes usos da Araucária por comunidades indígenas e colonizadores ao longo do tempo, contextualizando com as medidas e projetos desenvolvidos para a sua preservação. Estudar e analisar como as mudanças sociais e ambientais influenciam a distribuição das araucárias ao longo dos séculos. Já para as Ciências: Compreender a Biologia das araucárias, incluindo seu ciclo de vida, distribuição, reprodução, adaptações ao ambiente e ameaças. Investigar os fatores ambientais que afetam o crescimento e a sobrevivência das araucárias. Examinar a diversidade de espécies, formas de produção, pesquisas, manejos e suas características distintas.

Etapas da prática proposta com detalhamento dos recursos didáticos necessários e critérios avaliativos

Pensar na ecologia e na conservação das espécies pode partir do papel fundamental da Araucária para a sobrevivência e manutenção de diferentes espécies da fauna e flora, que com a sua ausência, podem gerar um descontrole ambiental, tendo em vista que a Mata de Araucárias possui consórcio com outras espécies, como ervaí, canelas e mesmo com a fauna, que utiliza da fatura da semente e depende dela para a sua alimentação. Nesse processo, se relaciona a transformação da mata, em um objeto do capital, visando a exploração de sua madeira e o desencadeamento da Guerra do Contestado (1912-1916). Nesse ínterim, sugere-se a visita, claro que levando em consideração, os recursos disponíveis para tal, de ambientes com a mata remanescente de araucárias. Quando se associa a teoria e a prática, possibilita um maior envolvimento dos alunos, e eles foram os protagonistas de todo o processo. Da seleção das sementes, dos testes de germinação, do desenvolvimento e coleta de recursos para o desenvolvimento da estrutura do berçário, foi tudo gestado e organizado com os alunos.

Desta forma, foram executadas as seguintes etapas:

- I. Levantamento de dados acerca do risco de extinção da araucária, bem como, área de distribuição antes e depois do desmatamento. Seguido da apresentação do projeto de reflorestamento de araucárias, desenvolvido pelo povo indígena Laklãnõ-Xokleng em sua Terra Indígena no alto vale do Itajaí, onde já plantaram mais de 50 mil mudas de araucárias.
- II. Coleta de sementes de araucária, o pinhão, ou de mudas nativas, e desenvolver oficinas de práticas de germinação. Adicionalmente buscou-se o diálogo com o Instituto Zág. Realizou-se incursões, quando possível, para a coleta e observação da distribuição de pinhais.
- III. Seleção das sementes com base em critérios e regras para a germinação, com auxílio da disciplina de Ciências. Para tal, foi realizado o teste do embrião, onde todas as sementes, sem exceções, foram colocadas em água e as que possuem densidade maior que a água, detém maiores chances de reservas nutritivas para o embrião, todavia, embora as sementes que possuem densidade menor que a água, também foram catalogadas na amostragem do plantio direto.

- IV. Definição e tabulação das amostragens foi realizada com os alunos, organizando planilhas para monitoramento da germinação das sementes, sendo cada série, de cada turno, responsável pelo seu espaço no berçário de sementes. Para o plantio em berçário com substrato, foram selecionadas 201 sementes previamente aprovadas no teste de embrião e outras 276 sementes, foram selecionadas para o plantio direto, para posterior análise comparativa.
- V. O material utilizado como recipientes das mudas do berçário se deu com caixas de isopor e também caixas de leite reutilizadas, providenciadas e preparadas pelos alunos. Buscou-se a parceria de uma agropecuária próxima da escola, que realizou a doação de substrato de compostagem, o qual foi misturado com terra na própria escola.
- VI. Levantamento de dados acerca das práticas culinárias das populações originárias e da população cabocla, que coabitam a região do Vale do Rio do Peixe, podendo ser adaptado conforme a localidade da escola. A partir disso, na disciplina de História, abordou-se o processo de povoamento da região, questões ligadas à temporalidade, análise e observação de materiais líticos, que remontam a ancestralidade dos povos originários e que foram encontrados por famílias de

agricultores, as quais pertencem os alunos ou visitas aos museus da região, além de documentários que esclarecem o processo de ocupação.

- VII. Ao ser desenvolvido e instalado o berçário de araucárias, as turmas receberam um cronograma para zelar pelo espaço, fazendo a limpeza e manutenção, bem como, irrigando as sementes de tempos em tempos. Além dessa escala realizada com os alunos, eles também passaram a desenvolver um relatório de observação de germinação como forma de monitorar o processo e tabular dados, produzindo fotos e vídeos de cada etapa, que resultaram na produção de um material com as informações do projeto.
- VIII. A última etapa, após a germinação das mudas, foi a construção de parcerias com diferentes instituições. Buscou-se o apoio da comunidade, que permitiu o plantio de pinheiros em suas propriedades, da própria prefeitura, que reservou um espaço em uma praça pública capaz de receber uma árvore de grande porte. Ainda, uma parcela significativa das mudas, foram destinadas ao Horto Florestal, para o manejo e recomposição de florestas e cerca de 30 mudas foram deixadas no Museu Histórico e Antropológico do Contestado, em Caçador/SC, como opção para os visitantes levarem as

mudas e o projeto adiante.

Os recursos didáticos utilizados para o desenvolvimento das etapas anteriormente citadas foram os livros base:

- CORTELAZZO. *Metodologias Ativas e Personalizadas de Aprendizagem*. Editora Alta Books, 2019.
- ALMEIDA. *Os Desafios da Sustentabilidade*. Elsevier, 2007.
- CARVALHO. *Educação Ambiental: A formação do sujeito ecológico*. Editora Cortez, 2012.
- CAPRA. *Alfabetização ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável*. Cultrix, 2008.
- REIGOTA. *A floresta e a escola: Por uma educação ambiental pós-moderna*. Editora Cortez, 2011.

Além disso, foram utilizados outros materiais didáticos disponíveis de forma online sobre História, Geografia, Biologia, Ciência e Ecologia com respeito à Araucária. Adicionalmente foram utilizados utensílios de laboratório de ciências para a realização de testes e monitoramento, porém, que podem ser conseguidos em casa. É necessário que os estudantes tenham acesso a áreas naturais com a presença de araucárias. Neste caso, procurou-se entre os próprios alunos por locais que eles conheçam próximos a escola, considerando os recursos disponíveis para tal ação como transporte, que aqui não foi necessário. Os materiais para a criação do viveiro foram reaproveitados como embalagens, dando um novo uso, uma nova

destinação e trabalhando a formação do sujeito ecológico. Para as aulas foram utilizados recursos para apresentação multimídia, obviamente, evitando impressões de materiais desnecessários.

Para apresentação dos resultados, foi realizada uma exposição de material visual e informativo produzido ao longo do projeto, assim como, a exposição de fotos, tabelas e dados sobre o êxito do berçário de araucárias. Tais materiais foram expostos nos eventos escolares com e para a comunidade. Na exposição pode-se destacar os levantamentos dados sobre a história, a biologia, as características geográficas e a importância das araucárias. Todo esse material foi transformado em recurso pedagógico, com a produção de flyers, banners, folders e folhetos utilizados na sensibilização da comunidade como forma de incentivar a preservação das espécies ameaçadas.

A avaliação se deu de diferentes formas. Na avaliação somativa os alunos apresentaram um maior grau de conhecimento acerca dos assuntos abordados, do que em comparação com a realização de somente aulas teóricas, complementando sua nota nas disciplinas envolvidas. Por se tratar de um projeto seriado com um acompanhamento, a avaliação também foi formativa, na qual os docentes observaram as dificuldades na execução das atividades, mas principalmente, a formação de comportamentos

ecológicos, ao observar pequenos avanços dos alunos ao pensar a sua relação ambiental no cuidado com a araucária, na criatividade ao reutilizar materiais para o viveiro, ou ainda, na vivência e sentimentos dos estudantes enquanto agentes de transformação do seu lugar.

Considerações finais

O projeto executado, envolveu os professores(as) de História e Ciências em questão, mas pode, e deve, envolver demais disciplinas, visar outros objetivos específicos que possam se relacionar diretamente com as diferentes realidades escolares, o que é de extrema importância. Como forma de ampliar a interdisciplinaridade da prática, sugere-se a inclusão de conteúdos para a disciplina de Geografia, visando um aprofundamento de conhecimentos sobre os tipos de biomas, fauna, flora, relevo, dando ênfase e associando os conteúdos para a Floresta Ombrófila Mista, além de relacionarem e desenvolverem uma análise socioeconômica acerca do potencial na geração ou complemento de renda com a comercialização da semente. Projetos desenvolvidos em parques visando a conservação e preservação da floresta também podem ser abordados, ou mesmo

visitados, levando sempre em conta, as condições e a realidade de cada unidade escolar.

O papel da Educação Ambiental aqui foi revelar outra cosmovisão, diferente daquela proposta de progresso amplamente disseminada na sociedade nos últimos séculos, na qual o desenvolvimento e o valor econômico predominantes em um território dependem do desmatamento. Trabalhar a Educação Ambiental e o Contestado é uma “venda casada”, não se deve separar um do outro. Mesmo que os estudantes ainda não se considerem enquanto caboclos do Contestado, eles mantêm muitas práticas acabocladadas no seu cotidiano, como comer pinhão, tomar chimarrão ou qualquer outro chá para aliviar uma dor de barriga. Por isso, fazer esta reflexão ambiental dentro da sala de aula é essencial para equilibrar as narrativas dominantes do colonizador. A educação precisa sair dos muros da escola e incluir toda a comunidade. Sempre há muita expectativa com relação aos resultados da educação, mas devemos compreender que os resultados das nossas ações serão vistos a longo prazo, nas ações dos alunos conforme amadurecem, tornando-se sujeitos de si e sujeitos para a sociedade. Se eles, na sua vida adulta, levarem um pouquinho que seja de consciência ambiental para o seu cotidiano, teremos atingido o nosso objetivo.

Referências

FRAGA, N. C. **Por uma Arqueogeografia brasileira**: A possibilidade de análise profunda do território a partir da Guerra do Contestado como exemplo prático. Videira: Êxito Editora e Comunicação, 2022.

MACHADO, P. P. **Lideranças do Contestado**: A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Ed. UNICAMP, 2004.

THOMÉ, N. **Ciclo da madeira**: História da devastação da floresta da araucária e do desenvolvimento da indústria da madeira em Caçador e na região do Contestado no século XX. Caçador: Universal, 1995.

VALENTINI, D. J. **Da cidade santa à corte celeste**: memórias de sertanejos e a Guerra do Contestado. 4ª ed. Chapecó: Argos, 2016.

MÚSICA E IDENTIDADE NO CONTESTADO

EDUARDO DO NASCIMENTO

Introdução

Minha relação com o Contestado é de origem, de nascimento, de pertencimento e devoção à tradição de São João Maria. O trabalho com a música do Contestado se iniciou no ano em que cheguei ao Instituto Federal de Santa Catarina em Caçador em 2017, quando o projeto Banda Caboclos Rebeldes começou a ser executado. Na época, foram organizados dois grupos com estudantes do ensino médio técnico em plásticos e da graduação em engenharia de produção, em busca da construção de um repertório musical relacionado às temáticas da Guerra do Contestado. Nos primeiros encontros em intervalos entre aulas, houve grande interesse dos estudantes em sair tocando. Contudo, dado o empenho requerido para isto, do grupo inicial, 6 estudantes prosseguiram ensaiando e construíram uma discussão. As músicas “Pra não dizer que não falei das flores” (1968) de Geraldo Vandré, “Não chore mais” (1979) de Gilberto Gil e “Metal contra as nuvens” (1991) de Renato Russo foram selecionadas pelos estudantes,

pois, de acordo com a análise deles travam um diálogo com a história do Contestado. Interessantemente, escolheu-se clássicos da música popular brasileira, traçando uma cronologia do auge da ditadura militar e repressão, tendo um hino de resistência do movimento civil, passando pela reabertura política, o lamento de um período massacrante, entretanto, com sentimento de deixá-lo para trás, bem como, a instabilidade e a intensificação das desigualdades do início da redemocratização, trazendo uma mensagem de superação. As músicas escolhidas remetem a uma análise de continuidade da Guerra para os tempos atuais, apresentando a mensagem de luta, resistência e esperança num mundo melhor, típica dos caboclos do Contestado de ontem e de hoje. Paralelamente, outras músicas autorais inéditas estavam sendo compostas, a partir do estudo da identidade cabocla e do disco “O Contestado” de Romário Borelli. Em 2018 o trabalho foi apresentado na Semana do Contestado de Caçador e na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia em Curitiba. Em 2019 os desdobramentos do projeto envolveram mais artistas, bem como, continuidade da pesquisa com o estudo das ladainhas e da obra de Vicente Telles, adentrando também nos conceitos sobre as desigualdades. Em 2020 e 2021 com a pandemia novos projetos

audiovisuais, novas parcerias e novas composições foram realizadas até o retorno.

A pandemia alterou significativamente estudantes e professores. Neste retorno presencial, nada mais estava em seu lugar. As aulas, como antes ocorria na sua aparente normalidade, não faziam mais sentido. Neste momento abandonei completamente ementas, currículo e práticas pedagógicas tradicionais. Das disciplinas técnicas das quais ministrei, pelo menos uma delas por turma viraram aulas deste projeto sobre a identidade no Contestado. A abordagem inicial foi histórico-crítica, buscando observar os arredores e discutir com os estudantes a questão socioambiental e a subjetividade de cada um deles no lugar onde vivem, sistematicamente, conduzindo os debates para as desigualdades no Contestado. Encontrando muitos paradigmas da sociedade capitalista, quase nenhum deles sobreposto e alguns conflitos, entre escutar músicas e conversar, cada grupo de estudantes tinha seu objetivo de aprendizagem. Assim, com base nos princípios da educação profissional e tecnológica, focou-se no fazer-saber. Nenhum ensinamento teórico, mas, profundamente envolvidos pela teoria, a dedicação ao ensino interdisciplinar exigiu renúncias. Desocupamos o espaço educacional regular e controlado, tornando-o em espaço não-formal. Minha formação

técnica em engenharia foi transportada ao mesmo nível da minha não-formação artística e humana. Os estudantes estavam livres para, de acordo com os seus planejamentos, frequentarem os diferentes espaços da escola e desenvolverem os seus projetos. Aulas práticas em tempo integral, era o que os estudantes queriam e foi o que tiveram. Saímos da sala de aula e também da escola. Consequentemente, foi complexo, por vezes impossível, avaliar o aprendizado, o qual não era aquele esperado, conceitual. Este somente foi experimentado em pequenas situações que exigiram plena atenção, para compreender a união e o conflito simultâneos, descontração e tensão, desorganização e reorganização, consciência do saber e do que não se domina. Os alunos se colocaram como professores e sentiram a dificuldade em ensinar, o professor tornou-se aluno buscando o aprendizado. Portanto, a experiência pedagógica relatada abaixo se inicia com uma contextualização de como o movimento histórico do Contestado esteve presente nas aulas, seguindo pela problematização atual debatida na escola. Depois disso, está descrito o detalhamento dos procedimentos metodológicos, encerrando o texto com a discussão sobre os resultados alcançados.

A presença da música na cultura cabocla e na história da Guerra do Contestado

A música está intensamente presente na cultura cabocla do Contestado, portanto, é uma ferramenta fundamental para a construção da identidade imaginada, relacionada à tradição de São João Maria. Ao pesquisar sobre o Contestado, uma das principais imagens divulgadas é uma foto de Claro Jansson do grupo de jagunços contratados pelo coronel Fabrício Vieira, na qual ao lado do piquete armado observa-se um gaiteiro e um violeiro, revelando a importância da música naquele ambiente. Neste sentido, a gaita ponto é um instrumento simbólico dessa diversidade cultural, demonstrando a essência festiva e a integração entre imigrantes europeus, indígenas e negros. Assim, esta proposta procura relacionar a música aos aspectos culturais históricos que formaram a identidade do Contestado.

Nas Cidades Santas da época da Guerra do Contestado, os caboclos realizavam diariamente um cortejo ao redor dos quatro cantos da praça central onde haviam cruzeiros, rezando e cantando, ritual chamado de Quadro Santo (VALENTINI, 2023). As músicas eram rezas cantadas, ladainhas, que faziam prece na cerimônia religiosa com letras de invocação à Deus, à Jesus Cristo, à Virgem Maria e aos Santos. Como consequência das milhares de

mortes na Guerra, o caboclo encontrou espaço de conforto na fé, manifestada culturalmente por meio das orações, benzimentos e ladainhas. Antes disso, os caboclos do Contestado costumavam fazer cortejos na época da quaresma. Eram momentos de religiosidade e introspecção em função da Semana Santa. Nesta época as comunidades se reuniam e seguiam rezando de casa em casa, bem como, cantando ladainhas. A recomendação das almas é outro ritual religioso do caboclo, que utilizava estas canções e que tradicionalmente continua sendo realizada na região. O registro do ritual pode ser encontrado no documentário “Acordai irmãos das almas” disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2j58ZXW1Egsn>>. As festas de padroeiros, como a de Bom Jesus, São Sebastião, entre vários outros, também eram momentos religiosos festivos ligados às comunidades locais no qual a música esteve plenamente presente.

A manifestação musical tradicional do caboclo do Contestado é vibrante e vigorosa. A sonoridade é anasalada com um timbre vocal peculiar e quase sempre cantado em grupo. As músicas são cantadas a duas vozes, da mesma forma que a música sertaneja, predominando intervalos de terças. Há um paralelismo entre as vozes, não existindo movimentos oblíquos e contrários ou diferenças de intensidade e articulação. Nas melodias normalmente

não há grandes saltos, predominando os graus conjuntos e pequenos movimentos melódicos. As melodias são relativamente curtas e quase sempre simétricas. Ocorre o tratamento silábico em quase todas as notas musicais. Algumas canções tradicionais das ladainhas podem ser encontradas no registro fonográfico disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQs11BPGFbo>>. A gaita é o instrumento principal predominantemente melódico. O acompanhamento instrumental da gaita é realizado pelo violão sob a forma de acordes ritmados. O ritmo também está vinculado em sua maior parte às palavras do texto, mostrando um padrão de desenhos rítmicos simples, proporcionais à pulsação. O andamento das músicas é moderado, sendo tocadas somente em tonalidades maiores, tanto para as canções de festividade como para as de cunho religioso, com acordes variando entre as notas dominante, terça e quinta (FIGUEIREDO, 2001). Esta construção musical tem extrema sintonia com os valores simbólicos ligados à simplicidade da cultura cabocla.

O modo de vida do caboclo do Contestado era fortemente coletivo com grande influência da cultura dos povos originários. As grandes atividades de trabalho como roçados e construção de moradias, por exemplo, as quais exigiam grande demanda de mão de obra, eram realizadas coletivamente num sistema conhecido

como Puxirão (WEDIG, 2020). Ao final do trabalho realizado, o dono da casa oferecia um baile como retribuição àqueles que ajudaram. O baile era puxado por um gaiteiro, com fartura de comida e bebida. Este momento apresentava-se como o espaço no qual dar, receber e retribuir constituía a base social daquele grupo, marcada pelas relações familiares, de compadrio e vizinhança. O puxirão, ou também denominado como pixirum, era um momento fundamental no modo de vida do caboclo do Contestado, tal qual é para a cultura indígena e assim como, está fortemente presente nas comunidades quilombolas.

De acordo com relatos orais, na região do Contestado havia uma forma de festividade popular conhecida como Domingueira. Estas eram realizadas geralmente em um galpão ou salão de baile da vizinhança aos domingos. Nas domingueiras reunia-se toda a comunidade para confraternizar, cantar e dançar. Em certo momento, formava-se uma roda com as pessoas presentes e ao som de um gaiteiro eram cantados versos improvisados pelos participantes. Este espaço era protagonizado em especial pelas mulheres que puxavam a cantoria. Tal roda era chamada de Ratoeira.

Como acima descrito, no Contestado existe uma enorme riqueza de elementos culturais e memórias que delimitam uma identidade coletiva, anúncio de um modo de vida que segue vivo nas lutas sociais contemporâneas. A proposta pedagógica apresentada adiante, aborda aspectos fundamentais da cultura cabocla por meio da música, os quais estão relacionados aos espaços simbólicos no Contestado. Revitalizar estes símbolos é fortalecer valores para uma maior organização comunal e maior respeito à diversidade. É promover formas sinérgicas de interação com a natureza e compromisso com a sua recuperação, tão importante no contexto de degradação ambiental em que se vive atualmente.

O apagamento da identidade e as desigualdades no Contestado

Perante as transformações sociais ocorridas após o Movimento do Contestado, houve um desequilibrado desenvolvimento na região. Hoje, existe um grande contingente de mão-de-obra barata, que muitas vezes vive sem acesso aos direitos básicos, reverberando nas periferias urbanas a complexidade dos problemas historicamente enfrentados no Contestado, acentuadamente pelas consequências da Guerra. O acesso à educação, à tecnologia e à saúde é baixo, substancialmente nas

menores cidades da região. Atualmente, o déficit habitacional em Santa Catarina ultrapassa 200 mil casas, sendo que este problema se concentra também no Contestado. Os acessos rodoviários da maioria absoluta dos municípios são precários. A ferrovia, um dos agravantes da Guerra, há muito tempo não é utilizada, vias aéreas só são utilizadas privativamente pelas grandes empresas locais.

Os dados socioeconômicos da região do Contestado mostram um ótimo desempenho do setor econômico, puxado pelas indústrias madeireira e agropecuária, comparável aos polos litorâneos nos quesitos produto interno e valor acrescentado. Ao passo que, os índices que demonstram as dimensões da renda são os piores de Santa Catarina. Em maior parte dos municípios mais de 32% da população possui renda per capita menor que meio salário mínimo, numa condição que exige atenção, principalmente com a incidência da pobreza (KARASINSKI, 2023). O tema da educação é de fundamental importância para analisar as desigualdades no Contestado. No âmbito da educação básica, muitos municípios que estiveram envolvidos na Guerra apresentaram indicadores inferiores à média nacional, ocupando as últimas colocações em Santa Catarina nos índices de análise. Esta acentuada desigualdade social é o resultado do processo histórico de formação socioambiental da região. Portanto, os esforços

coletivos de educadores e educadoras para construção de narrativas positivas com relação à cultura cabocla do Contestado, que qualificam a luta e a memória dos homens e mulheres da santa irmandade de São João Maria, são extremamente relevantes para o progresso na direção de uma sociedade mais equilibrada.

As narrativas provenientes deste contexto histórico, descreveram o caboclo pejorativamente por meio de várias denominações preconceituosas, perdurando por mais de um século o processo de apagamento cultural. Este persiste até os dias atuais, criticamente entre as políticas públicas, como é o caso da mudança do nome da região turística “Vale do Contestado” para “Vale dos Imigrantes”, um nome genérico que esconde a história local. Ao mesmo tempo, Santa Catarina ainda promove um modelo de identidade europeizado e excludente para diversos grupos sociais. O apagamento cultural vem deixando profundas marcas nas estruturas social, política e econômica da região. O Contestado permanece contestável sendo umas das regiões com maior desigualdade social do país.

No mundo globalizado, em redes altamente conectadas, com fluxos dinâmicos de informação, ocorre um deslocamento entre as estruturas de espaço e poder local e global. Grupos sociais oprimidos frequentemente promovem valores identitários cuja

dimensão simbólica não está mais relacionada ao seu lugar de vida. Assim como, se os caboclos no interior do Contestado necessitassem manter valores eurocêntricos. Por outro lado, na construção social da identidade, conexões locais são constituídas, assim, a identidade coletiva dá centralidade às redes de pertencimento, ao compartilhamento de valores e ao engajamento cidadão dos indivíduos. Por isso, a prática pedagógica proposta é fundamental para a manutenção dos espaços simbólicos de aprendizado no Contestado, fortalecendo a identidade da cultura cabocla. A transformação dos valores dominantes do consumismo e do individualismo para uma condição que permita a redução das desigualdades passa integralmente pela valorização da cultura cabocla no Contestado. Esta valorização busca, então, transformar a sociedade para uma condição na qual os diferentes grupos sociais possam coexistir harmoniosamente.

Objetivos alcançados com a prática proposta

- I. Ensinar sobre o Movimento do Contestado e as desigualdades sociais.
- II. Conhecer e reconhecer valores e aspectos culturais ligados à identidade cabocla do Contestado, bem como, analisá-los.
- III. Conhecer a música do Contestado e introduzir conceitos da Educação Musical.
- IV. Atuar na formação cidadã por meio dos princípios da Educação Ambiental.

Etapas da prática proposta com detalhamento dos recursos didáticos necessários e critérios avaliativos

A prática pedagógica Música e Identidade no Contestado foi desenvolvida e aplicada para um público escolar do ensino médio em 5 diferentes turmas de no máximo 25 participantes, sendo executada com variações de carga horária entre 8 e 20 horas, dependendo do grupo participante. As etapas da prática proposta estão detalhadas na tabela 1 a frente.

Tabela 1: Atividades e respectivas cargas horárias mínimas executadas durante as etapas aplicadas na metodologia de ensino proposta.

Etapa	Descrição da atividade	Duração (h)
1	Exposição teórica sobre desigualdades sociais	0,5
2	Comentários sobre os objetivos de aprendizado	0,25
3	Dinâmica música e identidade e diagnóstico dos participantes	1,5
4	Apresentação da música do Contestado	1,5
5	Exposição teórica sobre os princípios da Educação Ambiental	0,5
6	Oficina de construção de instrumentos musicais com materiais reaproveitados	3
7	Tocando os instrumentos produzidos em conjunto	0,5
8	Avaliação sobre a prática proposta	0,25

Fonte: do autor.

Etapa 1

Após as saudações iniciais, o educador utilizou o site <https://cidades.ibge.gov.br/> para buscar os dados do seu município. No mapa de Santa Catarina aparecem plotados os indicadores selecionados numa escala estadual. Realizar esta comparação entre as regiões do Estado é fundamental para subsidiar os conceitos sobre desigualdades e

justificar a prática proposta. Podem ser observados e analisados dados da renda, da educação e da economia. Em síntese pode-se concluir que, no Contestado uma classe industrial está obtendo um comportamento eficiente e de elevado rendimento em relação às demais áreas do Estado, o que deve ser considerado ótimo. Apesar disso, esse desempenho não se estende para os demais grupos sociais, enquanto que, a classe trabalhadora dispõe das mais precárias condições sociais de Santa Catarina. Conceitualmente, as desigualdades representam esta diferença de posição entre as elites econômicas e os trabalhadores, porém, diferenças nas quais justiça é reivindicada com base no histórico socioambiental da região. Os artigos listados abaixo foram utilizados como recurso didático complementar, fornecendo dados e subsídios conceituais para trabalhar essa etapa.

- NOSSA & JÚNIOR. *Contestado, a região Nordeste de Santa Catarina*. Estadão, 2012. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/contestado-a-regiao-nordeste-de-santa-catarina/>>.
- LUDKA, et al. A fome e a pobreza na região do Contestado catarinense: uma análise de relatos jornalísticos cem anos após a Guerra do Contestado. *Geographia Opportuno Tempore*, v. 3, n. 3, p. 10-21, 2017.
- NASCIMENTO. A identidade em diálogo com as desigualdades no Contestado. *Expressa Extensão*, v. 27, n. 2, p. 22-35, 2022.
- NASCIMENTO, et al. Caixa de memória do Contestado: Uma abordagem de ensino transdisciplinar. *Desenvolvimento Regional em Debate*, v. 13, p. 461-481, 2023.

Etapa 2

Nesta etapa mostrou-se fundamental ler e analisar cada objetivo, comentando o que se espera que o estudante aprenda. Como forma de interação é possível escolher participantes com afinidade a uma determinada etapa. Por exemplo, a oficina exige habilidades com operação de algumas ferramentas, ou no momento de tocar os instrumentos que também exige de habilidades prévias, ou ainda, verificou-se os conhecimentos prévios sobre a Guerra do Contestado. Desta forma, facilita-se a organização das respectivas etapas.

Etapa 3

A dinâmica Música e Identidade visou realizar um diagnóstico de alguns valores identitários dos participantes. Para isto, foi necessário dividir o total de estudantes participantes em pequenos grupos. Cada grupo teve a missão de selecionar uma música de seu gosto comum. Após todos escutarem a música, o grupo relatou o que mais chamou atenção na escolha daquela determinada música. Não ouviu-se a música completa, somente a primeira parte para não ficar cansativo. Foi preciso incentivar os participantes a falarem o que os faz gostar daquela música. Depois

disso, o educador fez uma análise conjunta da música. É possível fazer análise somente dos elementos centrais da letra. Se a música tiver um clipe também é possível analisar os elementos simbólicos que estão mostrados lá. No entanto, caso o educador esteja preparado, é importante fazer uma análise mínima da estrutura musical. Por exemplo, analisou-se o estilo da música, se esta possuía tonalidade maior ou menor, se o ritmo era vibrante ou suave, identificou-se os instrumentos e os músicos que estavam tocando, entre outros. Desta maneira, aproveitou-se a atividade para explicar conceitos da educação musical como melodia, ritmo e harmonia. Alguns participantes ficaram desencorajados a mostrar as músicas que escutam, por medo de uma avaliação negativa. Quando a atividade foi aplicada em diferentes datas, esta etapa foi replicada como introdução em cada uma delas, alternando-se os grupos e dando oportunidade para mais estudantes se manifestarem, sendo que aos poucos eles vão se descontraindo.

A música é uma forma cultural amplamente consumida em quase todos os ambientes. Nesse processo de consumo, perpassa-se pela construção social e transformações desses lugares. Consequentemente, a música de um lugar traz imagens e símbolos específicos dele. Assim sendo, a música também é um meio para as pessoas comunicarem suas experiências, consequentemente,

uma proveitosa fonte para a construção da identidade. Logo, ao apresentarem as músicas é possível conhecer traços sociais daquele grupo de estudantes. Por exemplo, os estilos musicais são fortemente ligados à condição social que determinado participante pertence. No Contestado muitos jovens escolhem músicas do estilo sertanejo ou gaúcho, principalmente em locais com menor urbanidade, mas os estilos também podem ser muito variados se o local estiver na região central urbana. Sobretudo, os aspectos simbólicos revelam com que os estudantes se identificam e são importantes para este diagnóstico. Em muitas situações, o contexto de superação e conquistas estão presentes nas músicas que o público de ensino médio escuta. Ademais, elementos como feminismo, ostentação e paixão também são frequentes.

Etapa 4

Na etapa Música do Contestado abordou-se a cultura cabocla analisando os significados simbólicos embutidos na música, que devem ser entendidos como diálogos sociais em andamento, os quais conectam os indivíduos à sua cultura, lugar e tempo. Esta foi uma etapa importante para expor o conteúdo com relação ao ensino da História do Contestado. Apresentou-se no máximo 4 músicas em um mesmo período. Na medida do possível,

ampliou-se até 3 vezes a carga horária sugerida para essa etapa. Neste caso, foi realizado um planejamento para continuar a atividade em diferentes datas. Escutar e interpretar músicas desconhecidas é cansativo. Assim, para que houvesse maior compreensão foi importante escutar as músicas mais de uma vez, deixando previamente como tarefa para casa.

Inicialmente, fez-se uma apresentação e análise dos registros musicais mais antigos com referência à época da Guerra do Contestado. Estes registros são as ladainhas. Elas estavam presentes no cotidiano do caboclo do Contestado e ainda continuam sendo cantadas nas diversas comunidades, nas quais se reúne a vizinhança para rezar o terço caboclo. Nesta etapa, deve-se ter uma atenção especial às situações nas quais o participante identificou-se e relatou uma vivência familiar, logo, o debate se estendeu, de acordo com o grupo de participantes. Em algumas situações os aspectos estéticos da ladainha causaram certo constrangimento, resultando em risos numa avaliação depreciativa daquele estilo. Nesta situação foi necessário parar e fazer uma reflexão sobre o preconceito estrutural. Diversos outros aspectos da cultura cabocla do Contestado também surgiram, sendo importante para o cumprimento dos objetivos o incentivo às reflexões.

Como recurso didático utilizou-se o documentário intitulado “Águas Santas: A terceira margem do rio”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EWSFG8GsxCE&t=2s>>. Na introdução deste documentário há uma ladainha tradicional da região. No final do documentário intitulado “As Contestadas” é possível encontrar outra ladainha, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=egxjhtw2wQA&t=440s>>.

Neste mesmo documentário há um relato das depoentes sobre o momento da ratoeira e detalhes do período da quaresma. No documentário intitulado “Invernada dos Negros”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5rbETobiNk8&t=1662s>>, também há o relato de um gaiteiro sobre os puxirões e as surpresas. Ainda se utilizou como recurso didático o livro intitulado “Bulha d’Arroio” do autor catarinense Tito Carvalho, o qual participou da renovação cultural da década de 1920, período em que realizou a escrita de uma série de contos, nos quais trabalhou o material linguístico da região serrano-catarinense. Em dois contos intitulados respectivamente “Valentia” e “Carijo” tem-se como cenário o baile final de um puxirão, descrevendo também o momento da ratoeira.

Seguindo uma ordem cronológica, após a apresentação das ladainhas é importante destacar o grande período sem produção na música relacionada ao Contestado. Somente depois de décadas de apagamento cultural, a obra intitulada “O Contestado” de Romário Borelli, foi um marco da produção artística sobre o Contestado. O autor montou a peça teatral musicada pela primeira vez em 1972, sendo posteriormente gravado um disco pelo Museu da Imagem e do Som do Paraná com as composições musicais da peça. Nesta obra, Borelli mostra um profundo conhecimento sobre o tema, os personagens e a geografia da região. Acima de tudo, retrata os costumes locais, o modo de vida dos caboclos, suas crenças, linguagem e convicções. Com certa dificuldade, somente algumas das músicas do disco puderam ser encontradas na internet. Selecionou-se somente uma delas para um único momento, com destaque para as músicas “Não conteste o Contestado”, “Lá vem João Maria a bença”, “Tormenta” e “Sô levantado”. No caso quando a atividade se estendeu mais músicas do disco foram analisadas. Para a análise ampliada, também se destaca a declamação do discurso de Adeodato na última faixa do disco.

Tão importante quanto, o folclorista e músico catarinense Vicente Telles, dedicou-se à missão de tirar das sombras parte ainda insepulta do legado da Guerra do Contestado. Vicente Telles recebia as escolas e fazia palestras educacionais musicadas que desconstruíam a narrativa oficial preconceituosa, exaltando a grandiosidade do povo caboclo do Contestado. Na obra “Aquarela do Contestado”, Telles compôs músicas que falam dos personagens e dos aspectos simbólicos centrais envolvidos na Guerra. Entretanto, a maioria das músicas não estão disponíveis na internet. Algumas delas foram gravadas e puderam ser encontradas, destaca-se a música “Alma de Jagunço” gravada pelo grupo Fogo de Chão, além das músicas “Maria Rosa” e “Chica Pelega” gravadas pelo cantor Elton Saldanha. Também se utilizou como recurso didático o documentário intitulado “Os guardiões do mensageiro”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=au2v2hO6lcE>>, no qual conta-se brevemente a história de Telles. No final do documentário também é apresentada a música “Chega de ilusão” dialogando com a problemática atual desta proposta pedagógica.

Tanto as composições de Romário Borelli como as de Vicente Telles estão ligadas aos personagens da Guerra do Contestado. Elas têm como base estrutural a música sertaneja e

gaúcha com intensa presença da viola e da gaita. Algumas destas composições possuem arranjos mais sofisticados se distanciando da estrutura tradicional, com tonalidades menores, inversões tonais e dissonâncias. Sobretudo, para finalizar esta etapa, comparou-se estas obras com algumas produções musicais recentes sobre o Contestado. Este momento final é fundamental para o fortalecimento da identidade local, fazendo uma conexão com os aspectos culturais históricos, mas com referências atuais que são importantes para formação dessa identidade, particularmente dos jovens estudantes. São indicados três álbuns de músicos locais intitulados respectivamente, “Contestadas” da cantora Rafaela Ventz, disponível em: <<https://www.youtube.com/@rafaelaventz/featured>>, “Um tempo anunciador” da dupla os Guardiões do mensageiro, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yk7lgf0Eypo>> e “Ritmo Contestado” da banda Vilmem, disponível em: <<https://www.youtube.com/@vilmem6690/featured>>.

As músicas do álbum “Contestadas” compõem a trilha sonora do documentário “Águas Santas: A terceira margem do rio”, anteriormente indicado. Elas buscam distanciar-se do relato histórico da Guerra, trazendo aspectos identitários que remetem aos valores culturais históricos, com arranjos diversificados,

transpassando suavidade e fluidez até tensões dissonantes. Além disso, o artigo “Banda Caboclos Rebeldes: A identidade do Contestado em concerto”, in: NASCIMENTO. *Rede Contestado de educação, ciência e tecnologia*. Ponta Grossa: Atena, (2020) auxiliou como recurso didático para análise das composições. As músicas também possuem videoclipes com tradução em libras, promovendo a inclusão de um estudante surdo-mudo. As músicas do álbum “Um tempo anunciador” também sensibilizam para os valores e símbolos da identidade cabocla do Contestado, sem fazer referência direta à Guerra. Também compõem a trilha do documentário “A escola no Contestado”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wZlrGepbOxg&list=PLIVhTUS SPOsS1yALpTcdnZfM4gC4rIBgR>>. Este documentário também foi utilizado como recurso didático para análise sobre o trabalho pedagógico no Contestado. As composições buscam ser originais propondo a construção de uma identidade própria. Elas destacam uma cosmovisão holística a partir dos elementos da natureza, permeados também por aspectos como o sincretismo religioso. Elementos estes que são basilares da diversidade da formação cultural do caboclo do Contestado. As partituras das composições estão disponíveis, auxiliando no aprofundamento acerca da Educação Musical. Por último, o álbum “Ritmo Contestado”

apresenta uma composição musical baseada nos arranjos da música norte-americana, porém, tocados com instrumentos tradicionais locais como a gaita, a viola e o bumbo leguero. As letras fazem referência aos elementos simbólicos dos períodos da Guerra do Contestado. Além disso, o respectivo álbum possui uma série documental que apresenta esta discussão, sendo um importante recurso didático.

Etapa 5

Tendo em vista a problemática da identidade no Contestado, percebe-se a necessidade de uma mudança de atitude com relação ao pertencimento local. Para progredir nessa direção, as ações de Educação Ambiental estão na origem da construção de valores sociais que promovem a sustentabilidade. Sem esquecer do contexto histórico-cultural, atualmente, a região do Contestado tem muitas insuficiências na construção de tais valores, por isso, fortalecer uma identidade assentada no respeito ao ambiente, solidariedade e diversidade é essencial. Após as reflexões sobre a cultura cabocla do Contestado por meio da música, esta proposta pedagógica incluiu uma atividade prática com foco na Educação Ambiental. Portanto, além dos conhecimentos sobre o Contestado, foi possível trabalhar o

desenvolvimento de habilidades e atitudes. Como introdução desta nova etapa foi necessário explicar os objetivos e os conceitos da Política Nacional de Educação Ambiental e como eles se ligam ao modo de vida do povo caboclo.

Os caboclos tinham como meio de subsistência a utilização da floresta de Araucárias. A floresta de Araucárias fornecia fartura de alimentos, favorecendo a criação de animais soltos, alimentados pelo pinhão e também por frutas nativas como a gabioba. A Araucária é símbolo de resistência e prosperidade na cultura cabocla do Contestado. No entanto, hoje, persevera a atividade econômica industrial oriunda da exploração das florestas artificiais de Pinus, as quais ocupam mais de 30% do território de toda região, no lugar da floresta nativa de Araucárias derrubada durante o século XX, caracterizando predominância da monocultura, gerando degradação do solo e perda da biodiversidade e dos recursos hídricos.

Etapa 6

A etapa da oficina de construção de instrumentos musicais com materiais reaproveitados é essencialmente prática, desenvolvendo habilidades básicas como projetar, cortar, unir,

medir, dentre outras. Além disso, esta etapa completa o processo da Educação Ambiental, no qual somente a consciência ambiental não dá conta de reverter os problemas historicamente enfrentados, por isso, é necessário ação transformadora. Consequentemente, correlacionada aos aspectos culturais, esta etapa promove o desenvolvimento atitudinal e a formação cidadã, tendo o participante uma oportunidade de aprendizado efetivo e de contribuição contra as condições ambientais degradantes. Para adequada organização da oficina, foi preciso experiência prática na construção dos instrumentos, produzindo-os previamente, assim como, saber as técnicas básicas para tocá-los.

Muitos dos materiais reaproveitados para a construção dos instrumentos musicais foram oriundos de objetos domésticos como as embalagens. Para a oficina foi preciso que o educador fizesse a coleta seletiva desses materiais. Em outro caso, realizou-se um planejamento prévio com 2 meses de antecedência, para uma campanha sobre consumo consciente e coleta seletiva entre os participantes. Para a oficina com 25 pessoas foram coletados pelo menos: 6 frascos de plástico PS com 100 mL usados para bebida láctea, 2 cabos de madeira de vassoura, 2 baldes de plástico PP com 5 L usados para banha, palitos de bambu, 4 latas de aço com 500 g usadas para leite em pó, 4 latas de aço de 200 g usadas para

café em pó, 10 garrafas de plástico PET de 2 L ou 3 L usadas para refrigerante, 2 latas de aço com 3,3 L usadas para tinta, cordas de aço de violão, 4 latas de alumínio de 250 mL usadas para bebidas, 2 garrafas de plástico PEAD de 600 mL usadas para amaciante, 2 arcos de fone de ouvido estragados, 2 pedaços com mais de 1 m de cano de plástico PVC com diâmetros de 20 mm e 40 mm, um maço de pregos usados e um pacote de pedrinhas ou grãos. Para a construção dos instrumentos o educador precisou de 6 rolos de fita isolante colorida para enfeitar os instrumentos, rolo de fita de alta adesão com 5 cm de largura, lixas com granulometria 100, pistola de cola quente, arco-serra para metal, estilete, tesoura grande, alicate, 5 m de arame para amarrar, parafusadeira com broca 3 mm, soprador térmico e 5 bancadas.

A partir do reaproveitamento destes materiais foi possível produzir 2 ganzás com as latas de alumínio, lixando o gargalo, preenchendo parcialmente com pedrinhas e unindo-os com fita. 3 pares de maracás com os frascos preenchidos parcialmente com pedrinhas e um pedaço de cabo de vassoura fixo no gargalo com fita. 2 cuícas com os baldes e palitos fixados em um furo no centro do fundo, sendo tocado com um pano molhado friccionando o palito. 2 bongos com as latas de 500g e 200g, pele com garrafa PET presas na boca com arame e esticadas com soprador térmico. 2

tambores com as latas de tinta, pele com garrafa PET presas na boca com arame e esticadas com soprador térmico. 4 kazoos com o gargalo das garrafas e um pedaço de sacola plástica como membrana fixa no gargalo. 1 pau-de-chuva com o cano de 40 mm preenchido parcialmente com pedrinhas e perfurado em espiral com os pregos. 1 berimbau com o cano de 20 mm, cabo de vassoura para fixar a corda de aço nas pontas e fundo das garrafas amarrado com arame ao arco do berimbau. 2 mind-vox com a garrafa de amaciante cortada ao meio e fixada no arco do fone de ouvido.

Etapa 7

Com os instrumentos produzidos é hora de praticar. Os participantes com alguma habilidade prévia escolheram alguns ritmos conhecidos, ensaiaram e tocaram. Os demais puderam cantar ou dançar. Esta etapa foi descontraída, criando vínculos entre os participantes, foi momento de confraternizar e se divertir.

Etapa 8

Com o encerramento da etapa anterior os participantes estavam eufóricos, depois disso, foi necessário reuni-los em roda para uma avaliação oral e levantamento das suas impressões com relação à proposta pedagógica. Neste momento, relatos importantes de reconhecimento dos aspectos culturais em experiências familiares surgiram, sendo a identificação do participante com a temática da proposta um critério avaliativo determinante para cumprimento dos objetivos. Em geral, também, surgiram questionamentos sobre os indicadores socioeconômicos mostrados e sobre a história do Contestado, muitas vezes ainda desconhecida. Estes critérios serviram para avaliar o alcance dos conteúdos sobre o Movimento do Contestado e as desigualdades sociais. Sentimentos despertados em relação às músicas e descoberta de habilidades musicais pelos participantes foram critérios avaliativos para a Educação Musical. Relatos sobre a importância do aprendizado sobre a coleta seletiva e a possibilidade de reaproveitamento dos materiais foram critérios avaliativos observados para a Educação Ambiental. Por último, o engajamento demonstrado e o desejo em progredir para novas atividades a partir desta prática foram critérios avaliativos

constatados no sentido da formação cidadã. Estes relatos foram anotados para futuramente aprimorar a execução da oficina.

Aspectos interdisciplinares envolvidos, possíveis planejamentos conjuntos e resultados da prática proposta

A prática pedagógica Música e Identidade no Contestado envolveu conceitos da Geografia considerando os indicadores socioeconômicos analisados, envolveu conceitos da Sociologia com relação às teorias sobre desigualdades, cultura e identidade, envolveu conceitos da História para descrever os fatos da Guerra do Contestado, envolveu conceitos da Ecologia com relação ao ambiente, envolveu as Artes por meio da teoria da música, envolveu a Tecnologia para a realização da oficina e envolveu a Filosofia, a partir da base metodológica proposta em referência ao autor Felix Guattari, ao passo que, foram trabalhados conceitos ambientais, sociais e da subjetividade humana, englobando aspectos simbólicos do Contestado. Nesse caso, um único educador trabalhou todos estes aspectos de forma pluridisciplinar. Em contrapartida, é possível que educadores das diferentes áreas possam planejar a execução conjunta das atividades, com momentos compartilhados, portanto, ampliando o alcance interdisciplinar. Além disso, foi possível envolver os estudantes no

planejamento das atividades, como por exemplo, na campanha de consumo consciente e coleta seletiva, interagindo com outras escolas por meio dos instrumentos musicais, trazendo aspectos transdisciplinares para a prática pedagógica.

Na prática interdisciplinar executada constatou-se que os participantes se sentiram pertencentes ao coletivo, sem perder suas características, possibilitando a interdependência, o compartilhamento, o encontro, o diálogo e as transformações. Nesse movimento da interdisciplinaridade, o mais importante que conceituar, foi refletir a respeito das atitudes que se constituíram. Desta forma, a interdisciplinaridade foi mais facilmente caracterizada pelos resultados provocados ou pelas reações dos participantes diante da tentativa de operacionalização dessa abordagem. Houve um processo de construção de conhecimentos para a compreensão de realidades complexas, como o Contestado.

Parte significativa dos participantes da prática proposta, porém, nem sempre a maioria, tiveram respeito ao olhar o velho como novo, ao olhar o outro e reconhecê-lo. Mostraram esperança diante dos desafios apontados, questionaram o estabelecido, aparecendo a dúvida. Foi preciso colocar os estudantes como foco, procurar a cooperação, que conduziu às parcerias, às trocas, aos encontros. Isto dado pelo resgate da história e da cultura local,

ligadas às memórias afetivas familiares, encontrando vivências e experiências relegadas ao esquecimento pelo espaço tradicional de aprendizado.

Referências

FIGUEIREDO, S.L.P. Música na comunidade Cafuza de José Boiteux-SC, p. 55-74. In: MARTINS, P. (org). **Sertão de azulá**: a comunidade cafuza em perspectiva. Florianópolis: NUER, 2001.

KARASINSKI, E.N. O fortalecimento da identidade como forma de redução das desigualdades no Contestado, p. 33-50. In: GRANADA, D. **As identidades culturais no planalto catarinense**: dinâmicas históricas e processos contemporâneos de construção da diversidade. Florianópolis: Instituto Brasil Plural, 2023.

VALENTINI, D.J. Cidades Santas ou redutos: igualdade, fé e fraternidade, p. 229-237. In: RODRIGUES, R.R; et al (org). **A guerra santa do Contestado tintim por tintim**. São Paulo: Letra e Voz, 2023.

WEDIG, J.C. Acontecimentos e memórias da Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais do Paraná. **Anuário Antropológico**, v. 45, p. 213-231, 2020.

A TECNOLOGIA DIGITAL NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E OS MULTIPLICADORES DO CONTESTADO

FERNANDA APARECIDA SILVA DIAS

Introdução

Sou professora da educação básica na rede estadual de educação há 20 anos, formada em Letras e Geografia, estou em busca de conhecimento histórico para compreender a nossa realidade e também fortalecer a cultura cabocla que ficou escondida. Tenho percebido que os estudantes chegam à escola sem o conhecimento da sua própria história e cultura. Assim, busco diversas maneiras de manter viva as memórias e os costumes da região, em especial do município de Monte Carlo/SC. Portanto, há muito o que se recuperar e valorizar na história desse povo caboclo. Na Guerra do Contestado, muito da cultura cabocla foi esquecida com a morte das pessoas que viviam na região. Ressignificar isso é uma maneira de reavivar a experiência humana do Contestado, que por muito tempo tem sido ignorada.

Nossas atividades de ensino, em diferentes ambientes formativos culturais, precisaram utilizar a tecnologia digital como ferramenta para auxiliar os estudantes a aprofundarem seus conhecimentos sobre a cultura cabocla, trazendo maior compreensão de porque os resquícios da Guerra do Contestado ainda afetam profundamente nossa região. Por meio do uso da tecnologia digital conseguimos dialogar com um maior número de pessoas, as quais ainda não conheciam a cultura cabocla e a história do Contestado, além de ampliar as possibilidades para o povo caboclo fortalecer e divulgar a sua identidade.

O movimento Contestado faz parte das temáticas da geografia que podem ser abordadas em sala de aula. No senso comum, a imagem da Guerra parece apagada, porém, sabemos que muitos dos atuais problemas sociais são consequências do tempo em que muitos perderam tudo o que tinham e a própria vida, lutando pela sua terra e pela sua sobrevivência. Portanto, há uma enorme necessidade de ensinar conhecimentos históricos, geográficos, sociais e culturais nos diferentes ambientes de aprendizagens, sobre a realidade que estamos inseridos. Ensinar a História do Contestado em Monte Carlo, um município de Santa Catarina que foi palco da Guerra do Contestado quando ainda era um distrito de Campos Novos, é bem desafiador. Esse território era

chamado Espinilho, uma região que abrigou e abriga até hoje, muitos caboclos e caboclas.

O Espinilho no Contestado

Essa história começa por volta do ano de 1850, quando Joaquim Corrêa de Mello e Maria Rodrigues Corrêa, vindos do Campo do Tenente no Paraná, solicitaram a posse de terras da chamada Fazenda Velha do Espinilho, hoje atual município de Monte Carlo/SC. A região era densamente coberta por pinheirais e povoada por indígenas Kaingang e Xoklengs. Na década de 1940, com a chegada das primeiras madeireiras instaurou-se um ciclo de desenvolvimento econômico na região. A principal madeireira instalada veio do município vizinho de Tangará e foi trazida pela família Pisani, por isso, a região também ficou conhecida como Fita Pisani. O nome Monte Carlo tem origem na visita de Carlos Pisani ao Principado de Mônaco, na Europa, onde está localizada a cidade de Monte Carlo. Seu entusiasmo foi tão grande que, para homenageá-lo, o distrito trocou a denominação Espinilho por Monte Carlo. Monte Carlo emancipou-se politicamente somente em 1991. Monte Carlo está dentro do espaço territorial do Contestado. O local foi base para concentração de forças militares para o segundo

ataque a Taquaruçu, em 1913 durante a Guerra do Contestado. Por estar situada no caminho entre Campos Novos e Taquaruçu, Espinilho foi também um importante caminho para os caboclos e o monge. Na localidade da Vila Arlete, ainda hoje, encontra-se uma nascente de água tida pela população como benta e com propriedades curativas por ter sido abençoada pelo monge João Maria (THOMÉ, 1982).

A região do Espinilho é uma região tradicional cabocla onde vivem pessoas que continuam a luta pelo reconhecimento da história e da cultura deste povo, bem como, o direito de reparação histórica de toda violência promovida pelo Estado. Consequentemente, ainda é preponderante a falta de oportunidades para a população, especialmente para os descendentes da Guerra do Contestado. Observa-se uma alta vulnerabilidade social para grande maioria da população, isso fica evidente quando observamos o índice de desenvolvimento humano do município de 0,643, um dos menores de Santa Catarina. De acordo com os dados do IBGE no ano de 2022, o índice de desenvolvimento da educação básica dos anos finais do ensino fundamental da rede pública em Monte Carlo equivale a 4,6. O que pode ser considerado baixo com relação à média estadual das escolas públicas, sendo equivalente a 5,3. A falta de acesso a uma

educação de qualidade leva à perpetuação do ciclo de pobreza e limita as oportunidades de trabalho para os indivíduos menos favorecidos, isto é o resultado de recursos limitados nas áreas rurais, infraestrutura educacional precária e falta de investimento em escolas públicas. Portanto, as perspectivas de vida e opções disponíveis de desenvolvimento socioeconômico para os residentes de Monte Carlo são limitadas, considerando que, a média salarial domiciliar no município é de 1,9 salários mínimos (IBGE, 2022).

No âmbito pedagógico é importante reconhecer e valorizar a história e a cultura cabocla, visto que, muitos dos moradores de Monte Carlo são remanescentes do povo caboclo e não conhecem as raízes da própria história. Percebendo então, a necessidade de aprofundar os conhecimentos históricos, geográficos, sociais e culturais dos estudantes, sobre a realidade em que estão inseridos, no contexto da pandemia, fizemos o uso da tecnologia digital com diferentes ferramentas disponíveis para avaliar o impacto na aprendizagem desses estudantes. A partir disso, foram preparados: digitalização de livros, criação de podcast, jogos online, programação em blocos, gravação de documentário, entre outras ferramentas a serem destacadas a seguir.

Objetivo da proposta trabalhada

Durante o desenvolvimento das atividades pedagógicas propostas alcançamos o objetivo de aprendizagem esperado e boa parte dos estudantes e professores reconheceram e valorizaram a cultura cabocla a partir do uso da tecnologia digital como facilitadora da comunicação e do acesso às informações sobre a história do Contestado, reunindo e engajando o grupo de multiplicadores do Contestado.

Relato de experiência

As atividades descritas foram executadas na escola estadual de educação básica Prof.^a Virgínia Paulina da Silva Gonçalves em Monte Carlo/SC, a qual possui aproximadamente 310 alunos que frequentam o ensino médio, nos três períodos letivos. Em busca de uma prática pedagógica voltada para o protagonismo juvenil, em meio a pandemia de Covid, quando as aulas estavam sendo realizadas de forma virtual via *google classroom* e as condições de aprendizagem tornaram-se extremamente ineficientes, foi organizada a I Semana do Contestado, no final do mês de outubro e início de novembro de 2020. Desta forma, um projeto interdisciplinar foi proposto pelos

professores da área de ciências humanas e das linguagens, com o propósito de implementar efetivamente o uso da tecnologia digital para o ensino, especificamente da Guerra do Contestado, analisando os aspectos sociais, políticos e religiosos, bem como, seus desdobramentos.

Na realização desse aprofundamento, foram inseridos temas ligados ao Contestado e adequados à faixa etária dos estudantes no Ensino Médio. Por exemplo: A Guerra do Contestado e o Espaço Geográfico; Linha do tempo da Guerra do Contestado; Líderes caboclos e suas características; Avanços tecnológicos durante a Guerra; A Mística do Contestado, entre outros. No estudo da Guerra do Contestado, os estudantes puderam usar recursos digitais para acessar fontes primárias, como jornais da época, fotografias, relatos de testemunhas e até mesmo, realizar visitas virtuais a locais históricos relacionados ao conflito. Eles também foram motivados a utilizar ferramentas digitais para produzir trabalhos, apresentações multimídia e colaborar com colegas por meio de plataformas online, bem como, pesquisar informações online de forma crítica, avaliando a credibilidade das fontes digitais. Também utilizaram ferramentas de produção de conteúdo digital e colaboraram em trabalhos *online*. Além disso, construiu-se um acervo digital compartilhado por meio do *google drive* com

atividades, livros, vídeos e outros materiais construídos por alunos e professores.

Para finalizar o período de estudos do tema, foi realizado uma *live* da Semana do Contestado com alguns convidados, professores e lideranças locais. disponível em: <<https://youtu.be/Dd4loQG2YTA>>. Participaram do momento: Márcia Paraíso, Nilson Cesar Fraga, Edson de Lorenzi, Alzira Prates, Ezanir Prates, Jilson Carlos Souza, Alexandre Dementovis, Marcia Duarte, Roselene Flesch, Ana Janete Gonçalves Turcato, Analice Moraes, Thiago Brolesi, Valdir de Deus e a professora Fernanda Aparecida Silva Dias como mediadora dos encontros. Os estudantes também estavam presentes assistindo e fazendo questionamentos. Foi desafiador e interessante, pois, nesse momento as *lives* ainda não eram comuns, marcando assim, a I Semana do Contestado em Monte Carlo/SC. Esse foi um dos primeiros momentos que fizemos o uso da tecnologia digital nos processos de aprendizagem sobre o Contestado, a qual possibilitou um encontro entre pessoas que estavam em diferentes regiões do Brasil. No mesmo ano percebi a dificuldades de encontrarmos material digital para propor atividades de pesquisa para os estudantes, inclusive tivemos que adaptar a digitalização de uma revista que tínhamos na biblioteca da escola, para então, darmos

continuidade ao nosso projeto. Tãmanha foi a empolgaçaõ naquele contexto que se decidiu entre os estudantes, professores e palestrantes, criar um grupo com o propósito de fortalecer a cultura cabocla em Monte Carlo, socializando informações, mas também, para marcar encontros para organizaçaõ da II Semana do Contestado.

Multiplicadores do Contestado

O novo ensino médio tem sido orientado pela Base Nacional Comum Curricular a qual define as competências gerais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo de sua trajetória educacional. Essas competências são fundamentais para o desenvolvimento integral dos alunos e para a sua preparação para a vida pessoal, social e profissional, uma vez que, valorizar a cultura local, ampliar as possibilidades de socializaçaõ das diferentes formas de expressãõ e vivências sociais, influencia muito na valorizaçaõ da cultura cabocla do Contestado.

O desafio lançado em 2020 de continuarmos realizando a Semana do Contestado em Monte Carlo, foi abrilhantado em 2021. Com o retorno das aulas presenciais buscamos aprimorar nossas referências de estudos e realizamos atividades presenciais na

escola durante o segundo semestre. A proposta de 2021 foi realizada da seguinte maneira, cada turma foi orientada por um professor o qual trabalhou uma temática do Contestado com propósito de construir e apresentar uma oficina na Semana do Contestado. Os estudantes envolvidos no processo de aprendizagem eram do Ensino Médio, as turmas do primeiro ano foram orientadas pela professora Analice Moraes, que trabalhou, como era e como é na atualidade a casa e a família do caboclo. As turmas do segundo ano foram orientadas pela professora Fernanda Aparecida Silva Dias, que as organizou para apresentar uma breve biografia de lideranças da Guerra do Contestado, identificando quais eram as atitudes protagonistas dos líderes Adeodato, Chica Pelega, monge João Maria e Noratão personagem do Taquaruçu da qual ainda existem descendentes vivos em Fraiburgo e região. As turmas do terceiro ano foram orientadas pela professora Ana Janete Gonçalves Turcatto, que organizou com os estudantes para construir uma linha do tempo, contando os principais fatos ocorridos durante os 4 anos de guerra. Tivemos também a Professora Ana Cláudia Scarabotto que organizou os usos das ervas medicinais e dos costumes de benzimentos do nosso município.

Na II Semana do Contestado utilizamos a tecnologia digital de maneira menos intensa, pois, saímos de um período de muitas aulas remotas e muito tempo conectados para uma socialização presencial. Então, foram registrados fotos e vídeos, disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2GHLY8c77gw>>, os quais serviram de recordação e inspiração para motivar a preparação da Semana do Contestado no ano seguinte. Entretanto, com o retorno das atividades presenciais o sentimento coletivo de pertencimento àquele movimento cultural de valorização da cultura cabocla do Contestado foi potencializado. Com os desdobramentos das atividades de realização das oficinas foi organizado um pequeno Museu da Escola, na medida em que, professores e alunos catalogaram objetos que fazem parte da cultura cabocla e que foram doados pela comunidade.

Os resultados da II Semana do Contestado em 2021 foram surpreendentes. Todos, professores, estudantes e comunidade, aprenderam alguma informação nova sobre a região do Contestado e a cultura cabocla. Ficou evidente que o interesse pela cultura do povo caboclo motivou os estudantes e professores a conhecerem mais sobre a sua própria história. Criamos laços afetivos. Professores e estudantes ficaram impressionados com o resultado e juntos decidiram continuar com o projeto, pois na voz dos próprios

estudantes: “foi muito legal aprender a nossa história!” Os estudantes estavam tão empolgados que quiseram compartilhar com as demais turmas e escolas seus aprendizados. Assim, nesse mesmo ano, a professora Fernanda Aparecida Silva Dias e um grupo de estudantes mais identificados criaram um jogo de tabuleiro digital chamado Labirinto do Contestado, o qual reuniu fatos e curiosidades da região a serem compartilhados. Inspirado na pedagogia freiriana, a partir dessa experiência coletiva de aprendizado, surgiu o grupo chamado de Multiplicadores do Contestado, que são um grupo de alunos de diferentes turmas da escola e professores. A figura 1 mostra a logomarca do grupo, ao redor estão as sementes do Contestado, também conhecido como rosário de São João Maria, protegendo o coração, as pessoas e a fé cabocla. Homem, mulher, menino e menina representando os multiplicadores do Contestado de mãos dadas. A cruz destaca a fé cabocla, o coração verde e vermelho traz presente o amor pela terra e pela natureza e a necessidade incansável de cuidado com ambas.

Figura 1: Logomarca criada para o grupo de multiplicadores do Contestado de Monte Carlo/SC.



Fonte: design gráfico de Rafael Carlos Rodrigues.

Na continuidade do projeto em 2022 realizamos a III Semana do Contestado de Monte Carlo na escola Prof.^a Virgínia Paulina da Silva Gonçalves. Para permanecer focados no reconhecimento e valorização da cultura cabocla, ampliando o alcance desse projeto, percebemos a necessidade de apoio de

pesquisadores da cultura cabocla e do Contestado. Então, tivemos a oportunidade de contatar o professor Nilson Cesar Fraga para uma roda de prosa com os estudantes no primeiro dia de atividades, sua fala foi brilhante. No segundo dia tivemos a honra de receber o professor Jilson Carlos Souza que conduziu muito bem uma roda de conversa com os estudantes falando da importância da cultura cabocla. No terceiro dia o grupo Renascença Cabocla brilhou o evento com apresentação de dança e muita prosa. As atividades da III Semana do Contestado foram realizadas no segundo semestre de 2022, onde os multiplicadores do Contestado foram orientados pelos professores das ciências humanas e compartilharam suas oficinas com toda a comunidade escolar.

O resultado foi percebido com aumento do interesse dos estudantes em conhecer mais sobre a cultura cabocla e suas raízes. O jogo Labirinto do Contestado, desta vez, foi utilizado nas aulas da professora Fernanda Aparecida Silva Dias como instrumento avaliativo, dividindo os estudantes em grupos para participarem do jogo e responderem as questões, conforme a quantidade de acertos uma nota numérica foi atribuída. A professora também foi convidada a participar do primeiro encontro da Rede Cabocla de Educadores/as do Contestado juntamente com o professor João Valdir Dias onde foi socializado este material.

Dessa maneira, constatamos a importância da inclusão de tecnologias digitais na aprendizagem dos estudantes, pois, estes gostam de jogos e desafios.

A IV Semana do Contestado ocorreu em 2023, ano em que os Multiplicadores do Contestado se fortaleceram e fizeram valer suas aprendizagens extraclasse em apresentações de oficinas e danças do tema Contestado. Foi um processo de muito esforço e aprendizagem para professores, alunos e comunidade. Neste ano, o grupo de multiplicadores esteve engajado no Movimento em prol da construção da Universidade Federal do Contestado. Discutimos sobre a necessidade da construção desta universidade para o enfrentamento dos problemas sociais historicamente estabelecidos em nossa região, levando a pauta das conversas na escola para a comunidade, bem como, participando de uma audiência pública no município de Fraiburgo. Também tivemos a presença do professor Paulo Pinheiro Machado fazendo o lançamento do livro “A Guerra Santa do Contestado Tim por Tim”. Esteve presente a Professora Tatiana Silva Lima, falando sobre a semente do Contestado e o rosário de São João Maria. Também foi possível realizarmos uma oficina de construção de instrumentos musicais com materiais reaproveitados. O professor Eduardo do Nascimento foi quem orientou a oficina e apresentou composições sobre o Contestado.

Além disso, somente os conteúdos sobre o Contestado ficaram limitados para que os estudantes pudessem expressar seus sentimentos com relação à cultura cabocla. Desta forma, os estudantes que fazem parte do grupo multiplicadores buscaram as artes e apresentaram uma coreografia de criação própria da música “Dias Melhores”, composição de Eduardo do Nascimento e interpretação da cantora Maria Nancy. Como forma de inclusão dos estudantes da educação especial, fizemos junto com a intérprete de libras, a coreografia em libras da música “Alumia”, composição de Eduardo do Nascimento e interpretação da cantora Rafaela Ventz. Estas e outras atividades podem ser assistidas no documentário produzido pelos estudantes da IV Semana do Contestado, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vPsaaryqZOY&t=23s>>.

Na IV Semana do Contestado utilizamos novamente a tecnologia digital para a mediação do aprendizado e criação de mais um jogo virtual em uma plataforma online. Esse jogo foi criado interdisciplinarmente com o Professor João Valdir Dias e a Professora Fernanda Aparecida Silva Dias. A partir de todo um contexto anterior com aulas dialogadas em sala, assistimos documentários, fizemos leituras de textos com os estudantes do 2º ano do ensino médio, para depois, criar um jogo de perguntas e

respostas sobre o Contestado. É um jogo interativo que os alunos constroem os cenários, os personagens criam as regras e depois compartilham o jogo com várias pessoas. Cada grupo de estudante criou o nome do seu próprio jogo, na medida em que, os professores direcionaram aos grupos de estudantes textos base de pesquisa relacionados à temática do Contestado, que deveriam ser utilizados para formular questionamentos e depois seguir para o laboratório para finalizar o trabalho. O jogo produzido por um grupo de estudantes está disponível em: <<https://scratch.mit.edu/projects/916255340>>. Mais uma vez os estudantes Multiplicadores do Contestado utilizaram a tecnologia digital para valorizar e fortalecer a aprendizagem sobre a cultura cabocla.

Considerações finais

A semana do Contestado foi conduzida pelos professores da área das ciências humanas e das linguagens, mas, todas as áreas colaboram e se conectam com a temática, em especial os laboratórios de informática, laboratório *maker* e laboratório de ciências da natureza, pois, as pesquisas e oficinas precisaram de vários espaços para construir e esturrar os conhecimentos

adquiridos. Assim, a interdisciplinaridade transcende as fronteiras tradicionais dos processos de aprendizagens, incentivando a colaboração entre educadores, professores e alunos de diferentes áreas. Ao incorporar a tecnologia digital, esse processo se tornou ainda mais dinâmico e acessível. Plataformas educacionais online, aplicativos interativos, recursos de armazenamento virtual, produção audiovisual e outros recursos digitais ofereceram oportunidades únicas para explorar conceitos de múltiplas disciplinas de maneira integrada e envolvente.

Chama atenção o quanto fomos ampliando nossas referências de livros e artigos publicados sobre a temática, como consequência da interação e pesquisas com os estudantes. Ao iniciarmos a Semana do Contestado tínhamos em nossa biblioteca apenas 3 livros, hoje o acervo digital é bem maior, o que fortalece nossas atividades em defesa da cultura cabocla. Sobretudo, a maior ampliação foi das referências pessoais, da rede de contatos entre as pessoas. Os resultados imediatos da Semana do Contestado, estão visíveis nas enquetes de avaliação das oficinas respondidas pelos visitantes, professores e alunos em todas as salas de oficinas e apresentações, sendo que 49% avaliaram com nota 10, 22% com nota 9 e 18% com nota 8. Podemos observar os

pontos positivos da Semana do Contestado nos depoimentos dos professores, estudantes e comunidade:

- *Participar do projeto Semana do Contestado nos deu experiências, vivências e momentos únicos com chance de conhecer nossa história, aprender a lutar por nossos direitos e sentir a nossa cultura através da dança e oficinas realizadas, as quais nos orgulhamos de ter feito parte. (Alunos Multiplicadores)*
- *É muito bom falar sobre o Contestado porque muitas pessoas não sabem o que foi a Guerra do Contestado e hoje devemos valorizar as pessoas e a cultura cabocla. (Aluno Multiplicador)*
- *Fizemos um momento de mística, motivação e ali eu assumi o compromisso de preparar e organizar uma coreografia para uma música do Contestado que motiva nossa andança cabocla a continuar a luta. (Professor colaborador)*
- *Eu acho muito importante o resgate cultural e a história dos nossos descendentes, é muito importante que eles aprendam, que eles saibam de onde eles vem e qual é a nossa história já que Monte Carlo foi palco da Guerra do Contestado. (Visitante da comunidade)*
- *No ensino médio, realizar esse projeto é levar nossos alunos a se reconhecerem como caboclos, se reconhecerem como fruto de uma miscigenação de diversas raças, diversos povos. É levar nossos alunos a compreender também a nossa origem. (Professor colaborador)*

Sentimos que as Semanas do Contestado têm feito a diferença na vida das pessoas, que de alguma forma participam ou assistem, pois depois de ouvir, ver e vivenciar as atividades na nossa escola Virgínia, o olhar para a cultura cabocla se transforma e abre espaço para muitas reflexões. Nos leva a pensar na frase

“Quem tem mói, quem não tem mói também e no fim todos ficam iguais”, esse é o verdadeiro motivo para nos dedicarmos a organizar a Semana do Contestado em Monte Carlo. Os resultados a longo prazo estão sendo reconhecidos dia a dia no chão da escola e na comunidade. Hoje, temos atividades que fortalecem a cultura cabocla e reconhecem o povo caboclo da nossa região em diferentes áreas do conhecimento. Nossos estudantes estão engajados em saber mais a cada nova oportunidade de diálogo e cada roda de conversa sobre as raízes da sua história, em busca de entender quem somos e por que estamos aqui nesse contexto, continuando luta por dias melhores no Contestado.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/panorama-impresso?cod=4211058>, Acesso em: dez. 2024.

THOMÉ, Nilson. **Família Correa de Mello: Raízes da História de Caçador**. Caçador: Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe, p. 28-32, 1982.

TRADIÇÃO ORAL, ARTE E CULTURA NO CONTESTADO

GILSON MAXIMO DE OLIVEIRA

Introdução

Esta proposta construiu um diálogo a partir das manifestações de tradição oral presentes na população cabocla no território do Contestado, induzido pelas experiências dos participantes e a resignificação desses saberes como produtos de arte e cultura em diferentes linguagens artísticas ou suportes comunicacionais. O percurso de construção do saber se debruçou sobre conceitos basilares do patrimônio cultural imaterial, no qual a oralidade é umas das expressões centrais, métodos de registro e preservação desses saberes. Também se ocupou da maneira pela qual esse conhecimento se expressa artisticamente, em especial nas suas dimensões da forma (estética) e do conteúdo (ética). Procurou-se entender de que maneira essas obras artísticas criadas a partir de referências do Contestado são interpretadas pelos habitantes do território e fora dele. Considerando que elas criam uma visão sobre os acontecimentos

daquele período histórico e, portanto, colaboram para a construção de um imaginário coletivo do tema a despeito das intenções originais dos seus criadores. Por fim, a atividade produziu uma reflexão sobre os pontos de contato entre os discursos artísticos e a materialidade, a contemporaneidade e a memória do Contestado atual.

Tendo em vista a diversidade de atores e discursos artísticos e culturais criados com a temática do Contestado, a atividade refletiu sobre como as motivações e o material de pesquisa utilizado, sejam formais como a pesquisa científica, artísticas em suas diversas linguagens ou informais, como a tradição oral e práticas de saber populares, produziram obras com pontos de vista distintos e até mesmo opostos, sobre as mesmas personagens e acontecimentos históricos.

Por fim, elencou-se formas de comunicação que podem ser utilizadas para salvaguarda e difusão desses saberes e/ou obras, sobretudo em formato digital, como áudio, vídeo, fotografia, texto, entre outros, disseminados por redes sociais em diferentes dispositivos como computadores, tablets ou smartphones. É a maneira como essa difusão promove um diálogo intergeracional entre comunidades tradicionais caboclas, escola e artista, fortalecendo a construção de uma narrativa ao arrepio daquele

oficial. Observou-se ainda, que a originalidade e relevância dos conteúdos são maiores quando produzidos de forma coletiva e de preferência a partir das lógicas das comunidades tradicionais, evitando o juízo de valor, mérito ou o enquadramento dos saberes tradicionais como “folclorizados”, “pitorescos” ou exclusivamente “memoriais”, ao contrário, são expressão de uma visão singular de mundo, tão importantes para a formação do sujeito do Contestado quanto aqueles disponíveis nos meios formais.

Narrativas em disputa

O Contestado é um território em disputa também no campo das narrativas, isso é notório ao se fazer uma revisão de literatura sobre o tema, no qual se encontram obras que expressam diferentes visões sobre as motivações, o desenvolvimento e o término da Guerra, por exemplo. Alguns aspectos das narrativas que vão sendo construídas chamam a atenção, sem entrar nesse momento numa análise do discurso sobre o tema: a predominância da produção científica vinculada às instituições de ensino superior públicas e privadas e o grande número de obras literárias, sejam ficcionais ou não, de autores das mais variadas origens.

Boa parte desse volume de informações de alguma forma e mesmo que lentamente, vão sendo apropriadas por diferentes grupos sociais, na maior parte dos casos como forma de validação de suas práticas ou legitimação de sua própria história. A cultura e a arte mormente são utilizadas para essa apropriação, expressando lúdica ou poeticamente aquilo que o meio científico apresenta na forma acadêmica. Esse movimento é feito tanto pela sociedade civil em diferentes grupamentos sociais como estudantes, grupos ou coletivos artísticos, comunidades tradicionais, entre outros, quanto pelo poder público, em especial nas esferas municipal e estadual. Este último de maneira mais explícita, para a validação de discursos políticos que na maioria das vezes caminham numa perspectiva de concertação e pacificação dos interesses entre aqueles considerados vencedores e os considerados vencidos. De todo modo, esses movimentos contribuem para a construção de um imaginário que tem forma (estética) e conteúdo (ética). Interessante perceber que por vezes essas narrativas falam em terceira pessoa, “eles”, os assim denominados caboclos e caboclas, os habitantes tradicionais dos sertões catarinenses, ou seja, suas histórias são conhecidas a partir do recorte e da visão do “outro”.

Essa prática tem sido contumaz ao longo do tempo e possui inúmeras razões para ter assim se constituído, a discussão é complexa e longa. Porém, três aspectos podem ser ressaltados, por serem objeto de reflexão desse trabalho. Em primeiro lugar, aquilo que se relaciona à Guerra, os saberes, fazeres e formas de expressão do povo são vistos no tempo passado, como se não existissem mais. Em segundo lugar, o reduzido espaço para o protagonismo dos descendentes como pessoas que fazem a salvaguarda desses saberes por meio da tradição oral e terceiro, o enquadramento desses saberes como algo menor, pitoresco ou folclórico.

Para o enfrentamento dessa problemática, a atividade proposta: compreendeu aspectos socioculturais da Guerra do Contestado como manifestação viva, por meio das práticas saberes e fazeres dos caboclos e caboclas que moram nos sertões catarinenses, reforçando a centralidade desse sujeito social como protagonista e porta-voz da sua própria história, carregando toda a riqueza e contradições inerentes a essa posição, bem como, afirmou que os saberes de tradição oral do Contestado estão no mesmo grau de importância e complexidade dos saberes formais. Dessa maneira, as práticas encontraram eco nas experiências dos participantes, sendo eles resultado desse

meio, que reconhecendo-se em sua identidade cultural cabocla ou mesmo acaboclada, como traço indelével para aqueles e aquelas que habitam este território.

Objetivos atingidos pela atividade proposta

- I. Saber conceitos do patrimônio cultural imaterial que se relacionam com a tradição oral.
- II. Construir roteiro de visita de vivência de tradição oral em campo.
- III. Registrar saberes, fazeres e formas de expressão vinculados à tradição oral em comunidades com caboclos e caboclas do Contestado.
- IV. Reinventar saberes ou fragmentos de saberes de tradição em obras artísticas.
- V. Elencar formas e ferramentas de comunicação, sobretudo as digitais, que possam ser utilizadas para salvaguardar e difundir saberes e/ou obras criadas a partir da tradição oral.

Etapas da atividade proposta

A atividade proposta pode ser dividida nas etapas e respectiva duração conforme tabela 1 abaixo.

Tabela 1: Atividades e respectivas cargas horárias executadas durante as etapas aplicadas na metodologia de ensino proposta.

Etapa	Atividade	Duração (minutos)
1	Encantamento, chegada griô	10
2	Círculo de cultura: patrimônio cultural e tradição oral	45
3	Construção de roteiro de vivência de tradição oral	60
4	Troca de saberes sobre as vivências de tradição oral	30
5	Reinvenção dos saberes em linguagens artísticas	120
6	Investigação de suporte de comunicação digitais para salvaguarda e difusão de saberes e/ou obras criadas	60
7	Círculo de cultura: avaliação do processo	30

Fonte: elaborado pelo autor.

Encantamento, chegada griô

O encantamento é uma acolhida aos participantes das atividades com cantigas e danças que são utilizadas para a louvação do saber de tradição oral e da ancestralidade. As cantigas foram apreendidas em atividades vivenciais, boa parte dos casos com a própria mestra ou mestre de tradição oral e quando não, a partir de algum brincante que deixa nítido quem o ensinou. Desse modo, quando o autor iniciou a atividade cantando a “Dança do Urubu”, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I9pIHMIEMaE>>, ele refere que aprendeu com Mestre Mimi, que por sua vez aprendeu com seu Avô, a quem chamava de “Pai Grande”, no interior de Campo Belo do Sul. As pessoas foram convidadas a se expressar de forma livre, sendo já estimuladas a revisitar por um processo corporal suas memórias e sentidos relacionados ao tema da atividade, que são os saberes de tradição oral do território do Contestado. Essa chegada foi também momento de integração do grupo, guiada pela metodologia da pedagogia griô, que tem como parteira pedagógica Lilian Pacheco e como co-criador Márcio Caires, ambos da Associação Grãos de Luz e Griô, de Lençóis/BA. Ela coloca como centro do saber a vida, a identidade e a ancestralidade dos estudantes. A vivência, a oralidade e a

corporeidade são referências do processo de elaboração do conhecimento e os griôs e mestres protagonistas na educação da comunidade, disponível em:
<<https://graosdeluzegrio.org.br/pedagogia-grio/o-que-e/>>.

As práticas de pedagogia griô (PACHECO, 2015) são facilitadas por um griô aprendiz ou um educador griô que conduz amorosamente os trabalhos com vistas à participação de todas e todos da forma como cada pessoa conseguir se colocar na roda, que é a forma que a atividade acontece de maneira presencial e simbolicamente no formato virtual, com as limitações impostas pelo suporte digital. De qualquer modo, a vivência griô é um convite à celebração e valorização da vida. Os recursos necessários são instrumentos musicais e uma sala com espaço livre para que as pessoas consigam se movimentar. Caso a atividade seja online, é necessário que todos e todas tenham acesso à sala de reunião com dispositivo com câmeras, que deverão ficar abertas o tempo todo, conferindo qualidade à presença das pessoas.

Círculo de cultura: patrimônio cultural e tradição oral

Nesta etapa tem-se por base o círculo de cultura de Paulo Freire que propõe a elaboração de um conhecimento de forma coletiva, dialógica e autônoma, na qual todos os participantes têm a oportunidade de colaborar com o tema proposto. A atividade proposta utilizou um formato metodológico do círculo de cultura desenvolvido pela educadora biocêntrica Ruth Cavalcante da Universidade Federal do Ceará (CAVALCANTE & GÓIS, 2017), também disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ybfgY9Pu7U8>>. Ele consistiu na escolha de um tema gerador, “o que é a cultura imaterial e a tradição oral do território do Contestado”, que foi discutido de forma cumulativa e sequencial a partir de duas até seis pessoas, com tempo determinado de fala e escuta ativas, sem interrupções à pessoa que estava fazendo uso da palavra. Ao chegar no grupo de seis pessoas, as contribuições de cada participante foram sistematizadas numa síntese da discussão e expressadas materialmente, por alguma forma de linguagem, seja formal ou artística. Tal síntese foi apresentada para o grupo constituindo um conhecimento elaborado sobre o tema, a partir do conhecimento dos participantes da atividade. Por último, realizou-se uma

reflexão crítica sobre os conteúdos apresentados, onde foram trazidos conceitos básicos sobre o tema gerador.

Construção de roteiro de vivência de tradição oral

Uma vez o grupo ter vivenciado a integração griô com a chegada e a construção dos conceitos basilares de patrimônio cultural imaterial e tradição oral, o convite foi para a construção coletiva de um roteiro para servir como guia da atividade de campo, uma vivência de tradição oral.

A vivência aqui é entendida como forma de estar presente no aqui agora em plenitude, fruindo nas ações e nas emoções do tempo vivido, no qual a pessoa é implicada na experiência da qual faz parte, diferente da condição de observador, que geralmente, é aquela que se coloca o sujeito em uma atividade de campo num ato de pesquisa, por exemplo. O roteiro contribuiu para manter o foco no aprendizado dos saberes de tradição oral com as pessoas e com o local escolhido. Começada a experiência, a orientação foi “marcar” o saber no corpo de forma orgânica, ou seja, se colocar no papel de aprendiz de algum saber ou fazer de tradição oral a partir do ensinamento de uma pessoa mais velha, para a posterior reinvenção desse conhecimento por meio da arte.

Troca de saberes sobre as vivências de tradição oral

Findado o período de visitas em campo, os participantes da atividade tiveram espaço para a troca e o relato da experiência, compartilhando as sensações e os desafios encontrados. Diversos locais e diferentes pessoas foram visitadas, a localidade do Rio do Meio em Lebon Regis/SC, a casa dos avós, o caso de um conhecido no meio da rua, espalhados no meio urbano e rural. Essa diversidade possibilitou o acréscimo de outra camada de aprendizagem, de que na tradição oral, o conceito de território se expande, pode ser um local de existência física, um sítio histórico como Taquaruçu de Cima em Fraiburgo/SC, ou também uma casa, um altar, o corpo ou memória do mestre e da mestra de tradição oral. A apresentação dos relatos foi importante para o exercício do aprendizado pela experiência do outro e pelo exercício da escuta ativa, na qual os ouvintes foram orientados a perceber a fala do outro buscando de maneira receptiva e atenta, compreendendo a singularidade de cada ser e de cada momento vivido. Foi também o momento no qual se começou a maturar a forma ou formas pelas quais o saber aprendido pode se transformar e de que maneira essa reinvenção poderia acontecer.

Reinvenção dos saberes em linguagens artísticas

Aquele conjunto de saberes vivenciados e partilhados foi substrato para ativação da força criadora. Chegou o momento de lançar mão de linguagens artísticas ou não que pudessem expressar e comunicar o conhecimento adquirido, aqui convertido em conteúdo, numa forma para apresentação. Não se buscou nessa etapa um produto artístico como sinônimo de beleza no sentido formal, ou da virtuosidade da técnica. O importante foi a capacidade expressiva dessa forma, ou seja, se ela se comunicou com o meio e o saber que nela está implicada, como no exemplo de reinvenção relatado a seguir: um participante vivenciou uma experiência de aprendizado de uma reza cantada de recomendação das almas com uma detentora de saber de um grupo tradicional. O momento foi registrado em vídeo com um smartphone, mas sobretudo no corpo e na memória de quem viveu. Em seguida, esse saber tradicional foi transformado numa cantiga de roda, na qual se escolheu uma estrofe de fácil repetição e apreensão, sendo acompanhada com movimentos propostos pelo participante, agora, brincante. Dessa forma, uma reza cantada que possui um sentido sagrado, num contexto do ritual da recomendação das almas foi reinventada como uma cantiga de roda. Um processo como esse é de investigação e produção

peçoal, mas que pode ser construído no coletivo e que irá gerar um resultado material, vinculado à linguagem ou linguagens artísticas utilizadas, no exemplo acima, a música.

Levantamento de suportes de comunicação digitais para salvaguarda e difusão de saberes e/ou obras criadas

Os produtos de reinvenção criados e os saberes de tradição oral vivenciados encontraram suporte em plataformas e ferramentas digitais que se converteram em mecanismos de salvaguarda e difusão de conteúdo. Foi uma oportunidade de explorar o diálogo intergeracional entre os detentores de saberes tradicionais e detentores de saberes de ferramentas digitais contemporâneas, abrindo um campo de troca e aprendizado mútuo.

O levantamento partiu da experiência e afinidade de cada participante com as ferramentas e dispositivos digitais. Foram elencadas: plataformas de redes sociais de vídeos, fotos, áudio e textos como Youtube, Google Cast, Instagram, WhatsApp e WordPress e, por fim, a plataforma Tainacan. Foi feita uma breve análise sobre as limitações e contradições do uso desses meios de comunicação, em especial no tange ao direito autoral e a

propriedade dos conteúdos que quando publicados em espaços criados por multinacionais são de propriedade também das empresas. Diferente das plataformas em código aberto como a plataforma de blog e sites WordPress e a Taiancan uma plataforma de repositório digital, bastante utilizada para a constituição de acervos digitais em todo o mundo.

Círculo de cultura: avaliação do processo

Os participantes foram convidados a participar de outro círculo de cultura, desta vez, em perspectiva de todo o processo vivenciado. Nessa atividade foram elaboradas três perguntas para serem respondidas por todas e todos: 1) Como avalio o resultado alcançado por mim na atividade em comparação com as minhas expectativas? 2) Como percebi minha produção em relação à produção de meus colegas? 3) Qual a avaliação que faço da atividade como um todo, em relação aos meus conhecimentos de patrimônio imaterial e tradição oral do território do Contestado? As perguntas orientaram uma discussão e reflexão acerca dos processos individuais e também coletivos, experimentados no curso das atividades. Ao final das falas, aqueles e aquelas que desejassem, foram estimulados a expressar uma síntese da sua fala num pequeno texto.

Aspectos interdisciplinares envolvidos, possíveis planejamentos conjuntos e resultados alcançados

A atividade proposta transversaliza com diversos conhecimentos da área das ciências humanas, como a história, geografia, sociologia, artes, ecologia e educação. Do mesmo modo, interage com saberes de tradição oral que tem por mestres e doutores, por assim dizer, os caboclos e caboclas de domínio das artes populares, transmitidos de geração a geração pelo fio invisível da oralidade. Há um dito popular, aprendido com o agricultor Adilson Rech, que diz “quem quer causo não tem pressa”. É importante considerar o tempo, das pessoas, da natureza, da vida, sobretudo. Nesse sentido a interdisciplinaridade aqui proposta transcende os saberes formalmente constituídos para adentrar na seara dos saberes fazeres e formas de expressão da tradição oral e que são abundantes no território do Contestado. O aspecto interdisciplinar é em última instância a própria vida e os encontros que ela proporciona.

Compreendendo as limitações do conjunto de atividades propostas e do formato de realização, o planejamento em tela pôde dialogar com outras atividades propostas, pois acima de tudo, elas se conectam na temática em comum. Foi enriquecedor a troca e mesmo o enlace de algumas ações, como a ampliação

do conhecimento sobre obras de diversas linguagens artísticas produzidas no território do Contestado, na música, no audiovisual, na literatura e nas artes cênicas, ampliando o repertório cultural dos participantes e a partir do contato com essas obras, conferindo-lhe maior capacidade reflexiva e crítica para compreender sua própria realidade. Importa salientar a diversidade de olhares e experiências dos professores e alunos que foram atendidos e beneficiaram-se em muito com essa conversa entre as ações realizadas.

Considerando as questões acima expostas, como resultados alcançados, houve a sensibilização dos participantes acerca do patrimônio imaterial e dos saberes de tradição oral. O estímulo que esses conhecimentos possam ser aprofundados de acordo com o interesse e/ou necessidades de cada sujeito no exercício profissional, em especial de pessoas ligadas à educação e arte. A compreensão da vida como centro do saber, conforme conceituado pela pedagogia griô, nos territórios e nas comunidades tradicionais de caboclos e caboclas no território da Guerra do Contestado. O levantamento de um conjunto saberes e fazeres registrados a partir das vivências dos participantes, e por fim, o estímulo ao uso das ferramentas comunicacionais

elencadas, como possibilidade de salvaguarda, registro e difusão de conhecimentos.

De todo modo, a realização das oficinas e a participação de público interessado em, por meio da educação contribuir para o fortalecimento da identidade cabocla no território do Contestado, é em si mesmo o maior resultado conquistado. E pode ser o embrião para futuras ações em coletivo de forma coordenada, por toda a região, criando possibilidades que o discurso emergja na primeira pessoa, com o protagonismo dos sujeitos de sua própria história, para que o imaginário popular possa ser enriquecido por narrativas de diferentes pontos de vista, numa compreensão da cultura como processo dinâmico e em contínua transformação, que tem nas artes um veículo de fundamental importância para a fruição e a difusão das questões históricas e também contemporâneas do Contestado.

Referências

PACHECO, Lillian. A Pedagogia Griô: educação, tradição oral e política da diversidade. **Diversita**, a. 2, n. 3, 2015.

CAVALCANTE, Ruth; GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Educação Biocêntrica: ciência, arte, mística, amor e transformação**. Fortaleza: Edições CDH, 2015.

OS RESULTADOS DA EDUCAÇÃO CABOCCLA DO CONTESTADO

*EDUARDO DO NASCIMENTO & HELLEN HEINE CARLIN
BARRETO FERREIRA*

A entrevista aqui analisada, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YvhRESuo2NY>, foi organizada para o curso Aprendizagens da Rede Cabocla de Educadoras e Educadores do Contestado como forma de compartilhar os resultados do projeto chamado de Teatro Caboclo, realizado na escola do campo, 30 de outubro, localizada no município de Lebon Régis/SC coordenado pela professora Hellen Barreto. Esta escola é a principal referência em toda a região, enquanto instituição, de educação voltada para o Contestado, a partir do trabalho pedagógico desenvolvido por professoras e professores que lá trabalham. Desta forma, as respostas serão comentadas em busca de evidências sobre a construção do pertencimento e do fortalecimento da identidade, os quais

constituem o principal resultado e caracterizam a Educação Cabocla do Contestado.

Uma criança na fase de letramento lê o texto por ela produzido: “A Guerra do Contestado foi muito ruim, muitas pessoas morreram e tiveram que sair de suas terras e causou muito sofrimento, dor e destruição da natureza. A Guerra do Contestado não foi legal e aconteceu aqui na nossa região e a nossa cidade de Lebon Regis, Santa Catarina, o coração do Contestado”. Em seguida, a professora Mariá Juliel dialoga com as crianças: “Por que aconteceu essa Guerra será? Por causa da terra! E o que mais? E dos trilhos! Tá, mas eles queriam levar o que nosso? Os pinheiros, e as árvores, e a madeira, queriam levar a terra! As mulheres e as crianças ficaram orando pra que não acontecesse nada. E o que eles fizeram? Eles tiveram dó? Eles tiveram piedade? Não!”

Este breve diálogo introdutório revela o resultado do ensino sobre o Contestado que se faz presente nesta escola desde os anos iniciais, atendendo a um público principalmente de assentados da reforma agrária. Isto se dá na direção contrária do que ocorre na maioria absoluta das escolas, nas quais a prática pedagógica das fases iniciais, momento em que se deve introduzir

as relações sociais, estabelece uma visão hegemônica e passiva, que nega os conflitos e esconde a identidade, principalmente dos grupos oprimidos. Aqui, estas relações são problematizadas a partir da História da Guerra do Contestado e, desde logo, as crianças compreendem que o seu pertencimento ao lugar onde vivem é condicionado.

Inicialmente, a professora e coordenadora do projeto teatro caboclo, Helen Barreto, pedagoga especialista em educação especial que trabalha na escola desde 2017, explica como foram desenvolvidas as atividades:

...então, essa prática acontece de uma forma muito presente e muito completa, eu diria. Ela começa lá dentro da sala de aula quando a professora Juliel está trabalhando a escrita e utilizando palavras do Contestado no contexto dos alunos. Está nos conteúdos que os professores estão trabalhando, quando a professora Eliane está alfabetizando com esses elementos do Contestado. A gente já fez livros e cada aluno escreveu o seu, contando a sua história a partir dos sujeitos do Contestado, que não são somente aqueles que marcaram a história da Guerra, mas, os sujeitos como um todo, desde aquela pessoa que a gente nunca ouviu falar. Então, eles tentam contextualizar isso com o hoje. Quem era a mulher do Contestado, quem era a criança do Contestado e se fosse eu? É esse sentimento de empatia, de poder se colocar no lugar do outro e também mesclar com as lutas de agora, que é a principal conquista da escola.

Já estamos indo pra 7ª peça. A peça escrita em 2019 foi que nos motivou mais, porque foi a primeira peça autoral, quando eles começaram a escrever. Foi tão especial essa peça para nós, que depois, ela acabou virando o filme, Para não esquecer a Guerra, produzido pela Plural Filmes e que acabou sendo premiado no festival de cinema de Florianópolis e no festival internacional de cinema infantil na França. A história do Contestado foi contada para muita gente a partir desse filme e ainda será contada, pela voz das crianças, pela voz daqueles que se apropriaram disso e que vão levar para as próximas gerações.

A enorme importância de se desenvolver uma prática pedagógica freiriana continua vigorosa no Contestado, surpreendendo e mostrando o seu alcance de acordo com os resultados constatados nesta entrevista. As crianças do Contestado são o resultado de práticas de opressão e autoritarismo, que perdura desde antes da Guerra, levando ao silenciamento da rebeldia cabocla com os massacres, seguido de mais de um século de apagamento cultural sistemático. A superação desta condição perpassa pela educação das crianças, requerendo abertura suficiente para ter com elas um olhar de respeito à sua ancestralidade, suas especificidades no agora e suas necessidades para um futuro digno. Parte-se do lugar ocupado pelas crianças e pelos seus professores na escola e na sociedade, para só então, juntamente com elas, conquistar outros

lugares, considerando suas vozes, suas formas de experimentar e compreender a realidade.

Entrevistou-se 15 estudantes que participam do Teatro Caboclo encenando textos e declamando poesias produzidas por eles mesmos ou por outros colegas seus, além de construírem coreografias de dança e tocarem músicas, resultando num projeto pedagógico desenvolvido nesta escola com grande reconhecimento e importantes impactos para a perpetuação da história e da cultura cabocla em toda a região do Contestado. Participaram estudantes do 5º ano do ensino fundamental ao 2º ano do ensino médio, no presente momento, estavam com 10 anos a 16 anos de idade, mas que, participam do projeto desde 2019. Quando questionados sobre quais foram os seus aprendizados durante este projeto responderam:

- *Ah, eu aprendi com a minha fala que as mulheres precisam ser respeitadas e daí eu aprendo muitas coisas, tipo assim, com a Guerra do Contestado, como se eu fosse um caboclo mesmo.*
- *Eu aprendi o que os meus antepassados sofreram na Guerra, por exemplo, imagine você um dia, tá ali com arroz e feijão, no outro dia você acorda e nem casa tem.*
- *A gente aprendeu que o caboclo é guerreiro, ele vai lutar pelo que ele tem e nunca vai desistir.*

- *Eu aprendi no teatro que, muitas vezes, a gente tem que se levantar que nem os caboclos, eles lutaram pelo que eles acreditavam.*
- *Nossa, eu aprendi muita coisa porque eu era muito ansiosa, eu não tinha confiança em mim mesmo, aí o teatro me ajudou muito, por conta de que, eu tinha que decorar os textos para falar bonito na frente e eu consegui isso, eu consegui ser mais responsável.*
- *Você aprende muita coisa por que é uma mistura de sentimentos e emoções. Você aprende trabalhar em grupo, você aprende a lidar com as suas emoções em cima do palco, você se sentir como uma atriz, como um ator é muito gratificante e você se sentir parte do Contestado é muito legal. Eu aprendi muito e sou muito grata por todo o ensinamento que o Contestado me deu.*
- *Ah, eu aprendi a trabalhar em grupo a ter uma relação em família, porque querendo ou não, os participantes do teatro se tratam todos como família, como é que eu posso falar, me sinto o máximo quando falo em participar do teatro aqui na escola.*
- *Eu aprendi a me colocar no lugar do próximo, a sentir e entender toda dor que eles sentiram.*
- *Olha eu aprendia realmente a história do nosso município porque tudo aquilo que a gente aprende em sala de aula não é nem metade da história que foi vivenciada e você participando e buscando entender o que os personagens realmente passaram naquele período é quando você sente todo aquele sentimento de dor, de raiva, de ódio e se sente angustiado, então eu acho que todo mundo devia ter um conhecimento e pelo menos tentar sentir o que o povo passou.*
- *Eu aprendi a história do nosso povo, não do povo sofredor, mas, do povo batalhador e também que devemos espalhar para as pessoas ao nosso redor a história dos nossos antepassados e do chão que pisamos.*

Observa-se que a prática pedagógica aplicada, humanista e libertadora, histórica e crítica, produz efeitos fundamentais na constituição dessas crianças enquanto sujeitos. A empatia e o despertar de sentimentos são traços marcantes e cruciais para a construção da identidade cabocla e, conseqüentemente, do pertencimento ao Contestado, que juntamente com a representação da própria vida por meio do teatro e das artes, transforma-se em sentimento vivo em cada um deles, despertando capacidades e autodescobertas. Todo conhecimento que é profundamente sentido, torna-se aprendizado para vida inteira, por isso, consolida tal identidade coletiva, dando significado a um existir histórico. A partir da História do Contestado, os estudantes enfrentam sentimentos difíceis e pesados numa fase de reflexão e assimilação. Contudo, sentimentos que são convertidos com a plenitude da superação, a partir do reconhecimento deles e do compromisso de espalhar seus saberes, agora incorporados. Resultados comprovados nas falas dos estudantes quando questionados sobre os seus sentimentos durante as atividades:

- *Eu acho que é mais assim, medo de errar e estar ansiosa. Durante as apresentações ali, a tristeza de estar representando a Guerra, a fome, as mortes e depois era orgulho por ter conseguido e ter ficado legal.*

- *Eu também fiquei com muito medo na hora do teatro, medo de verdade, porque muitas vezes tinha os tirinhos (espoleta), os tiros de espingarda e a cada tiro que dava eu me mexia assim oh (tremendo). A minha emoção durante o teatro foi de um pouco de raiva, porque você ver que a própria nação tentou matar seu próprio povo, entendeu. E depois do teatro, foi tipo a emoção que a gente lembrou assim, porque muitas pessoas esqueceram que foi a Guerra e o que aconteceu. Ah, já aconteceu, já foi, acabou-se. Não, para mim é diferente.*
- *Olha quando eu tava falando ali dava um pouco de nervosismo né, olhar pra uma plateia e ter que falar para ela, mas depois você acaba sentindo uma sensação de vitória por ter passado, mas é muito bom também, ver a emoção no rosto das pessoas, por causa daquela emoção dá pra ver que a gente tá ensinando a história dos nossos antepassados, do nosso povo para ela.*
- *Durante as apresentações ali eu senti como se eu tivesse mesmo na Guerra, participando lá, me senti muito triste. É como se o sentimento das pessoas daquela época tivesse passando por mim.*
- *Ah, eu me senti como se eu fosse um artista famoso, alguém de muita fama assim, fazendo aquilo mesmo sendo meu primeiro teatro. Quando eu tava fazendo o teatro eu me sentia como sendo um Caboclo, tipo um pouco da história que aconteceu.*
- *Falando um pouco mais da escola que eu estudo, eu acho muito interessante a forma que é aplicada a educação aqui. Entender porque o ser humano não deve ser encarado apenas como uma ferramenta né, apenas ler, escrever, decorar termos e aplicar durante a prova. É muito mais do que isso, é você desenvolver o que temos de melhor dentro de nós. Além de você ser um profissional e trabalhar no seu horário periodicamente, é você ser humano e aplicar o seu papel na sociedade, seja como pai, seja como mãe, seja como trabalhador e ser muito mais do que a sociedade diz pra você.*

Conhecer a própria história é um fator essencial para a formação humana individual e coletiva. Cultuar os fundamentos que são basilares na raiz cabocla na região do Contestado, de forma que, a identidade dos sujeitos seja vista na sua realidade, promove o respeito à coragem e o espírito do povo que ainda hoje batalha por melhores condições de vida. Na escola 30 de outubro, a expressão artística está fortemente presente nos educandos, nos talentos diversos demonstrados na música, na poesia e na declamação. Isso porque, os estudantes são remanescentes dessa cultura, vivem e preservam as práticas das místicas, trovas e cantos, que estão presentes nas famílias. Esta expressão artística dos estudantes não se desenvolve por acaso. Seus pais, avós e demais antepassados, provenientes de comunidades caboclas assentadas, conviviam com esse tipo de práticas, nas festas das comunidades, nas comemorações familiares e nas comunidades eclesiais. A manifestação artística eterniza histórias por seu poder de encantamento. Portanto, dentro da escola, recriar a partir daquilo que é conhecido e familiar, torna-se essencial dentro para guardar memórias, numa reconquista necessária e urgente das raízes de um povo.

Esse é o seu mais valioso testamento: um saber que torna possível viver. As gerações mais novas, assim, são poupadas do trabalho de inventar tudo de novo. E os jovens aprendem com alegria as lições dos mais velhos: porque suas lições os fazem participantes do processo de vida que une a todos. A aprendizagem da linguagem se dá de forma tão eficaz porque a linguagem torna a criança um membro do grupo: ela participa da conversa, fala e os outros ouvem, ri das coisas engraçadas que se dizem. O mesmo pode ser dito da aprendizagem de técnicas: o indiozinho que aprende a fabricar e a usar o arco e a flecha, a construir canoas e a pescar, a andar sem se perder na floresta, a construir ocas está se tornando num membro do seu grupo, reconhecido por suas habilidades e por suas habilidades e por sua contribuição à sobrevivência da tribo. O que ele aprende e sabe faz sentido. Ele sabe o uso dos seus saberes (ALVES, 2012, p. 56-57).

No sentido de reforçar os conhecimentos gerados com esta proposta pedagógica, estendendo a discussão sobre os aspectos interdisciplinares envolvidos, a coordenadora do projeto, professora Hellen Barreto, aponta:

...a escola acabou não somente pensando nessas apresentações, mas, acabou fazendo um estudo do Contestado de uma forma interdisciplinar, eu diria. Porque a partir daí começou a se pensar em não somente fazer algo cultural, mas, se apropriar desse conhecimento, para que, essa apresentação tivesse

sentido na vida dos alunos e na vida dos professores também. Então, houve um estudo interdisciplinar a cada tema proposto pela Associação Cultural Coração do Contestado para a Semana do Contestado. Esses temas são muito diversificados. Tem ano que a gente fala sobre o monge, tem peças que a gente fala sobre a mulher ou peças que a gente fala sobre a guerra como um todo. A escola acaba trabalhando de forma interdisciplinar nesses temas. O professor de história vai contar a história desses momentos da Guerra, o professor de sociologia vai analisar as relações políticas, a professora de biologia vai trazer de uma forma científica outras facetas do Contestado, que não se restringe a Guerra. Quando a gente tá numa escola do campo basta olhar em volta e ver que o Contestado tá no dia a dia, quando a gente vai pra horta, por exemplo, colhe, planta e faz isso em conjunto, quando a gente vai no relógio biológico e pega uma planta medicinal e tem essa prática de fazer o chá pro teu aluno. Esse carinho de casa né, ou mesmo, quando a gente faz um café solidário e todo mundo partilha disso. Então, é uma prática muito linda e que remete ao povo do Contestado. A gente vai ouvir textos que foram escritos por alunos do terceiro ano do ensino fundamental e declamados pelos alunos do terceiro ano do ensino médio, por exemplo. Essa troca de saberes é muito bonita de ver. Isso porque, alguns alunos gostam de escrever, mas não gostam de declamar e eles doam esses textos pro teatro. É muito diferente você escrever um texto que vai ser somente corrigido ou a motivação de escrever um texto que vai ser ouvido por outras pessoas.

As características interdisciplinares são irrefutáveis na Educação Cabocla do Contestado. As aulas são planejadas em conjunto com base em uma problemática comum, existe a construção conjunta dos produtos de aprendizado entre todos os anos escolares, bem como, há protagonismo estudantil com a missão de levar esse conhecimento para a comunidade. Para além das metodologias de ensino, transfigurar palavras ocas sobre a História do Contestado em sentimento de pertença, só acontece por meio da oralidade, na interação com a comunidade, portanto, na interlocução desses conhecimentos com a própria vida dos estudantes, como relatam educadora e seus educandos acerca do resultado efetivo do projeto do Teatro Caboclo:

- *Essas práticas acabaram trazendo frutos para nós e o principal fruto é a apropriação do reconhecer-se caboclo, se apropriar e se entender enquanto caboclo do Contestado. Estar numa região que é rica em cultura, mas que é rica também porque é uma terra produtiva, uma terra que é abençoada e tão bonita de se ver pela paisagem, mas que, é tão gostoso de se estar também. Durante muitos anos a gente tinha vergonha de ser chamado de caboclo. O caboclo era visto de uma forma muito pejorativa. Hoje em dia eles batem no peito e dizem eu sou caboclo. Isso é a principal conquista da escola, eu diria.*
- *Não só na escola, mas, eu acho que pra minha vida assim, pros meus pais eu conto essas histórias, minha avó recorda comigo, então eu acho que eu vou passar pros meus filhos também, só de pensar nisso, meu Deus, como isso é bom né.*

- *Quando eu era criança ainda, estava entrando na fase da adolescência eu conheci a Guerra do Contestado. Ocorreu com tais Estados, teve o conflito entre os cabocos e o governo, só que para mim ainda era só uma história, eram ainda palavras vazias. Eu não entendia ainda a dimensão dessa história. A partir do momento que eu fui me interessando realmente, investigando, eu tomei consciência. Cara não é só uma história, entende. É a minha história, tal fulano da minha família teve participação na Guerra, a minha família carrega as raízes, as marcas, os costumes do povo caboclo. Então, com certeza o maior sentimento que eu desenvolvi através desse trabalho com a Guerra do Contestado foi um sentimento de pertencimento.*
- *Me senti parte do Contestado porque, querendo ou não, quando a gente entra no teatro, a gente vai a fundo, vai procurar o que é o Contestado. Você vai conversando com uma pessoa, conversando com outra e vê que pessoas da nossa família tiveram na Guerra, ou seja, posso ter feito parte da Guerra também, não hoje, mas meus antepassados, então eu me sinto parte do Contestado. É uma coisa inexplicável é arrepiante você conhecer os lugares onde a Guerra passou você sentir a energia daquilo.*
- *Eu acho que é muito bom a relação que a nossa escola tem com essa questão de trabalhar o Contestado aqui dentro, porque a gente tem o poder nas nossas mãos de mostrar para as pessoas a real história, de ir contra as mentiras presentes nos livros didáticos e mostrar a verdadeira história, o verdadeiro significado de toda essa Guerra, do porque aconteceu e do porque essas pessoas lutaram. A gente tem o poder de defender os caboclos e de honrar todas aquelas pessoas que morreram por um pedaço de terra. Eu acho que é lindo o que a gente faz. Estar presente numa escola aonde a gente valoriza as nossas raízes é muito gratificante, porque pessoas que não se identificam com as suas próprias raízes são pessoas vazias.*

Há necessidade de incorporar o estudo efetivo sobre os sujeitos do Contestado nas escolas, conectando as histórias e as vivências do caboclo de ontem com os sujeitos de hoje, nos assentamentos, nas pequenas cidades ou nas periferias, como forma de compilação dos conhecimentos adquiridos a partir da própria história, para que então, se preserve a memória do Contestado compartilhada com toda a comunidade, guardada em objetos, fotografias, registros e composições artísticas nas formas escrita, cantada, dramatizada ou dançada. Essa história é valiosa. Aquela que conta o modo peculiar de viver, a maneira de preparar o chimarrão, a forma de sovar e assar o pão no forno de barro. O plantio e a colheita, a divisão de tarefas, a distribuição dos alimentos. A sabedoria do preparo das ervas, que muitas vezes são acompanhadas de rituais respeitando-se determinadas épocas do ano, os alimentos abençoados pelo Monge, como a couve, o batismo nas águas santas e as rezas.

Este modo de vida é muito distante do que é visto atualmente. Contudo, novas narrativas podem ser criadas por meio da memória. A criança, com sua fértil imaginação e conhecedora da sua história, é capaz de imaginar fatos, criar conjecturas com fundamentos consolidados em fatos reais. Pode-se pensar em finais felizes, em novos acontecimentos, que

mudam o trajeto e o destino final dos sujeitos que interpretam uma história isolada sobre destino de uma personagem ou do destino do povo do qual aquela personagem faz parte, pois, a criança acaba criando uma representação de si mesma. Aí abre-se espaço para a produção dos educandos, tirando o caboclo do Contestado do anonimato e dando a ele a real importância e um novo significado para a sua existência histórica. A escola é o espaço para criar e produzir, viver, plantar e colher, para dar sentido à sua existência por meio da sua palavra. São com seus gestos e vozes, que os educandos podem garantir a sobrevivência da história de um povo, de uma comunidade.

Que as asas da imaginação andem de carona da garupa dos seus cavalos e possa trazer de volta toda a experiência na certa, que deu certo, vivido no passado, e que pareça não envelhecer, e assim conservar a tradição e os costumes de um povo que construiu, dentro das suas possibilidades e realidade da época, que ainda não distante, o desenvolvimento de um futuro promissor (PRADO, s.d., p. 35).

Para finalizar a professora Hellen Barreto destaca elementos que constituem o Ser Caboclo do Contestado:

...apesar de todas as coisas, de todas as lutas, da igreja queimada, da casa queimada, do sítio destruído, das mortes e das muitas outras atrocidades que aconteceram no Contestado, o caboclo não acabou. Eles fizeram guerra e o caboclo não acabou. Teve fome, teve frio, teve dor e o caboclo não acabou. Ser caboclo é isso, é ser valente e passar essa valentia de geração em geração, para que as lutas continuem sendo enfrentadas em conjunto. Para que os nossos os alunos enfrentem essas lutas do dia a dia. Que eles cresçam e se tornem homens e mulheres caboclas e carreguem essa valentia. O legado que queremos deixar pros nossos alunos é que somos guardiões da nossa história, que podemos construir uma nova história, sendo donos do nosso lugar.

Elementos como a valentia, muito bem colocada no relato acima, somado a outros elementos culturais fundamentais, também encontrados nos relatos dessa entrevista, como os cuidados e a esperança oriunda de uma relação não exploratória e não comercial com o ambiente natural, do qual o caboclo faz parte, se traduzem em coesão social e pertencimento. São João Maria é quem carrega tal simbologia, lembrando das obrigações de cada um e assegurando a marca do sagrado. Faz referência à capacidade que os caboclos do Contestado têm para conservar os seus sentimentos coletivos, reforçando a sua identidade. Sua

essência é vivida com o sentimento de total dependência, respeito e confiança. É esta construção imagética que torna sensível a presença histórica do povo caboclo, fazendo dessa presença realidade viva, portanto, verdadeira na vida de cada estudante da escola 30 de outubro.

Referências

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papyrus, 2001.

PRADO, Adelmir Carlin do. **História do município de Lebon Régis: Memórias em volta do fogo de chão**. Lebon Régis: s.n., s.d.

REDE CABOCLA DE EDUCADORES (AS) DO CONTESTADO

Este livro é mais um “tijolo” na (re)construção da Santa Irmandade Cabocla na atualidade, a qual é plural, contínua e traz no seu seio enormes desafios. Nessa reconstrução e superação dos desafios, a educação é fundante e junta-se as importâncias da música, do teatro, da poesia, da cultura, da gastronomia, dos benzimentos, das rezas e da Fé Cabocla nesse complexo processo. É um dos frutos da incipiente, porém, promissora Rede Cabocla de Educadoras e Educadores do Contestado, surgida dos esforços de diversas organizações sociais e redes do território do Contestado: Federal (Universidades e IF's), Estadual (Universidades e Escolas) e Municipal (Escolas) em particular da Rede Contestado de Educação, Ciência e Tecnologia. Acompanhei muito cercanamente os esforços das 12 educadoras e educadores autores dos capítulos para que este livro fosse produzido, destaco o papel da educadora Patrícia Frangelli Bugallo Lopes do Nascimento e do educador Eduardo do Nascimento organizadores. Se hoje temos uma Rede de Educadoras e Educadores no Contestado e estamos celebrando a construção desse primeiro material didático feito a muitas mãos, com a cara e o jeito das Caboclas e Caboclos do Contestado, precisamos fazer memória e trazer presente algumas Instituições Caboclas que há muitos anos lutam, resistem e constroem a Civilização e a Cultura do Contestado no dia a dia, são elas: Grupo Renascença Cabocla; Movimento Prol Construção da Universidade Federal do Contestado (UNIFECON); Associação Cultural Cabocla Filhos do Contestado; Associação Taquara Verde de União Social (ATAVUS); Associação Hayashi-há Vital Fraiburgo de Karatê-dô; Associação Cultural Matakitarani; Instituto Vicente Telles; Associação de Amigos do Museu do Contestado; Coletivo Nuvem Cabocla; Associação Cultural Coração do Contestado; Grupo Resgate; Comunidade Quilombola Campos dos Poli; Grupo Teatral Temporá; Comunidade Quilombola Invernada dos Negros; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); Coletivo de Negros de Videira; Grupo Multiplicadores do Contestado; Fórum Regional em Defesa da Civilização e Cultura Cabocla do Contestado e Associação Paulo Freire de Educação e Cultura Popular (APAFEC). Essa obra perpassa o fazer pedagógico dos educadores e estudantes no chão das Escolas, por isso, carrega em seu bojo reflexões sobre temas que são muito caros para a Civilização e a Cultura Cabocla do Contestado. Que este, seja o primeiro de uma série de materiais didáticos e livros produzidos pela Caboclada do Contestado de forma coletiva! Por isso, celebremos! Viva o Contestado! Viva a Irmandade Cabocla! Viva a Rede Cabocla de Educadoras e Educadores do Contestado!

Jilson Carlos Souza, Educador Caboclo e Comunicador Popular. Contestado, Dezembro de 2024.